

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**O VAZIO E O BURACO NEGRO NA PATOLOGIA LIMITE – UM
CONTRIBUTO DA/PARA A TÉCNICA RORSCHACH**

Virgílio Franco de Freitas Teixeira

Nº de aluno 10734

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**O VAZIO E O BURACO NEGRO NA PATOLOGIA LIMITE – UM
CONTRIBUTO DA/PARA A TÉCNICA RORSCHACH**

Virgílio Franco de Freitas Teixeira

Nº de aluno 10734

Dissertação orientada por: Prof. Dra. Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de mestrado realizada sob a orientação da Prof. Dra. Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES nº 19673/ 2006, publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

*Ao meu corajoso irmão, o meu
primeiro amigo.*

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Emília Marques, por acreditar neste trabalho, pela orientação didáctica, pela disponibilidade com que sempre me acolheu e pela generosa partilha do seu saber.

Ao Professor António Mendes Pedro, pelo afecto com que me acompanha por mares nunca antes navegados.

Aos amigos que aceitaram o desafio de pensar comigo esta tese. Em particular à Filipa, por partilhar comigo a paixão pela Psicanálise e pelo Rorschach, e pela vivacidade com que incentivou e se interessou por este trabalho.

Ao meu pai, pela presença de fundo, pelo investimento, pela sua dedicação e amor incondicionais.

À Ana, pela sua alegria de viver, por partilhar comigo o seu ser, por percorrermos juntos os caminhos do amor.

Resumo

O objectivo deste trabalho é a constituição de uma grelha de análise interpretativa da narrativa Rorschach, que permita identificar e descrever a acção do buraco negro na patologia limite. Estudamos a organização borderline à luz das perturbações da simbolização, procurando articular os conceitos de vazio, buraco negro e instinto de morte enquanto manifestações da carência dos processos de significação e de auto-regulação somato-psíquica. Traduzimos para a técnica Rorschach os principais pressupostos teóricos que expressam a acção do buraco negro (precária constituição da presença de fundo da identificação primária; objecto traumático; fracasso do continuar-a-ser; predomínio da simetria sobre a assimetria; redução da dimensionalidade do espaço mental; procura de estabilização identitária) e analisámos a narrativa Rorschach de um sujeito limite. Discutimos os resultados fornecidos pelos parâmetros de análise constituídos, procurando sintetizar as características do espaço psíquico do sujeito e salientar as manifestações do fenómeno em estudo. Finalmente, propõem-se futuras investigações sobre o tema através da constituição de novas grelhas de análise e do alargamento do estudo a outras organizações psicopatológicas.

Palavras-chave: organização limite; vazio; buraco negro; instinto de morte; Rorschach

Abstract

The aim of this study is the constitution of an interpretative analysis grid of the Rorschach narrative, which will allow to identify and describe the action of the black hole in the borderline pathology. We study the borderline organization in the light of the symbolization disturbances, seeking to articulate the concepts of emptiness, black hole and death instinct as manifestations of the lack of the processes of symbolization and somato-psychic auto-regulation. We translate to the Rorschach technique the main theoretical assumptions which express the action of the black hole (precarious constitution of the background presence of primary identification; traumatic object; failure to going-on-being; predominance of symmetry over asymmetry; reduction of the dimensionality of the mental space, search for the identitary stabilization) and analysed the Rorschach narrative of a borderline subject. We discuss the results obtained through the established analysis parameters, trying to synthesize the characteristics of the psychic space of the subject, and to point out the manifestations of the phenomenon in study. Finally, we propose future investigations about this subject through the constitution of new analysis grids, and the widening of the study to other psychopathological organizations.

Key-words: Borderline organization; emptiness; black hole; death instinct; Rorschach

ÍNDICE

Introdução	1
I	
1.1. O vazio mental	11
1.2. O desenvolvimento infantil à luz do problema	13
1.3. O vazio mental na patologia borderline	20
1.4. O buraco negro	25
1.5. Bion e o Universo em expansão	37
1.6. Matte Blanco e a duplicidade do Ser	53
1.7. Sínteses e integrações	64
II - Formulação do problema e objectivo	71
III – Metodologia	
3.1. Modelo de estudo	76
3.2. Método e instrumento Rorschach	77
IV - Procedimentos	87
V – Apresentação do sujeito	100
VI – Análise do protocolo	102
VII – Discussão dos resultados	115
VIII – Conclusão	126
Referências Bibliográficas	131
Anexos	138
Anexo A: O protocolo de Rorschach do João	139

Introdução

O desejo que presidiu à realização deste trabalho resulta de um profundo fascínio e inquietação pessoais face a um fenómeno humano essencial, a saber, o processo de formação do Ser/Sujeito Psicológico, assim como a constituição da sua contraparte dialéctica, o Não-Ser. Esta dicotomia, pela sua infinita abrangência, mobilizou-nos para o duplo trabalho de, por um lado, reflectir acerca da condição humana e das polaridades e paradoxos pelos quais esta se define e sustenta e, por outro lado, circunscrever, conceptualizar e operacionalizar o produto das nossas reflexões de modo a produzirmos um discurso, um problema e uma abordagem que se constituíssem como um contributo para a prática clínica, e que servissem o propósito que orienta este estudo – uma dissertação de mestrado.

Vale a pena comentar sucintamente os percursos que nos trouxeram até aqui, e que são a causa e a consequência do trabalho que agora apresentamos. Podemos referir-nos a estes percursos como a confluência de três perguntas e três respostas, aprofundadas nos próximos parágrafos: 1) O que vamos estudar? O humano na sua tripla dimensão de ser-sentir-pensar. Mais concretamente, estudaremos a patologia limite sob o vértice da simbolização, tomando esta última como um dos processos que garante a significação da experiência pessoal e a sustentação da continuidade do ser; 2) Porquê? Porque não nos parece que o sentimento de continuidade do ser seja um dado ontológico *a priori*, na medida em que, na clínica, encontramos sujeitos que estão, digamos, “despossuídos” de si próprios, com zonas de profundo vazio interno e, por isso, impossibilitados de pensar o sentir; 3) Como? Através do instrumento Rorschach, sustentado pelo modelo psicanalítico, procurando constituir um método de análise/interpretação da narrativa Rorschach que nos permita aceder às manifestações de um fenómeno interno particular (vazio mental e o buraco negro), numa lógica que privilegia a descrição e a compreensão da dinâmica do sujeito na sua singularidade.

Vamos ao percurso. No que concerne ao primeiro ponto (“o que vamos estudar?”), tudo surge de um conjunto de interrogações só possíveis pela própria natureza reflexiva da consciência humana, que num movimento que podemos designar como que em espiral, ascendente ou descendente, se questiona a si mesma. “O que sou?”, “Quem sou?”, “O que é e como funciona a mente, e que ligação tem esta com o sentir e o pensar?”. Deparávamo-nos

com uma trindade composta por ser-sentir-pensar, cujas relações e implicações nos eram ainda bastante obscuras. No 3º ano do curso, um primeiro passo foi dado para a clarificação deste “mistério”, aquando da realização de um trabalho anual para a disciplina de Psicopatologia. Baseando-nos na trilogia de António Damásio (*O Erro de Descartes, O Sentimento de Si e Ao Encontro de Espinosa*), realizámos um estudo sobre o substrato biológico da consciência e a indefectível relação entre esta e as emoções e os sentimentos. Muito resumidamente, para Damásio (1999) as emoções são um tipo de adaptação que consiste em “conjuntos complicados de respostas químicas que formam um padrão” e cuja finalidade “é ajudar o organismo a manter a vida” (p. 72), sendo activadas inconscientemente, como resposta a estimulação externa ou interna. Afirma que as emoções são indissociáveis da consciência e precedem-na, mas é esta última que permite conhecer ambas (consciência e emoções), para além de partilharem o mesmo substrato neural; por outro lado, o desenvolvimento da consciência conduz ao desenvolvimento das emoções, ou seja, é a consciência alargada que permite o reconhecimento tanto das emoções como dos sentimentos. A este trabalho chamámos *A Biologia do Ser e do Sentir*.

O aprofundamento desta questão foi, depois, possível através de outras perspectivas, nomeadamente pela familiarização com alguns modelos psicanalíticos, que nos ofereceram uma compreensão dinâmica e não biológica desta problemática (mais especificamente em relação a este primado da emoção sobre o pensar), e que serão exaustivamente explicitados ao longo desta dissertação. Não obstante, foi-nos reconfortante constatar uma harmonia entre saberes que, por diferentes vias, nos oferecem uma certa complementaridade, e que podem ser um prenúncio de alguma integração das clivagens existentes entre o modelo médico e o modelo psicológico.

Relativamente ao “porquê”, à razão por que consideramos importante este tema da integridade do ser e da constituição identitária, essa é-nos dada pela clínica. Ao longo do nosso estágio curricular no CAT das Taipas surgiu o pressentimento de que existe um profundo vazio nalguns dos utentes que lá procuram ajuda, vazio relacional e afectivo que conduz a um empobrecimento da fantasia, imaginação e significado da existência. Daí nasceu a vontade de fazer uma tese sobre o vazio e o buraco negro na toxicodependência, partindo do princípio de que a droga tem uma função de preenchimento e gratificação narcísica, acompanhada de uma retirada do mundo objectal e da sua inevitável turbulência e constante

transformação. Que “razões” e vicissitudes do desenvolvimento levariam o indivíduo a outorgar a sua liberdade de ser a esse poderoso agente externo (droga), que passaria a ter o poder de conduzir a sua vida e a justificá-la? Encontraríamos alguma especificidade? A “escolha” desse tipo de dependência, tão desorganizadora e aniquilante, seria uma mera questão de acaso ou oportunidade? Que panorama interno estaria recoberto por este comportamento?

Segundo Olievenstein (1990) e Fleming (2005), uma das características dos toxicodependentes é a intolerância à dor mental e à frustração, que procuram evitar sentir e pensar, optando por um alívio através da acção. Procurávamos encontrar alguma compreensão para a dificuldade/impossibilidade destes sujeitos em usarem o pensamento simbólico como forma de metabolização das tensões internas. No entanto, após longa pesquisa e discussão com os elementos das equipas técnicas do CAT e professores do ISPA, concluímos que uma ampla quantidade de diagnósticos diferenciais cobria a realidade interna dos sujeitos toxicodependentes, o que necessariamente traria grandes dificuldades conceptuais na organização de uma metodologia, bem como interpretações e sentidos radicalmente díspares consoante as diferentes manifestações patológicas. Por isso, sentimos necessidade de excluir a variável “toxicodependência” e focar-nos exclusivamente naquilo que nos era essencial: uma condição existencial sujeita a rupturas e descontinuidades, em que um sujeito, insuficientemente constituído enquanto tal, fica cativo de um balanceamento entre ser e não ser, existir e não existir para si próprio (o buraco negro). A organização borderline pareceu-nos ser um campo suficientemente abrangente mas também continente para o trabalho a que nos propomos. Aprofundaremos este tópico mais adiante.

Por último, o “como?”, a utilização do Rorschach como forma de mediar o acesso ao mundo interno do sujeito e, mais especificamente, ao fenómeno que procuramos estudar. Confessamos que o facto de ser um grande desafio é uma razão importante, principalmente tendo em conta a “história” da nossa relação com o instrumento. Se num primeiro momento o nosso encontro foi caracterizado pelo cepticismo, a “necessidade” (de sermos aprovados nas disciplinas de 3º e 4º anos do curso) forçou a nossa convivência. Num segundo momento, o objecto-Rorschach despertou-nos o interesse e a curiosidade, o que não só nos deu frutos (aproveitamento nas cadeiras de Métodos Projectivos), como também nos mobilizou para uma relação de reciprocidade e enriquecimento mútuo – o investimento no objecto-

Rorschach conduzia ao nosso próprio desenvolvimento enquanto futuros clínicos. O instrumento foi-se revelando um precioso/poderoso mediador e auxiliar no estudo aprofundado do sujeito, pela possibilidade de acesso a dimensões subtis do funcionamento mental, das suas dinâmicas, vicissitudes e potencialidades.

O terceiro momento é aquele em que nos encontramos: um sentimento duplo, em que por um lado queremos arriscar testar os nossos conhecimentos num sentido que nos obriga a um maior envolvimento, proximidade e familiarização com o Rorschach, em direcção ao desconhecido que sempre é aquilo que ainda não existe (um modelo que nos permita aceder ao buraco negro psíquico); por outro lado, prestar uma homenagem ao instrumento, procurando alargar e enriquecer a sua aplicação no seio da clínica psicológica, sustentada pelo modelo psicanalítico. Deste modo, procuramos transcender o uso do Rorschach para lá da mera (mas difícil) clarificação do diagnóstico diferencial.

Porque acreditamos que o seu potencial nos permite pensar os processos e estados psíquicos fora dessa lógica, pretendemos alargar o seu campo conceptual, propondo um modelo descritivo através da constituição de uma série de parâmetros para aceder, no nosso caso, às vicissitudes da formação do ser. Os conceitos de buraco negro e vazio mental parecem-nos ser, neste sentido, bons constituintes para perceber esta problemática; o estabelecimento de um modelo de leitura do material clínico fornecido pelo Rorschach, que seja sensível a estas dimensões, pode ser uma boa oportunidade para a expansão do instrumento.

* * *

Depois desta breve explicitação dos caminhos que nos conduziram ao objectivo a que agora nos propomos, impõe-se uma reflexão sobre a problemática que pretendemos abordar. Teceremos, assim, algumas considerações sobre o nosso objecto de estudo, o Sujeito-Psicológico e a sua constituição enquanto tal, bem como esse fenómeno de “inquietante estranheza” que designamos por buraco negro, essa singularidade potencialmente presente nas camadas mais profundas do humano que, uma vez revelada, assombra e enfeitiça as suas vítimas, condenando-as à mais pavorosa das experiências humanas: a queda vertiginosa num

abismo sem limites, o virtual desaparecimento do sentimento e do sentido do ser, a perda das coordenadas de si-próprio num não-lugar de asfixiante terror.

A definição de humano, enquanto ser pessoal e relacional, encerra em si a necessidade do Outro, logo, a sua dependência em relação a ele. O nosso sentimento de existência enquanto ipseidade não é um património garantido à nascença, mas sim uma construção que se inicia, antes de mais, pela nossa existência dentro do Outro, no duplo sentido de existirmos dentro do útero da mãe e do “útero mental” em que somos acolhidos à nascença. Assim, existimos porque, antes de mais, sentimos que existimos dentro do Outro, sentimos que existimos *para* o Outro. É de capital importância a qualidade dessa primeira relação (identificação primária), que nos fornece um tema de identidade. Todo o processo de desenvolvimento e maturação do sujeito passa por etapas sucessivas, desde essa sagrada ou amaldiçoada união inicial, passando por ensaios de separação que preparam a nossa individualidade, até à autonomia e ao sentimento de sermos sujeitos no mundo. Mas a dependência persiste (idealmente uma dependência madura, segundo Fairbairn), é virtualmente impossível deixarmos de precisar do Outro para nos mantermos sãos e nos definirmos e actualizarmos enquanto sujeitos. Sem uma alteridade, deixaríamos de Ser.

Neste sentido, arriscamos uma definição de saúde mental: a capacidade de um sujeito se posicionar no mundo com um sentimento de integridade identitária e de continuidade do seu ser, aceitando e manejando a condição de solidão existencial inerente à sua separação face à alteridade que são os outros e o mundo. Um mundo habitado por outros, internos e externos, partilhando estes últimos a nossa mais íntima natureza, ainda que a manifestando nas suas infinitas potencialidades. Disto resulta a enigmática diferença, que se constitui como um pólo de atracção e fascínio, bem como a possibilidade de acesso e conhecimento do outro, de nos relacionarmos com ele de forma íntima, partilhada e geradora de complementaridades e compreensão, abrindo a via à criação de campos semânticos partilhados e de novos sentidos para a experiência. Desta relação nasce uma ética pessoal daquilo que são os valores humanos no mais profundo sentido do termo, bem como novas formas de relacionamento e comunicação com os outros, num sentido que caminhe para possibilitar a expressão e recriação do fenómeno unívoco que cada um de nós é neste mundo.

Clarificamos o acima exposto acrescentando o nosso credo, de que o desenvolvimento e refinamento das modalidades relacionais com o mundo externo estão inexoravelmente

ligados (ou, diríamos, são o outro lado da moeda) ao relacionamento com os nossos objectos internos, e com a capacidade de acedermos ao nosso panorama emocional, à nossa verdade/realidade pessoal, a “O”. Pois, acreditamos, é pela capacidade de suportar a magnitude da experiência emocional que nos podemos aproximar de nós próprios, e pela constituição, no palco da mente, de uma função dialogante e responsiva entre os diversos constituintes do sujeito, que podemos aceder, de forma simbolizada, ao nosso mundo interno e à sua auto-regulação.

Presente-se, assim, simultaneamente, uma unidade e uma duplicidade do ser, em que interno e externo, sujeito e objecto edificam e modificam o Sujeito Psicológico. No nosso entender, o mais importante dos contributos kleinianos foi a criação da noção de relação de objecto interna, o que abriu caminho para atribuir à mente uma “*concrecibilidade... [e] uma população interna, um conjunto de objectos-sujeito dotados de características antropomórficas*” (Ribeiro, L. 1992, p.18). A mente como um palco, um teatro generativo que recruta personagens objectos-sujeito para produzir um enredo, que traduz metaforicamente um drama pessoal sob a forma de uma narrativa, e que mais não é senão uma verdade à espera de ser entendida, um pensamento à procura de um pensador. James Grotstein (1981) explora magnificamente este tema do teatro da mente no palco dos sonhos, e das múltiplas entidades dialogantes no interior da psique.

Acontece que a nossa observação e a realidade clínica nos desassossegam com a constatação de que, por múltiplas vicissitudes, encontramos sujeitos a quem o acesso à plateia do seu espectáculo interno está vedado, condenando-os à desesperante aflição de não conseguirem encontrar um outro em si próprios. Questionámo-nos sobre o lugar do amor, da ternura e da intimidade nestes sujeitos privados da mais profunda condição de humanidade, órfãos numa busca externa de uma falta interna que desconhecem, que atraem e repelem. Porque, no humano, a falta é incontornável, o que pode ser atestado pelo facto de a própria ritmicidade corporal ser fundada nisso (necessidade de comer, beber, respirar). No plano psíquico, essa falta pode impulsionar a criação, o desenvolvimento e a transcendência, o que não é o caso dos indivíduos aos quais este trabalho se dedica.

Interrogávamo-nos sobre o lugar do sofrimento, da desesperante solidão, de um núcleo vazio desconhecido, que não pode ser revelado devido à insuportabilidade da dor. Uma dor que se sente mas não se sofre, numa recusa que perpetua a sua não resolução/elaboração

(Joseph, B., 1981). No lugar de uma verdade emocional, encontramos uma interioridade mutilada, e um mundo externo construído projectivamente, mundo sempre frágil e em risco de ruína face à força implosiva da singularidade do buraco negro.

Gostaríamos de dar uma palavra sobre algumas ideias que nos surgiram relativamente a um fenómeno particular que se manifesta nestes sujeitos, que se prende com o facto de o externo “falar” pelo interno. Consideramos o acting out, a identificação projectiva e a somatização como um conjunto de operações que expressam o mesmo problema por diferentes vias, a saber, uma intensa dificuldade de acesso ao “dentro”, à realidade interna. Sobre estas três manobras, podemos ter uma visão dúplice: por um lado, encará-las enquanto descargas ou irrupções agressivas que expressam uma impotência e/ou uma perturbação do mundo interno; por outro lado, se assumimos que existe uma pré-concepção inata do seio, podemos também encará-las como tendo uma intenção comunicativa. Neste último sentido, o mais trágico é que, para que a comunicação tenha lugar, é preciso um outro, interno e/ou externo, que a signifique e devolva, o que muitas vezes não acontece. Parece-nos, pois, um tipo de funcionamento muito próximo do sensório-motor, anterior à função simbólica, que condena o sujeito a um concretismo próximo da mera percepção.

Sem nos alongarmos num território para nós muito desconhecido (antropologia e sociologia), e que sai do âmbito deste trabalho, parece-nos evidente que a própria sociedade está construída de um modo que privilegia claramente o foco no exterior. O constante apelo aos sentidos, o culto do individualismo e do *self made man*, os media e todo um conjunto de inovações tecnológicas (telecomunicações, internet) trazem consigo grandes implicações. Para lá de todos os benefícios que podem oferecer, promovem também um afastamento das relações humanas, uma proximidade física e emocional que caracterizou milhões de anos de evolução. Acresce a isto uma certa intolerância à espera, ao não saber, numa modernidade em que tudo está ao alcance de um *clic* quando, há dois séculos, uma carta de amor podia levar meses a chegar ao destino do amado, percorrendo a mesma distância que hoje fazemos num segundo. É a era do vazio, diria Gilles Lipovetsky (1996).

Curioso pensar que o humano nasce com cinco sentidos voltados para o exterior, naquilo que se pode considerar um feito extraordinário da evolução filogenética da nossa espécie! A mesma evolução que permitiu o grau de complexidade e sofisticação da mente humana, que consente o desenvolvimento de um sexto sentido, o sentido interno, mas não de

modo tão gratuito como o ver e o cheirar. Daí que, em indivíduos com perturbações mentais primitivas, designadamente os sujeitos limite, aquilo que vêem releva muito daquilo que são, do mesmo modo que, por vezes, o tom e a entoação dizem mais do que as suas palavras. O corpo e o não verbal falam pelo si. Assim, pensar nos processos e aquisições que possibilitam o desenvolvimento do sentido interno é, também, a nossa proposta.

Com base na nossa revisão da literatura, destacamos sucintamente que um factor essencial na patologia limite é a sua relação com o objecto. Um relacionamento em que o calor vinculante do amor não é reconhecido enquanto tal, porque não foi vivido ou foi perdido e, por isso, é agora temido. Por isso, é substituído por modalidades relacionais parasitárias e destrutivas, que tornam muito difícil e dolorosa a aproximação, ligação e sustentação da unidade do Eu e do objecto. Quais as qualidades do objecto do borderline? A teoria descreve um objecto frustrante e pouco disponível, insuficientemente inscrito na mente e em risco constante de desaparecer e/ou se confundir com o sujeito, deixando no seu não-lugar um vazio entrópico. Esta temerosa solidão existencial põe em acção os mecanismos mais arcaicos da psique, como forma de reacção e tentativa de regulação do colapso interno (buraco negro). Grotstein (1999) sugere que este fenómeno antecipatório é o significado mais profundo do instinto de morte, caracterizado como uma regressão infinita até ao ponto zero da inexistência, um movimento que já havia sido assinalado por Freud em 1920, ainda que noutros termos.

Procuramos ainda discutir o conceito de instinto de morte na sua relação com o fenómeno que pretendemos estudar. Em nosso entender, mais relevante do que apurar o estatuto inato (primário) ou adquirido (secundário) deste conceito, isto é, debater se se trata de uma corrente inata que trava uma luta constante com as pulsões de vida, ou se é o resultado de uma perversão destas últimas, importa-nos descrever o fenómeno que o conceito designa. Pretendemos analisar as manifestações e consequências psíquicas do instinto de morte, bem como a acção dos mecanismos que decompõe as relações entre as partes do ser, e lhe diminuem a força de existir.

Em jeito de sistematização, faremos um pequeno resumo integrativo: esta dissertação de mestrado debruçar-se-á sobre o fenómeno do buraco negro, uma entidade potencialmente presente no interior de cada ser humano, que é tão intrínseco como a seu contrário – o ser e o existir. Para operacionalizar este problema de investigação, procuraremos uma

fundamentação em alguns modelos do corpo teórico da psicanálise, que nos possam oferecer uma maior compreensão do fenómeno. Num primeiro momento, esclareceremos alguns conceitos: o vazio mental enquanto elemento fenomenológico e metapsicológico à luz de vários autores, com especial destaque para André Green, procurando uma articulação entre os seus conceitos de narcisismo negativo, trabalho do negativo e complexo da mãe morta; o buraco negro, a sua génese e implicações, nomeadamente no que concerne às suas dinâmicas psíquicas particulares e consequências ao nível da auto-(des)regulação através da função simbólica. Daremos particular incidência aos trabalhos de James Grotstein. Pretenderemos articular estes dois conceitos fundamentais com as particularidades do funcionamento psíquico na patologia borderline, designadamente no que se refere aos processos de simbolização, ao conflito dominante, ao tipo de relação de objecto, às modalidades defensivas e à relação com o instinto de morte, à luz de autores como André Green, Otto Kernberg e Amaral Dias.

Num segundo momento, revisitaremos o modelo proposto por Wilfred Bion, que nos oferecerá uma forma de pensar o crescimento e expansão mentais à luz dos processos de simbolização. Abordaremos as suas teorias do pensamento, conhecimento e das transformações. De seguida faremos uma breve exposição sobre o essencial das propostas de Ignacio Matte Blanco, que nos proporão uma nova forma de pensar os processos inconscientes, bem como um modo de aceder às qualidades do espaço mental (dimensionalidade, capacidades de discriminação e generalização), à luz da antinomia fundamental do ser humano. Os contributos destes dois autores servirão para inscrever os conceitos anteriormente mencionados num campo conceptual coerente e convergente com a nossa abordagem da patologia limite.

De seguida, falaremos acerca do instrumento e do método Rorschach, e tentaremos constituir uma grelha de análise interpretativa da narrativa Rorschach, que privilegiará o acesso à singularidade do Sujeito Psicológico e às subtis manifestações do fenómeno em estudo. Trata-se, portanto, de um tipo de estudo metodológico e conceptual, que procura constituir parâmetros teórico-clínicos que possam ser lidos através do método Rorschach e, assim, expandir as possibilidades interpretativas deste instrumento. Para isso, serão destacados os pressupostos teóricos mais relevantes que dão conta dos processos psíquicos subjacentes à acção do buraco negro e, de seguida, tentaremos traduzi-los para a sua

expressão no Rorschach. Constituída a grelha de análise interpretativa, examinaremos a narrativa Rorschach de um sujeito limite à luz dos mesmos, e discutir-se-ão os resultados obtidos. Posteriormente, será feita uma síntese das características do funcionamento mental do sujeito, designadamente as propriedades do seu espaço psíquico, da função contentora do conteúdo e a consistência da presença de fundo da identificação primária, procurando fazer uma integração teórica do caso. Por fim, reflectir-se-á acerca das implicações que retirarmos do nosso percurso e dos resultados encontrados, e proporemos futuras investigações sobre o tema.

Porque vemos a relação Sujeito-Rorschach como uma estrutura fractal, representativa das modalidades relacionais que o indivíduo estabelece com os seus objectos internos e externos, impõe-se um conjunto de interrogações que nos permitirão desenvolver a proposta que este trabalho apresenta: Como reage o Eu à constatação da presença do objecto? Como é que o sujeito se aproxima do objecto? Quais as condições para que isso aconteça? Que tipo de vínculos estabelecem? O que resulta desse encontro? Quais as características com que o objecto é dotado? Quais as características da mente em que este encontro se dá? Esperamos conseguir transpor estas dimensões para a leitura do protocolo, de modo a assinalar a qualidade e as vicissitudes da relação entre sujeito e objecto.

Para finalizar, uma ressalva. Sabemos que, apesar de nos propormos estudar a questão do buraco negro, sabemos que, na realidade, não descrevemos a coisa-em-si. Tentamos destacar, estudar e operacionalizar o conceito de acordo com certo número de vértices pré-determinados, neste caso alguns modelo teóricos psicanalíticos, que nos asseguram uma fundamentação e uma coerência entre outras possíveis, daí que não tenhamos qualquer pretensão de fechar o diálogo a outras abordagens, dentro ou fora da psicanálise, muito menos de dar um carácter definitivo à nossa reflexão.

Iniciaremos a nossa exposição com a clarificação dos conceitos de vazio mental e de buraco negro, fundamentando a sua articulação com as vicissitudes da constituição do sujeito na patologia limite. Os dois conceitos serão desenvolvidos em subcapítulos separados, por forma a nos mantermos fiéis à designação que cada autor propõe, mas tendo presente que se tratam de diferentes formas/modelos para tratar uma mesma problemática. No final da revisão da literatura tentaremos fazer a articulação entre os conceitos estabelecidos.

I – 1.1. O Vazio Mental

*E se sinto quando estou
Verdadeiramente só,
Sinto-me livre mas triste.
Vou livre para onde vou,
Mas onde vou nada existe.*

Fernando Pessoa

Propomo-nos, ao longo deste capítulo, desenvolver o conceito de vazio mental, analisando a sua génese, sentido e consequências na patologia borderline. É frequente que os sujeitos que sofrem desta perturbação se refiram a sentimentos de vazio, futilidade, falta de sentido e descontinuidade do ser (Singer, 1977a), o que nos levou a interrogar-nos sobre o que se passava no seu panorama interno que determinasse estas descrições fenomenológicas.

A palavra “vazio” deriva do latim “vacivus”, que significa literalmente falta de conteúdo. Remete-nos portanto, para uma falta, uma ausência. A questão que se coloca é a forma como este vazio pode ser utilizado: “espaço” potencial que pode ser preenchido, ou vácuo que impossibilita a existência de qualquer objecto no seu interior? “Ser ou não ser”, eis a tragédia borderline, dada a insuficiência dos assentos ontológicos (e narcísicos) que asseguram a coesão do sujeito psicológico, e que lhe permitem posicionar-se no mundo como inteiro e separado, confiante na bondade dos objectos internos e externos.

O que terá ocorrido ao longo do desenvolvimento destes sujeitos que nos permita compreender a sua existência descontínua, a sensação de nulidade, de não serem um objecto para si próprios e, conseqüentemente, para mais ninguém? Como explicar a sensação de maldição e de despossessão de si próprios que os leva a uma busca contínua fora de si daquilo que falta no seu interior? E a convicção da inevitabilidade da dor, da eterna repetição da frustração que tão bem conhecem, ligada a uma descrença radical na bondade do Outro?

Pensamos na natureza e na qualidade das suas relações precoces, e se poderá ter ocorrido um desinvestimento desses objectos, por razão de um traumatismo infantil, criando uma instabilidade na constituição do psiquismo. E que este vazio seja a expressão de uma falha simbólica, falha representativa, por dificuldade de representação e captação de um

objecto interno não permanente. Consideramos, assim, que a essência máxima do vazio se deve ao desinvestimento dos objectos externos, por impossibilidade de investir nos objectos internos.

López-Peñalver (1993) considera que o conceito de vazio abarca todo o funcionamento mental, desde a criatividade e sofrimento que caracterizam a elaboração mental, até ao branco, o nada, último recurso ante o caos e a morte psíquica. A seu ver, de um ponto de vista metapsicológico, o vazio corresponde a uma falha elaborativa, por incapacidade de aceder a uma representação do objecto ausente que se ligue ao afecto correspondente. Propõe, assim, que se constitua uma dialéctica, uma oposição binária que permita pensar esta experiência: o vazio corresponderia à oposição entre representação e não representação. Este deficit simbólico remete muitas vezes para a impossibilidade de elaborar sentimentos de perda e de separação, que condenam o sujeito ao terror de sentir que o seu objecto interno está constantemente ameaçado e condenado ao desaparecimento. A ausência do objecto leva a uma profunda desorganização, dada a dificuldade em tolerar a separação, o que provoca uma falha dos processos defensivos e uma sideração da vida psíquica. Mais concretamente, a questão não está na perda do objecto externo, mas sim na sua representação interna, o que vai por em jogo uma série de mecanismos defensivos arcaicos que comprometem o desenvolvimento posterior. Estes “vazios” vão constituir-se como verdadeiras amputações do psiquismo, já que os mecanismos de clivagem e recusa, que têm a finalidade de diminuir a angústia do intolerável e irrepresentável, sacrificam uma parte da mente, que permanece sem elaboração.

O conceito de recusa surge nos estudos de Freud a propósito da psicose e do fetichismo, quando se refere à utilização do fetiche como substituto que permite negar/recusar a ausência de pénis na mulher e, conseqüentemente, a angústia de castração. Há, portanto, uma recusa de reconhecimento de uma realidade traumática, realidade interna combatida pela clivagem dos conteúdos inconscientes. Segundo Kestemberg, citado por López-Peñalver (1993), a recusa testemunha a dificuldade de um trabalho pré-consciente de conflitualização, sendo o último recurso que põe fora de serviço uma parte do Ego – recusa vem substituir a repressão, impedindo o retorno do recalado. Estas partes do Ego que ficam “fora da mente” tornam-se elementos estranhos e empobrecedores do Ego, já que deixam de ser investidos. Contêm uma angústia irrepresentável no lugar da realidade desmentida. A compulsão à repetição leva a um

esforço contínuo para manter fora da mente as partículas recusadas, desgastando as defesas e comprometendo as possibilidades de investimento objectal.

Mas será que existe realmente uma parte da realidade interna que está fora do Eu, ou poderemos dizer, em vez disso, que houve uma parte que nunca chegou a constituir-se? Parece-nos que existem vazios que nunca chegaram a organizar-se, recusas infantis não elaboradas, carentes de sentido e significação, que mais tarde resultam em verdadeiras amputações do Eu. Neste caso, as representações do objecto serão precárias, predominando as mais arcaicas às quais o sujeito permanece fixado, não conseguindo deslocar-se delas por pavor de cair no irrepresentável, na atracção desorganizadora do Nada - buraco negro.

Pelo que foi exposto, torna-se claro que, tanto a experiência subjectiva de vazio como as dificuldades de representação do mundo interno, remetem para uma falha no processo de desenvolvimento, nomeadamente no que concerne à constituição de um espaço psíquico que potencie a capacidade de simbolização, bem como à experiência de aceitação da alteridade. A falta de confiança básica em si e no outro colocam o sujeito numa aporia que desencadeia medidas defensivas e compensatórias invalidantes, ainda que permitam a sobrevivência psíquica. Neste sentido, torna-se oportuno discutir estas questões à luz do desenvolvimento infantil, recorrendo a alguns autores que, directa ou indirectamente, se referiram ao vazio e o relacionaram com a patologia limite, tais como Green, Winnicott, Kernberg e Grotstein.

1.2. O Desenvolvimento Infantil à Luz do Problema

A. Green (1983/1988), fiel ao pensamento freudiano, considera que existe um período de indiferenciação primária em que, do ponto de vista do bebé, ele e a mãe constituem uma unidade absoluta. Não se trata tanto de um investimento libidinal encapsulado no ego nascente, desvinculado do mundo, mas antes uma possibilidade de investimento libidinal que ainda não tem um referencial fixo – há um intercâmbio de catexis entre sujeito e objecto, uma espécie de indiferenciação entre libido objectal e narcísica, em que o resultado será sempre o investimento no próprio Eu infantil. É precisamente pela não existência de um ego

constituído desde o início que o bebé não é capaz de apreender completamente o objecto primário, ainda que a presença deste não possa ser obliterada.

O Eu e o Id encontram-se ainda indistintos, havendo uma oposição entre as pulsões de morte, que operam do lado da criança em direcção ao estado anterior (ao abrigo de qualquer perturbação), e as pulsões de vida, que trabalham do lado da mãe, movimento de Eros que visa a ligação e unificação. Green (1983/1988) considera que *“é necessário que intervenha uma verdadeira inversão dos valores pulsionais para que uma mudança decisiva ocorra”* (p. 133), isto é, que por um lado a mãe descentre as suas polaridades pulsionais da criança e pressione a separação (de forma empática e progressiva), e que, do lado da criança, *“é preciso manter junta a parte do Id materno que serve aos seus fins e tudo o que defende o clamor da vida de um indivíduo”*, por forma a integrar o seu Eu e *“selar o signo de uma pertença de si para si e de si ao outro”*(p. 133).

Tal inversão ocorre aquando da alucinação negativa da mãe. Esta última *“é tomada no quadro vazio da alucinação negativa, e torna-se estrutura enquadrante para o próprio sujeito. O sujeito edifica-se ali onde a investidura do objecto foi consagrada”* (p. 135). É esta estrutura enquadrante que vai permitir a criação de um espaço psíquico onde as representações dos objectos podem surgir, ou seja, é a alucinação negativa da mãe que torna possível a condição de representação. A figura concreta e sensorial da mãe apaga-se, surgindo esta estrutura que delimita o lugar vazio - daí que Green diga que *“o narcisismo é o apagamento da marca do Outro no desejo do Um”* (op. cit., p. 136).

Consagra-se, deste modo, a constituição de um espaço de solidão, espaço psíquico onde será possível o trabalho fantasmático. Para tal, é necessário que a criança tenha adquirido a *“capacidade de estar só”* (ainda que, num primeiro momento, na presença da mãe), numa identificação ao objecto e a si própria. A eventual transformação do amor narcísico em amor objectal só pode acontecer pela mediação de processos que encontram suporte na situação primária de indiferenciação entre esses dois tipos de libido.

Desta forma, podemos melhor entender Freud quando este nos diz que a perda do seio é contemporânea da apreensão da mãe como objecto total, momento em que a satisfação onipotente do bebé esbarra na alteridade do objecto primário – para o fundador da psicanálise, este acontecimento representa o verdadeiro nascimento psicológico. Em consequência da perda de contacto com a mãe, surge o conhecimento de uma região que se

escapa à onnipotência da criança, uma região “não-Eu”, que se opõe à familiaridade do que passou a ser vivido como uma região “Eu” (pensamos este “Eu” primário como uma conjugação de partes do sujeito e do objecto, o primeiro depositário do investimento a que chamamos narcisismo primário, um dos elementos responsáveis pela constituição do ego). É a ausência do objecto que permite a consciência da sua existência, pois só neste contexto é possível a criação de signos no lugar daquilo que falta.

A ausência da mãe no exterior leva a criança a procurar a mãe dentro de si, ou, pelo menos, no seu próprio corpo. Este movimento atesta já um primeiro indício de independência face ao prestador de cuidados, bem como uma forma de renovar a experiência de satisfação, através do auto-erotismo. Vemos, portanto, que a instauração da separação entre a mãe e a criança (a *diferença primária*, no dizer de Green) é compensada por um investimento narcísico da última. Após estas primeiras identificações cria-se um narcisismo do Eu, em que os traços emprestados do objecto oferecem ao sujeito o sentimento de se tornar independente face ao desejo. Trata-se de um fechamento sobre si, pela descoberta de que, na solidão, podem experimentar-se as mesmas sensações que antes eram atribuídas à presença do objecto. É o auto-erotismo que tem a função de apaziguar o medo da morte experimentado face ao lugar vazio deixado pela ausência do objecto.

“Desejo do Um”, dissemos há pouco, na medida em que a sexualização do Eu procura transformar o desejo pelo objecto em desejo pelo Eu. “*É o narcisismo positivo, que neutraliza o objecto*” (Pinheiro, 2005, p. 87), emanações de um narcisismo de vida que visa a organização do Eu, o fortalecimento identitário, o movimento centrípeto e unificante do si-próprio. Só um Eu coeso e integrado se pode, mais tarde, voltar para o investimento em objectos vividos como diferentes.

Deste modo, podemos dizer que a partir da perda do objecto primário, assistimos a uma divisão do psiquismo em duas correntes mentais: por um lado, o auto-erotismo, enquanto operação de partição da indiferenciação primária, o que implica que tenha havido algum grau de reconhecimento do impacto causado pela alteridade do objecto primário (narcisismo de vida, que se liga a Eros e tende para a unidade e a identidade); por outro lado, o narcisismo primário, entendido como a recusa do evento anterior, uma tentativa de regressão à situação originária perdida, representando esta a abolição de todas as tensões (é o narcisismo negativo, que sob o silencioso labor do instinto de morte, tende para o zero, para o neutro).

Na clínica, encontram-se várias patologias em que é notória a incapacidade de estabelecimento de capacidades auto-eróticas, assim como a instável constituição de um continente psíquico, onde seja possível representar os objectos e elaborar as suas perdas. Daí que o sujeito sinta a necessidade de “*permanecer no raio de proximidade física do objecto que contenha e elabore, que tome a cargo, esta angústia brutal não elaborada que patenteia a total falta de recursos do Eu*” (Fabião, 2007, p. 57-58). Não se constituiu uma zona nuclear do self estável, por impossibilidade de identificação com a função do objecto. Não existe uma representação permanente da relação primária, surgindo em seu lugar uma actividade interna que visa destruir as ligações e relações entre sujeito e objecto.

Nestes casos, em que a influência do objecto patogénico não permite “*aliar ao prazer auto-erótico a aquisição da estrutura enquadrante*” (Fabião, 2007, p. 59), fica comprometida a autonomia do sujeito face ao objecto. A falha de um ambiente suficientemente bom aquando da relação primária, facilitador de experiências repetidas de satisfação, amor e segurança, dificulta o processo de autonomização da criança, não permitindo que esta actue num espaço potencial. Este último pode ser concebido como um espaço de fronteira, um ponto de separação entre sujeito e objecto, mas também o local onde estes se reúnem. Em condições favoráveis, a criança pode utilizar objectos transitivos que a ajudam a tolerar a separação da mãe e o adiamento da satisfação – a mãe torna-se presente pelo investimento que a criança faz no objecto. Contudo, há situações em que o tempo de espera pela mãe é intolerável. O período de tempo transforma-se num abismo, no único objecto real, já que a prolongada ausência da mãe fez com que criança investisse emocionalmente num objecto morto. Em vez do objecto, um não-objecto. O intervalo entre a perda do objecto e a sua substituição por um bom objecto foi vivida como um deserto cósmico. E na medida em que espaço e tempo estão intrinsecamente ligados, a ausência do objecto é sentida como uma espera infinita envolta em desespero e desesperança. Transforma-se num tempo morto, com suspensão de todas as experiências perceptivas e afectivas. Esta experiência terrífica, depois de ser personificada num mau objecto e internalizada, torna-se no único objecto “presente”, o único que resiste ao tempo morto, o único que sobrevive aos períodos destrutivos em que é não-objecto. Desta forma, assiste-se à transformação negativa da presença potencial da mãe na sua perda potencial, ou, no limite, à sua perda consumada (Green, 1981).

Para Green (1983/1988), se existir uma conflitualização precoce na satisfação da segurança e necessidade básicas, cria-se a impossibilidade do bebé viver a onipotência e superá-la, abrindo a ferida narcísica e provocando a excessiva dependência. Ocorre, pois, uma submissão do desejo, bem como uma não metabolização das necessidades precoces (sobretudo orais), não permitindo o Édipo estruturante e mantendo o sujeito numa lógica de necessidade. Daí que o Ideal do Eu dos casos limite seja esmagador nas suas exigências, visto constituir-se sobre o Eu Ideal, onipotente e idealizante, que não tem as limitações da castração.

O mesmo autor fala-nos de um objecto trauma, objecto não permanente e imprevisível que força o Eu nascente a modificar-se. Se, por um lado, a fusão com o objecto não pode ser completa por receio de perda do Eu, por outro lado a separação também é impossível por depender dele. O objecto torna-se, simultaneamente, desejável e indesejável, criando uma ambivalência insolúvel. A não gratificação das necessidades da criança pela mãe pode gerar, na primeira, um retraimento narcísico protector da idealização do objecto perdido. A consequência desta manobra, que visa restabelecer a perfeição, invulnerabilidade e onipotência do narcisismo primário, desencadeia, paradoxalmente, uma luta solitária e desigual contra as suas pulsões e contra o mau objecto agora internalizado. O Eu infantil é, pois, o local onde se sofrem os efeitos do trauma e o local onde são activadas as reacções contra a dependência, que aumentam a ferida narcísica.

Cria-se, assim, um problema de coexistência entre sujeito e objecto, na medida em que a criança, não sentindo a disponibilidade e gratificação do objecto, passa a investir libidinalmente no seu Eu, permitindo uma realização unitária (ilusória) pela via da identificação imaginária. O objecto trauma, objecto enlouquecedor, cria no sujeito um narcisismo negativo, onde Eu e objecto tendem para a anulação. Este narcisismo destrutivo, segundo Fabião (2007), é “*uma transformação maligna da onipotência infantil, uma estrutura neocriada que dominaria a personalidade, sem controlo nem possibilidade de integração da mesma*” (p. 43). O Eu liga-se e embaraça-se no objecto com o intuito de o aprisionar, enquanto este luta para se libertar. A dor psíquica é uma consequência natural, na medida em que o Eu luta contra si próprio, visto que o objecto já não existe de facto - é a sombra do objecto. A principal característica desta dor é a intolerância à mudança tanto do sujeito como do objecto, já que esta é contrária à tendência narcisista que visa a organização

unitária. A retracção narcísica é, pois, resultado do desinvestimento objectal, tanto pela fragilidade do Eu, como pela identificação projectiva que torna os objectos internos e externos persecutórios e atacantes. É, assim, um investimento negativo, investimento no buraco psíquico deixado pelo fantasma do objecto.

Para Green (1983/1988), os sujeitos com problemáticas narcísicas apresentam uma carapaça defensiva que visa o distanciamento e o evitamento do conflito, numa tentativa de atingir uma função de pára-excitação contra a sua hipersensibilidade e ressentimento face ao objecto. Mas este torna-se vingativo por estar aprisionado, colocando o sujeito num dilema entre a angústia de separação (perda do objecto) e o perigo de invasão e fusão regressiva. Não existe uma boa distância entre sujeito e objecto, que permita uma utilização e manuseamento frutíferos, mas antes uma distância inutilizável. A falta de empatia (o subjectivo e diferente no Outro é estranho ao Eu) e a avaliação irrealista dos outros, via identificação projectiva, são corolários da falta de ligação entre os derivados pulsionais pré-genitais, que conferem estreiteza e rigidez às suas disposições afectivas. O objecto não pode estar demasiado próximo nem distante demais, daí a necessidade de uma “distância de segurança” que não desorganize o seu precário equilíbrio (o que representa um esforço para controlar o objecto).

Fica claro, assim, que o objecto é sempre um desequilíbrio para o estado-limite, sujeito ferido e carenciado que busca a unificação do seu Eu. Só lhe resta erguer sólidas barreiras contra o mundo externo, assim como a identificação com o objecto totalmente idealizado, num ser-como-o-objecto que apaga o desejo do próprio. Contudo, quando esta busca de unidade é sempre alvo de desilusão, desespero e ódio, à busca do *Um* sobrepõe-se a procura do *Nada*, do *Neutro*. Esta privação e indiferença face às paixões humanas, este desejo do não desejo, em que “*prevalece uma satisfação narcísica pela não satisfação do desejo objectal*” (Pinheiro, 2005, p. 88), é uma manifestação do narcisismo de morte. Não havendo um objecto constituído como continente, não é possível progredir em direcção ao espaço potencial e às conquistas posteriores. O objecto trauma tem de ser neutralizado. O sujeito subtrai-se da relação, renuncia à dor e ao prazer. Busca-se o *Zero*, numa aproximação à morte psíquica. A vida passa a ser vivida a uma só cor: não o preto da depressão grave, mas o branco dos estados de vazio. É a série branca (psicose branca, alucinação negativa e luto branco), a que Green se refere nos seus trabalhos sobre a clínica do vazio e do negativo. No

lugar de uma mãe viva e vitalizante, que animasse o seu mundo interno, a criança encontrou uma “mãe morta”.

Segundo Green (1983/1988), o complexo da mãe morta representa claramente aquilo que temos vindo a falar. Trata-se não de uma morte real da mãe, mas uma morte metafórica – a morte da mãe alegre e viva que habitava o interior da criança. O autor fala-nos de uma mãe que investira inicialmente na sua relação com o seu bebé, mas que posteriormente se deprime e se afasta da relação. O objecto primário encontra-se agora absorvido num luto, pelo que o afecto e calor que antes caracterizara a relação, é agora substituído pelo gelo da distância. Esta desregulação da díade vai transformar a criança, tornando-a desinteressada e sem vitalidade. Não encontra explicação para tão brutal e repentina mudança do padrão relacional com a mãe. À perda do seu amor, acresce a perda do sentido. Como os seus esforços de reparação são infrutíferos, a criança vê-se obrigada a um desinvestimento massivo do objecto maternal. Após o recalçamento primário, este desinvestimento afectivo e representativo da imago materna cria buracos psíquicos que formam um núcleo frio no interior do Eu, por identificação inconsciente à mãe morta, dando lugar a um sentimento de maldição. Diz-nos Pinheiro (2005) que se trata da *“morte psíquica do objecto feita sem ódio – a aflição da mãe não permite a agressividade; surge uma identificação primária ao objecto, identificação em espelho, simetria relacional como única forma de restabelecer uma reunião à mãe”* (p. 89). Este núcleo frio tem a tripla função de manter o Eu vivo, reanimar a mãe morta e rivalizar com o objecto de luto da mãe.

O sujeito não visa apenas possuir o objecto, mas tornar-se nele. Na incapacidade de dirigir esta agressividade ao materno, desloca-a para o pai (objecto do luto da mãe, na óptica da criança), formando uma triangulação precoce. A unidade do Eu fica, naturalmente, comprometida e com lacunas, visto que na realidade ocorreu uma identificação ao buraco deixado pelo desinvestimento e não com o objecto – a alucinação negativa da mãe morta vai levar a que o sujeito, pela compulsão à repetição, desinvista qualquer objecto passível de decepcionar, comprometendo os relacionamentos futuros. Trata-se de uma impotência para amar, já que o amor do sujeito se encontra “congelado”, hipotecado pela mãe morta.

O complexo da mãe morta representa o fracasso de uma experiência de separação individualizante, por imperativo das lutas que o sujeito necessita de empreender para reter o objecto de que depende e com o qual se identificou. O desinvestimento maternal primário

cria buracos psíquicos e impossibilita a constituição da estrutura enquadrante, não permitindo o jogo das representações. Em consequência disso, o vazio, o ascetismo, em que a morte se torna figura do ser absoluto.

1.3. O Vazio Mental na Patologia Borderline

Segundo André Green, qualquer teoria explicativa acerca dos estados-limite deve ter em conta três questões essenciais: as vicissitudes do objecto, a constituição dos limites intra e intersubjectivos e o trabalho do negativo. Para o autor, são as vicissitudes do objecto e a sua articulação com o trabalho do negativo que determinam o insucesso do processo de construção das fronteiras psíquicas nestes sujeitos – o que se repercute na sua capacidade de representação dos objectos.

As falhas do ambiente primário resultaram no fracasso da alucinação negativa do objecto-mãe, não possibilitando a constituição de um espaço interno estável (que poderia ser parcialmente ocupado pelas relações de objecto). No seu lugar, surge um vazio radical, que pode ser inferido pela dificuldade destes sujeitos em pensar, pela contratransferência que provocam no analista e pelo vazio afectivo que predomina nas sessões de análise (Green, 1982). Gonçalves (1993) fala também de alguns aspectos emocionais subliminais vividos, na relação transferencial/contratransferencial, como vazios, buracos ou partes sentidas como mortas ou abortadas, que remetem para elementos do self que foram projectados no objecto. Cabe ao analista utilizar a sua capacidade vinculatória para suprir o prejuízo representacional destes pacientes, a fim de possibilitar a expressão daquilo que são incapazes de representar. É, também, imprescindível que o analista tenha tolerância ao vazio (capacidade negativa), aceitação do sofrimento e da humanidade do sujeito, mantendo a sua mente o mais insaturada possível, de modo a que novos sentidos possam ser construídos pelo par analítico (Ferro, 1993).

Para Green (1990), a clivagem e a depressão primária são os principais mecanismos responsáveis pela actividade psíquica dos pacientes borderline, ambas resultantes do fracasso da relação com o objecto, ausente ou excessivamente presente. A clivagem actua em duas frentes: no limite interno-externo, e nos núcleos egóicos. Deste modo, a clivagem transforma

o espaço psíquico num território ocupado por fragmentos egóicos, que assumem a forma de arquipélagos, separados por vazios que impedem a construção de representações. Este mecanismo tem um efeito disruptivo sobre a capacidade vinculatória do sujeito, dificultando a formação de símbolos e, conseqüentemente, do pensamento. Relativamente à depressão primária, Green refere que esta é uma manifestação inequívoca de um desinvestimento pulsional que parece apontar em direcção ao vazio e ao Nada, em oposição à depressão secundária e reparadora postulada por Klein.

Em *La Double Limite*, Green (1982) fala da constituição dos limites do espaço psíquico, problema fundamental dos estados-limite. Nestes sujeitos, a preocupação em manter uma identidade sempre ameaçada pelas angústias de intrusão e de separação está no centro das relações de objecto. O autor coloca a hipótese de haver uma onnipresença do mau objecto intrusivo e uma inacessibilidade do bom objecto idealizado, provocando uma beligerância interna que, paradoxalmente, serve de sustentação identitária, na ausência de limites minimamente definidos. Este conflito interno protege o sujeito da ameaça de fusão regressiva e de dissociação psíquica, garantindo uma certa coerência do Eu. O fracasso do trabalho do negativo, imprescindível para que as representações possam ser vinculadas e para que o pensamento se possa constituir, impede a construção dos limites dentro-fora e os limites intrapsíquicos. Isto porque, toda a representação do objecto que não for negativamente alucinada, continuará a preencher o espaço psíquico, impedindo o acesso à linguagem simbólica.

O autor fala-nos da necessidade de que o objecto primário seja “apagado”, o que permite a constituição de um espaço representativo, uma presença ausente que dá acesso ao desejo e possibilita a experiência de separação. É o trabalho do negativo que permite que o objecto possa estimular e conter a pulsão de forma satisfatória. Porém, quando o objecto “não se deixa apagar”, porque conserva um carácter absoluto, a função de neutralização e contenção da pulsão é paralisada. A angústia fica ainda mais intolerável, por onnipresença do objecto intrusivo, impedindo a formação do espaço psíquico, de representações e, conseqüentemente, do pensamento. Assim, o trabalho do negativo, essencial nos seus aspectos estruturantes, não é suficientemente operante nos estados-limite. Estes permanecem

à mercê dos seus efeitos patológicos, sob a forma de desinvestimento pulsional, o que representa a função desobjectalizante própria da pulsão de morte.

Kernberg também se debruçou sobre as relações entre a patologia borderline e o sentimento subjectivo de vazio interno. Para este autor (1975, 1995), a origem da fraqueza do ego, presente nos funcionamentos limite, deve-se a uma falha desenvolvimental precoce e traumática, quer seja ao nível da integração do ego, da separação sujeito-objecto e da aquisição de fronteiras estáveis, quer seja ao nível da integração e síntese das introjecções e identificações precoces (bom e mau self e bom e mau objecto). Os factores constitucionais (tolerância à frustração) e ambientais (relações objectais) entram aqui em jogo, na medida em que a imaturidade funcional e a absoluta dependência do bebé requerem uma necessidade de gratificação pulsional por parte do objecto, que nem sempre actua pronta e adequadamente. O resultado ideal da relação primária é a constituição de um Eu coeso, que integre e sintetize a ambivalência fundamental da vida e do humano, efeito da constância de um bom objecto total, apaziguador e significativo, que sirva como pano de fundo para as aquisições posteriores. Em suma, a separação Eu-Outro é uma prioridade ontológica fundamental. As falhas ao nível da relação primária impedem a confiança básica no Outro e na generalidade das relações objectais, bem como a neutralização dos derivados pulsionais pré-genitais (libidinais e agressivos) e a “alfabetização” da experiência.

Para Kernberg (1975), na lógica dos funcionamentos limite, a diferenciação sujeito-objecto foi relativamente conseguida, mas há uma incapacidade de síntese das introjecções positivas e negativas, por impossibilidade de evocação simultânea dos aspectos contraditórios do self e dos objectos – difusão da identidade. Os mecanismos primitivos de clivagem, projecção e introjecção, que no início da vida se encontram ao serviço da constituição da matriz da identidade, adquirem aqui um valor defensivo, de protecção do Ego contra a invasão da ansiedade de separação. A clivagem vem impedir o confronto dos conflitos dissociados e manter separadas as introjecções de natureza contraditória (nomeadamente, a protecção das introjecções positivas do ataque dos maus objectos e da sua agressividade não neutralizada). Assim, encontramos no sujeito uma convivência desconhecida de tendências opostas no seu psiquismo, criando um ciclo vicioso patológico em que a fraqueza do ego acentua os processos de clivagem, que por sua vez debilitam ainda mais o ego. A agressividade e a idealização tornam a integração impossível, e forçam o ego a medidas

constantes de auto-regulação primitiva. Segundo o mesmo autor (1995), o processo de clivagem ocorre em combinação com outras defesas primitivas (idealização primitiva, identificação projectiva, negação, onnipotência e desvalorização).

A impossibilidade de síntese e de oscilação desenvolvutiva entre posição esquizo-paranóide e posição depressiva, bem como a não metabolização dos derivados pulsionais (sobretudo orais) conduzem a falhas não só ao nível da integração egóica e dos objectos, mas também a falhas na simbolização e perturbação dos processos de pensamento, onde não raras vezes as fantasias primitivas surgem em processo primário (a impossibilidade de sustentar uma posição depressiva cria a tendência para a utilização de mecanismos de defesa arcaicos contra a erupção de estados afectivos muito primários e invasivos).

Neste sentido, Amaral Dias (2004) enfatiza as falhas nos processos de simbolização nos sujeitos limite, caracterizando-as pela desautonomização que implicam e pelo narcisismo destrutivo a que dão origem. O paciente borderline projecta no outro as suas emoções com o intuito de as transformar ou simplesmente libertar-se delas, o que reforça a sua dependência. Isto porque, sem o simbólico, o borderline não pode viver ou agir senão na presença do outro – não produzindo pensamentos, desautonomiza-se progressivamente. O mesmo autor (2004) fala-nos a propósito das perturbações da película do pensamento na patologia limite, das “*micro e macrolacunas do processo simbólico*” (p. 46), que se devem ao facto de haver partes assimbólicas cindidas, não estando disponíveis para habitar na mente. A intolerância à frustração (por excesso de frustração não transformada, diríamos nós) vai impedir a organização da experiência e, conseqüentemente, a representação da experiência – fica a angústia no lugar da palavra, o nada no lugar da não-coisa. Deparamo-nos, pois, com indivíduos assimbólicos, incapazes de produzir teorias, porque a representação e o afecto são deslocados e dissociados, projectados no objecto.

É, então, a inoperância da função alfa que condena o sujeito a uma desesperante convivência com a angústia de perda do objecto e com a angústia de morte, já que cabe à função de rêverie fazer de “*amortecedor no nada, conferindo significado sob a forma de uma metabolização dada pela resposta na relação com objecto, ou seja, a mãe transforma o nada na mãe!*” (p.56). É a função alfa que trata da transformação da angústia de morte numa angústia objectal, mais tolerável, operando sobre a representação e sobre o afecto e organizando o símbolo. Daí a necessidade que o sujeito borderline tem da presença do Outro,

como forma de adquirir uma pseudoautonomia. Mas o Outro não existe enquanto tal, funciona apenas como uma segunda pele, um continente para a identificação projectiva, o que cria relações de objecto altamente confusionais e decepcionantes.

Encontramos, pois, na organização borderline, uma grave patologia ao nível das relações de objecto interiorizadas, na medida em que cada parte dissociada do self está ligada a uma imagem primitiva do objecto, levando a que as fronteiras do ego sejam permeáveis nas áreas em que a identificação projectiva e a fusão com o objecto idealizado ocorreram (Kernberg, 1975). Ainda assim, a relativa estabilidade dos limites do Eu permite uma adaptação às exigências da realidade, mas não uma socialização em profundidade. A imagem clivada dos objectos contamina e perpetua relacionamentos frustrantes, via compulsão à repetição da relação com o objecto primário. Pode encontrar-se uma condensação patológica de derivados pulsionais genitais e pré-genitais em torno da agressividade, mais propriamente entre os impulsos libidinais e agressivos, o que leva à formação de um Édipo prematuro (em que o pai é contaminado pela imagem da mãe).

O conflito edipiano é vivido de forma intolerável, dada a excessiva agressivização dos conflitos e o carácter poderoso e esmagador que o rival assume. A depressão borderline adquire, assim, a forma de uma raiva impotente, o que vai interferir com a formação do superego, preso a problemáticas pré-genitais. O Ideal do Eu irá dificultar a integração superegógica, o que pode resultar em grandiosidade e onipotência, impondo ao Eu frágil um ideal inalcançável e altamente frustrante, assumindo, pois, uma qualidade selvagem e primitiva. Os precursores desta instância são extremamente sádicos e idealizados distorcendo as imagos parentais.

Desta forma, Kernberg fala-nos dos sujeitos borderline como tendo uma identidade difusa, não se constituindo um sentido integrado do self, na medida em que não houve uma consolidação dos sistemas identificatórios, nem uma integração entre as representações do self e dos objectos. Esta falta de sentido de integridade identitária condena os indivíduos a sentimentos crónicos de vazio e falta de sentido. Assim, para este autor, citado por Singer (1977a), os mecanismos de defesa primitivos impossibilitam a integração e harmonização das representações do self, do ego e do superego, bem como os seus afectos derivados, sendo, portanto, os principais responsáveis pela persistente experiência subjectiva de vazio. Por estas razões, Singer (1977b) considera que a experiência do vazio assume um papel central no

afecto dos pacientes borderline, que pode ir desde a sensação de incompletude, de descontinuidade da existência e desolação, até à convicção delirante de “*extinção pessoal ou não-existência*” (p. 471). Desta forma, vazio interno vem expressar as vicissitudes da perda de um sentido do self, que por sua vez activa medidas compensatórias que procuram reduzir este estado agonizante, de onde se destacam as defesas maníacas, o acting out, a sexualidade promíscua ou comportamentos perversos, a ingestão de álcool e/ou drogas - o que, paradoxalmente, aumentará ainda mais a sua fragilidade.

O vazio borderline parece representar uma auto-imagem agonizada, um ser que não existe para si próprio, talvez porque esse tenha sido o primeiro traço emprestado do objecto primário. “Sou vazio porque nada fui para o meu objecto primário, e esse não ser nada para alguém é o fundamento do meu ser”, parece ser o dilema em que se encontram estes sujeitos, depois da introjecção e identificação primária com uma mãe igualmente vazia. O vazio pode ser, desta forma, uma causa e uma consequência: uma causa, na medida em que podemos encontrar uma identificação com a “mãe morta”; uma consequência, porque o vazio pode representar uma medida defensiva contra o reconhecimento da má mãe interiorizada. Singer (1977b) considera ainda que o vazio pode representar não apenas a falta de alguma coisa, mas também impulsos altamente destrutivos e aterrorizadores. Da mesma forma que os fantasmas e espíritos da mitologia, cujos corpos são vazios, ocos, transparentes e, simultaneamente cheios de maldade, também o vazio interno aponta nessa direcção: uma condição existencial nula e suspensa que encobre a “*expressão virulenta das pulsões destrutivas*” (Singer, 1977b, p.478). Ecos da pulsão de morte?

1.4. O Buraco Negro

Discutiremos agora a enigmática concepção de buraco negro, conceito proposto por James Grotstein para designar um fenómeno psíquico particular, que nos parece ser um bom organizador para a problemática a que esta tese se dedica. Ao longo da sua experiência clínica, este psiquiatra e psicanalista norte-americano observou que alguns pacientes com perturbações mentais primitivas, principalmente em situações de separação (luto, divórcio,

interrupções no tratamento analítico), se queixavam de uma angústia intensa, de uma sensação de queda no abismo, de serem engolidos (a temática oral é intencional) por um buraco negro. Tomou esta vivência como um tema de investigação, com a finalidade de aceder ao seu mais profundo significado e de responder a um conjunto de questões: Porque é que certas pessoas sentem isso? Será uma experiência potencial a qualquer ser humano? Fará parte dos nossos instintos? Que consequências traz? O que nos permite salvar-nos dessa experiência? O produto do seu pensamento resultou num conjunto de artigos que, posteriormente, deram origem a um livro - *O Buraco Negro*.

Como ponto prévio, gostaríamos de salientar a pertinência do fenómeno que este conceito designa para o trabalho que agora desenvolvemos. Se nos centrarmos na dialéctica Ser-Não Ser, e se o Ser é a possibilidade do humano se posicionar num mundo em que o interno e o externo, bem delimitados, se podem relacionar numa lógica que permita a criação de sentido e coerência, o buraco negro parece-nos o seu radical oposto, o culminar da experiência de Não-Ser. Uma experiência que atesta a precariedade da constituição do self e dos objectos no interior do humano, a fragilidade do seu suporte ontológico, bem como a inoperância de uma função que permita ao sujeito dotar-se a si próprio e ao seu mundo como significativos.

Uma palavra ainda sobre a metáfora que o buraco negro é, e que nos permite pensar no humano como um corpo celeste que emerge num universo próprio. Uma estrela radiante em torno da qual gravitam inúmeros objectos que, operando em solidariedade, lhe adicionam potência, permitindo a descoberta de novos mundos e sentidos. Um astro num universo composto por uma infinidade de elementos à espera de serem descobertos, o que só pode ser possível se a magnitude da sua luminosidade for suficientemente forte para os iluminar. Se, pelo contrário, a estrela não suporta as forças contrárias à sua existência, sucumbe levando consigo todo sistema que sustentava, absorvidos pela força pavorosa do seu reverso – o buraco negro.

Deste modo, assinalamos que o buraco negro do espaço astrofísico se deve à implosão de uma estrela (supernova), cuja energia é insuficiente para resistir ao colapso gravitacional. Forma-se uma singularidade, ponto em que as dimensões espaço-temporais colapsam para o infinito e o infinitesimal, pelo que qualquer objecto que lá caia se perde para sempre. O horizonte do acontecimento é uma linha virtual que divide o espaço astrofísico normal do

buraco negro, constituindo-se como uma membrana de sentido único em redor deste último. Da mesma forma, o buraco negro do espaço mental é um fenómeno que pressupõe uma falta de vitalidade do self e dos objectos, suportes da identidade, expondo o indivíduo a uma experiência catastrófica e entrópica de queda no abismo. Este abismo representa uma profunda alteração das leis do funcionamento psíquico que, sob o domínio da parte psicótica da mente, absorve e desagrega o ser e o seu sentido, mutilando a sua integridade, coerência e força de viver.

Vamos abordar este tema do buraco negro à luz de vários autores, daí que este conceito ganhe um estatuto diferente consoante o modelo proposto. De forma a clarificarmos a nossa exposição, advertimos que o buraco negro pode ser entendido de três formas, que se inter-relacionam: uma pré-concepção inata sobre o desastre psíquico, um mito pessoal veiculado pelo instinto de morte; um traumatismo psíquico massivo devido à impossibilidade de significação pessoal de uma experiência dolorosa, que resulta na não constituição ou da perda do bom objecto interno; o sentimento de ser amaldiçoado e o repúdio da integridade pessoal.

Segundo Grotstein (1999), o buraco negro designa momentos da experiência em que as dimensões espaço-temporais se desvanecem devido à redução da dimensionalidade do espaço psíquico, condenando o sujeito a uma vivência povoada por fantasmas do sentido perdido (que outrora foram o self e os objectos significativos) e pelo terror sem nome (elementos beta primários). O fracasso da capacidade de continuar-a-ser (Winnicott, 1960) (cit. por Grotstein, 1999), consequência da desorganização provocada pelo estado traumático, leva à desrealização (do mundo objectal) e à despersonalização (do self), e exprime a vivência do Nada, sem sentido e caos.

Grotstein (1990, 1999) propõe uma expansão da teoria kleiniana, sugerindo que o bebé nasce numa posição depressiva primária (Nada primário – anorganização), regulando a aleatoriedade da experiência através de mecanismos esquizo-paranóides (clivagem, identificação projectiva, negação e idealização onnipotente), que conferem sentido mítico-fantasmático (não realista) às suas vivências, especialmente o terror de abandono. Para além dos seus dispositivos inatos (pré-concepções que se combinam com fantasias para produzir cenários narrativos adaptativos), o bebé precisa de ser apoiado – ligação e vinculação - pelas capacidades contentoras, sincronizadoras e sustentadoras da mãe que, para além de proporcionarem prazer, regulação e sentido, conferem unicidade e especialidade.

Assim, as capacidades inatas do bebê conjugadas com uma mãe suficientemente boa, que sustenta e significa (contentora dos conteúdos da criança – rêverie), servem de suporte até que constitua um “andaime” (presença de fundo da identificação primária) que module o terror do Nada e do sem sentido, facilitando a sua transformação em sentido. Assim, de forma compósita, a vinculação, o *handling*, o *holding* e a contenção, servem como self-objects básicos para criar um fundo de segurança e promover o desenvolvimento da função contentora do conteúdo. Só quando é atingida a capacidade de transitivar (treino de autonomia, capacidade de evocar a mãe na ausência e de usar objects transitivos) a criança está apta para conferir significado cognitivo e realista à experiência entre self e objects.

Contudo, se predomina a desregulação na díade mãe-bebê, se a primeira é incapaz de sustentar, apaziguar, empatizar e dar sentido às vivências angustiantes do bebê, vai hipotecar o seu potencial de desenvolvimento, predispondo-o a uma hipersensibilidade à experiência da aleatoriedade e, conseqüentemente, ao fenómeno buraco negro. Este, pressupõe um déficit na capacidade de atribuir, eficaz e atempadamente, significado pessoal e realista a acontecimentos potencialmente traumáticos, o que dá conta do conflito entre o poder de atracção do buraco negro e a capacidade defensiva do bebê, apoiado pelo seu ambiente sustentador.

Grotstein (1999) explica a génese do buraco negro enquanto déficit primário, com origem no campo do instinto de morte. Este último foi conceptualizado por Freud (1920/2001) na sequência da sua observação de sujeitos vítimas de traumatismos de guerra (“neuroses traumáticas”), que tendiam a repetir as suas experiências dolorosas, em oposição àquilo que este autor acreditava ser a orientação mais básica da mente (o princípio do prazer). Daí que, em *Para Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/2001) tenha reformulado a sua concepção da mente, propondo uma dialéctica mais profunda entre Eros e Tânatus, em que este último é visto como um movimento de desligamento, de restabelecimento de um estado anterior (no limite, um retorno às origens inorgânicas), por via da compulsão à repetição. Green, citado por Laub (2003), aponta que a principal manifestação do instinto de morte é a descatis libidinal, através da progressiva desconexão ao objecto, do que resultam buracos psíquicos. Deste movimento resulta um núcleo de vazio interno, que funciona como um vácuo que impede a organização da experiência emocional

Grotstein (1999) acrescenta que as manifestações desta tendência são um significante de um estado interno de carência, vazio e Nada, emitindo sinais de angústia que permitam ao psiquismo antecipar e auto-regular-se contra a concretização da experiência apocalíptica do buraco negro (significado último do instinto de morte). Na incapacidade de atribuir sentido a uma experiência, por inoperância da função alfa, é-se relegado para o sem sentido, o que se relaciona com o conceito de Freud (1911) (cit. in Grotstein, 1999) de desinvestimento libidinal, descrito como uma retirada do mundo objectal e o retorno ao Eu. Federn (1952) (op. cit.) acrescenta que o desinvestimento se aplica também às fronteiras do Eu, esbatendo as barreiras entre as várias instâncias psíquicas, levando à invasão e virtual desaparecimento do self, cuja consequência é uma vivência interna caótica, acompanhada de regressão desorganizadora e introversão.

Laub (2003) procurou articular o trauma psíquico com o instinto de morte, propondo que este último é libertado em situações que ficam aquém da possibilidade de significação. Baseando-se na sua prática clínica com sobreviventes do Holocausto, o mesmo autor afirma que as consequências das experiências traumáticas são: a incapacidade de manutenção do vínculo empático consigo próprio e com os outros; falha na assimilação e transformação da experiência em representação mental; tendência para repetir a vivência; resistência ao recordar e conhecer. A vítima procura, inconscientemente, a aniquilação das suas necessidades, bem como a percepção do self carenciado. No mesmo sentido, há uma busca de retorno à quiescência, um movimento em direcção ao vazio e à obliteração. Assim, vemos que o trauma psíquico pode conduzir à perda do bom objecto interno e dos laços libidinais, por acção das forças neutralizadoras do instinto de morte.

Neste ponto, aproximamo-nos do trabalho de Green (1983/1988) anteriormente revisitado, nomeadamente no que concerne ao complexo da mãe morta. A perda ou a não constituição de um bom objecto interno leva ao desinvestimento do Eu e dos objectos, restando apenas a prossecução de uma tendência para a morte e para a inexistência. A perda do simbólico materno infantil deixa o sujeito narcisicamente empobrecido. A vítima, face aos horrores da não existência do objecto (“*objectlessness*”), interioriza e identifica-se com o único objecto disponível – o mau objecto, cuja tirânica influência condena o indivíduo a sentimentos de falta, maldição, ruptura e falha representativa. O buraco negro passa a ocupar o lugar outrora consagrado ao objecto.

Eshel (1998), falando acerca do complexo da mãe morta, afirma que o facto da criança crescer na presença de uma mãe absorta num luto branco, traz graves implicações para a constituição de um espaço intrapsíquico e intersubjectivo. A transformação do padrão relacional da díade, que outrora fora alegre e vivo, cria lacunas na textura das relações objectais da criança com a mãe, devido à inexplicabilidade da mudança – a criança, não percebendo o que fez para que tal ocorresse, passa a acreditar que o distanciamento emocional da mãe se deve a algo que ela (criança) é, ficando proibida de ser. A criança que nasce sob o império da mãe morta fica cativa de uma economia de sobrevivência, não havendo lugar para o desejo, amor e/ou intimidade.

O trauma assume-se como uma presença invisível, não delimitada pelo carácter espaço-temporal da consciência (pertence à dimensão zero, libertando vagas de sem-sentido do mais profundo ser simétrico), pelo que o espaço mental não dispõe de condições estruturais para a sua elaboração. A acção do sem sentido, via compulsão à repetição, deforma a totalidade da realidade psíquica, tornando-se uma organização inconsciente que produz efeitos transgeracionais (Laub D. 2003).

Green (2000), referindo-se ao estado de alienação psicótica, indica que este denuncia uma negação radical da mente, por risco de consciencialização de uma imagem de si aterrorizadora. Pode ocorrer um processo de eliminação e supressão radicais de conteúdos mentais angustiantes (sem sentido), levando à ocorrência de estados de vazio (psicose branca). Deste modo, forma-se um buraco na mente que atrai todos os pensamentos ligados ao acontecimento traumático, tornando impossível a sua mentalização e elaboração. Acresce ainda que esta destruição da capacidade de representar, por acção dos elementos beta, danifica o aparelho para pensar os pensamentos, destruindo os elos de ligação e as conjunções constantes entre eles, levando à emergência de objectos bizarros.

Essas experiências não simbolizadas permanecem como coisas-em-si, factos não digeridos, obrigando ao uso de mecanismos de defesa arcaicos para libertar a frustração e a angústia. Uma das vias possíveis é o uso massivo da identificação projectiva patológica. As consequências do uso excessivo desta operação psíquica são: aniquilamento da mente pelo seu esvaziamento; como a clivagem do objecto para posterior evacuação implica também uma clivagem do ego, e na medida em que tudo o que é projectado retorna ao Eu, ocorre que

os sentimentos de ameaça de aniquilamento e perseguição sejam vividos como internos e externos, não havendo separação entre o objecto persecutório e o sujeito perseguido.

Segundo Green (1973, 2000), estes sujeitos não tiveram capacidade de manter na mente os objectos introjectados, sejam bons ou maus, para que pudessem ser elaborados pela função alfa. O desenvolvimento psíquico e a construção do ego pressupõem que se mantenha na mente a experiência emocional, para posterior transformação desses dados sensíveis em elementos pensáveis. Para este autor, o pensamento não pode estar dissociado da dor, do sofrimento e do prazer, daí que defenda a importância do trabalho do negativo.

Só a introjecção do bom objecto interno e da função continente permitem a tolerância à ansiedade induzida pela ausência da mãe; nestes casos, a fé no seu regresso é suficientemente forte para tolerar a separação e aceder à função simbólica. Pelo contrário, se as experiências não forem mentalizadas, falham na sua transformação em símbolos, tornando-se ora objectos concretos na psique, ora estados corporais (sintomas somáticos), o que não serve de alimento ao pensamento. Essas experiências são recusadas, isoladas e postas de quarentena, permanecendo altamente imutáveis, embora exercendo a sua influência no domínio do não-pensado (Mitrani, J. 1995).

Nos sujeitos com zonas de vazio traumático, por ruptura de relação com o mundo objectal, e por isso sujeitos ao buraco negro, compreende-se que essa predisposição é continuação de uma depressão primária por perda do objecto primário, privação essa que foi vivida como catastrófica. Houve, então, uma separação abrupta e inesperada (real ou fantasiada), numa fase anterior ao desenvolvimento da capacidade do bebé introjectar um bom objecto total (cujo valor e significação transcendem a ausência) e, por isso, de poder evocar internamente a mãe e suportar a lacuna do Nada (falhas no desenvolvimento entre a simbiose e a separação-indivuação). Esta depressão primária tem uma dupla consequência: na medida em que consideramos haver uma indivisibilidade mãe-bebé, para este último a perda do objecto equivale a uma perda narcísica primária.

Assim, segundo Bibring (1953) (cit. in Grotstein, 1999), a depressão primária é o primeiro desorganizador da psique, associado a uma precária e porosa presença de fundo da identificação primária, principal gerador de segurança e sentido. Na medida em que, dada a indiferenciação inicial, a separação brusca da díade não possibilitou a normal consciência de demarcação dos corpos, a criança fica com o seu desenvolvimento comprometido. O bebé

não encontrou objectos de interacção suficientemente bons e empáticos, que conseguissem dar respostas emocionais adequadas, que o ajudassem a superar a posição depressiva primária (impotência primária) e a significar e consolidar a experiência de continuar-a-ser. A função continente não é adequadamente introjectada, o que impede o crescimento e expansão mentais, ficando no seu lugar zonas de grande privação e carência (a inveja e voracidade são secundárias) (Mitrani, J., 1995).

Na ausência de uma psique dotada de solo e paredes firmes, ou pelo seu funcionamento deficitário, o sujeito fica exposto às vagas de sem-sentido. O buraco negro representa, assim, tanto as enormes distorções da mente para preencher a lacuna do Nada, como a morte da significação do self e dos objectos (desinvestimento). Esta experiência é acompanhada da consciência de um vazio cósmico de leis alteradas pelo perverso domínio da parte psicótica da personalidade (objectos bizarros), e é vivida de forma voraz, invejosa e caótica.

A este respeito, Grotstein (1990, 1999), descreve a restituição psicótica como uma transformação em alucinação (T –K), caracterizada pela inversão da função alfa, em que a parte psicótica da mente se apropria dos instrumentos do processo primário e secundário da parte neurótica da personalidade, usando-os de modo alterado. Este movimento representa a acção do instinto de morte para fugir da experiência catastrófica, “entupindo” o buraco negro desintegrador com cenários/fantasia arcaicos do tipo narrativo (delírios e alucinações). A reversão da função alfa visa a reorganização do caos numa ordem aparente, mas que mais não é do que uma simulação sinistra da realidade. A própria força de vida é revertida, trazendo consigo a devastação do mundo interno. O processo psicótico deve-se, pois, à incapacidade de tolerar a lacuna do Nada, conduzindo a que as mentalizações sejam substituídas por equações simbólicas sob a forma de mau seio (in-substância).

Grotstein (1999) descreve as perturbações mentais primitivas como um conjunto de técnicas defensivas de auto-regulação de um estado emocionalmente catastrófico. Estas defesas constituem-se como estratégias inatas activadas por experiências traumáticas, sendo significantes semióticos da experiência do buraco negro, antecipadas pelo instinto de morte. O buraco negro é, então, o encontro do Nada (continente) com o sem-sentido (conteúdo) que, por inoperância da função alfa e impossibilidade de se fazer um movimento progrediente em $Ps \leftrightarrow D$, resulta em desorganização e colapso psíquicos – redução da dimensionalidade psíquica e perda das coordenadas do espaço interno. A irrupção da agressividade e

destrutividade são respostas a esse derradeiro estado traumático, sendo, por isso, significantes da catástrofe. Assim, a problemática dos sujeitos com perturbações mentais primitivas, designadamente as perturbações borderline e psicóticas, deve ser entendida num duplo sentido: os conflitos psicopatológicos caracterizam-se por uma desorganização e aleatoriedade, e os défices associam-se ao Nada e ao sem-sentido (o “poder” da impotência, segundo o autor). A incapacidade de atribuir sentido pessoal e realista à experiência pode dever-se ao facto destes indivíduos terem sofrido graves privações ou carências na infância precoce, o que os levou à introjecção de objectos pouco sustentadores e continentos, que atacam e destroem a capacidade de pensar e gerar significação. Freud (1917) e Klein (1940) (cit. in Grotstein, 1999) apontam o buraco negro como o dramático destino do Eu após a introjecção de um seio que já sofreu ataques, reais ou fantasiados, da inveja e da voracidade, cujo resultado é a internalização de um objecto parcial danificado (buraco no Eu) ou persecutório.

A vivência do buraco negro, enquanto experiência potencial veiculada pelo instinto de morte, concretiza a ansiedade de abandono devido à falta de sustentação e/ou à desregulação da díade mãe-bebé. Após esta catástrofe psíquica, pode ocorrer uma identificação do verdadeiro self com a parte psicótica da personalidade, levando a que a criança perca a sua inocência, unicidade e a esperança/confiança na bondade do mundo objectal. Cria-se um sentimento de condenação, em que o sujeito desmoralizado outorga o seu direito de integridade e dignidade pessoais ao seu buraco negro, personificado num mau objecto interno. Grotstein (1999) ilustra esta situação como a venda da alma ao Diabo em troca de uma falsa segurança, na medida em que este “pacto” oferece o sentimento de se ser amaldiçoado e insignificante que, ainda assim, definem o sujeito. A este propósito, Fairbairn (1943/2000) refere que o pacto satânico ilustra a dificuldade que o sujeito apresenta em se libertar dos seus maus objectos internos, na medida em que a libido actua na mesma direcção que o recalçamento, e não para os objectos externos. Para este autor, citado por Grotstein (1999) quanto pior a experiência com o objecto primário, maior a possibilidade de ocorrência do buraco negro, visto que o recalçamento vai actuar sobre os maus objectos e sobre os eus excisados, formando uma forte atracção tipo vácuo que destrói os vínculos libidinais e identificatórios. Se a vivência com o objecto real for traumática e/ou frustrante, a

internalização e o recalçamento actuam de forma a torná-la inconsciente – defesa moral. Quanto mais inconsciente a experiência, maior o seu poder de atracção.

Encontramos, assim, um elevado grau de dissociação entre a parte saudável e a parte escravizada ao buraco negro, condenando o indivíduo à descontinuidade do self e da experiência. A vitimização constante cria um fatalismo masoquista, exercido quer por objectos internos extremamente maus, quer por “predadores” externos, que repetem relações frustrantes e abandonantes, o que confirma as crenças do sujeito em relação ao seu destino trágico. Criam-se, deste modo, as condições para que, no indivíduo sujeito ao seu buraco negro, as relações humanas sejam altamente temidas, uma vez que faz uma equivalência entre o dar e o ser esvaziado. Há uma procura activa de distanciamento, já que o contacto com o outro desperta a recordação não lembrada da catastrófica decepção provocada pelo investimento libidinal não correspondido na relação precoce. Neste sentido, procura-se a abolição de toda a afectividade, por receio da perda dos laços libidinais potencialmente desenvolvidos (Chessick, 1995; Eshel O. 1998).

Outra das consequências do buraco negro consiste na perturbação da auto-regulação, ou seja, na incapacidade de produzir transformações adequadas no sentido de retomar o equilíbrio interno após uma desregulação. Na medida em que o bebé começa por ser regulado pelo exterior (objecto materno), torna-se imprescindível que o ambiente sustentador confira afecto, especialidade e sincronização à criança, modulando os seus estados de consciência disruptivos. Se o encontro entre a díade não é mutuamente regulado ou atempadamente reparado, o processamento dos dados da experiência do bebé pode ficar incompleto ou ser recusado, criando uma dissociação entre a linha do sentido (evolução simbólica) e da auto-regulação. Dito de outro modo, na impossibilidade de se auto-regular, por falência introjectiva de bons objectos apaziguadores, o bebé não acede à função simbólica. O sujeito fica com uma hipersensibilidade à experiência da aleatoriedade, tendo uma confiança precária na sua capacidade de modulação afectiva. Esta hipersensibilidade pode dever-se a uma intolerância inata à frustração “herdada” por alguns bebés, bem como a condições ambientais de abuso e negligência que provocam alterações importantes nos circuitos neurológicos.

Este último aspecto remete-nos para o conceito freudiano de neurose actual, que se refere a anomalias neurobiológicas e neurofisiológicas que têm consequências neuropsicológicas. Assim, a alteração da química cerebral pode levar a sintomatologia

psíquica (ansiedade, pânico) que, intrinsecamente, não tem significado dinâmico, sendo profundamente sem sentido (psicologicamente, mas não biologicamente). Grotstein (1999) distingue a significação simbólica, que opera por símbolos (significados), da auto-regulação, que opera por sinais (significantes). Os sujeitos que não se podem organizar pela via simbólica, apenas se podem regular através do comportamento e da descarga somática.

Neste sentido, a raiva e a agressividade, normalmente atribuída ao fraco controlo dos impulsos do sujeito borderline, podem ser entendidas num duplo sentido: tanto são significantes de um perigo iminente, como podem ser vistas como uma forma de regular estados de fragilidade, impotência, sem sentido e Nada (o seu buraco negro). A impulsividade, a busca de situações de perigo e a dependência de substâncias são modos de modificar a farmacopeia interna (endorfinas, encefalinas), com a finalidade de recuperar o equilíbrio homeostático, ou até de atingir um breve momento de vivacidade e auto-coesão. São as formas possíveis de recobrir o seu abismo interno.

A confiança na capacidade de auto-consolo e auto-apaziguamento é, portanto, essencial para que a criança possa desenvolver um interesse pelo mundo interno e externo. Se tal não acontece, dá-se um repúdio do psíquico, já que não se constituiu um espaço interno que possibilite o mapeamento da experiência com os objectos (representação simbólica). Forma-se um pensamento operatório, desligado da (inter)subjectividade, na medida em que o sujeito fica impedido de aceder, discriminar e modular os seus estados emocionais. A vida torna-se uma ameaça, uma constante e imprevisível perturbação do ser impedido de (se) conhecer. O seu baixo limiar aos estímulos emocionais limita as suas ambições e expectativas, reforçando o seu sentimento de condenação.

Relativamente às implicações psicoterapêuticas que se devem ter em consideração nos sujeitos dominados pelo seu buraco negro, há uma consonância entre os pontos de vista dos diferentes autores até aqui abordados. Joseph B. (1981) fala da contenção afectiva, da capacidade de espera e aceitação do analista, da necessidade de desenvolver no sujeito um sentido de responsabilidade pessoal por si próprio, pelas suas relações e funcionamento mental. Pensa que, no início do tratamento, devido à precária diferenciação entre analista e analisando, este último não consegue aceder à posição depressiva, pelo que não está capacitado para sofrer a dor mental. Com o decorrer do tratamento, há um declínio das

defesas esquizóides e maníacas, havendo maiores possibilidades de elaboração e integração emocionais.

Grotstein (1990, 1999) fala da necessidade de desenvolver tolerância ao cruel e fantasmaticamente real Nada, para que este possa ser transformado numa não-coisa, um espaço mental vazio onde os pensamentos e sentimentos possam ser pensados e sentidos. Eshel O. (1998) acrescenta a indispensabilidade da díade sujeito-analista sobreviver às vagas de sem sentido do buraco negro. É indispensável a proximidade emocional do analista, para que este possa ser usado, afectado e perturbado pelo mundo interno do paciente, a fim de sustentar o sujeito e permanecer vivo durante a experiência de aniquilação. Se estes momentos são bem conseguidos, o analista passa a ser sentido como um objecto vivo e forte, passando a ter valor porque sobrevive à destrutividade. Mitrani (1995) adverte que as ansiedades impensáveis despertadas pelo buraco negro não devem ser interpretadas, sendo mais importante entrar em contacto com o infinito sem sentido da experiência do paciente, até que ele possa tolerar melhor a dor e poder entrar em contacto consigo próprio, para que, mais tarde, novas perspectivas se possam encontrar.

Laub D. (2003) assinala que a melhor forma de detectar o trabalho insidioso do instinto de morte é através da contratransferência: sentimentos inexplicáveis do analista, sintomas somáticos, dificuldade em empatizar com o analisando. Destaca que o trabalho mais importante é reforçar as ligações libidinais, a reinscrição de um outro bom objecto interno no interior da mente e, finalmente, ajudar o paciente a reconstruir uma narrativa coerente sobre si.

Em suma, o buraco negro apresenta-se como a mais temida das experiências humanas. Faz parte da fantasmagoria do instinto de morte, que emite sinais de angústia (significantes semióticos da ausência, carência e Nada) que anunciam e mobilizam estratégias defensivas para fugir da catástrofe psíquica fundamental. Na sua génese encontramos uma depressão primária, em que a angústia de separação foi vivida de forma intolerável, ficando aquém do sentido. O buraco negro que o criança encontrou no olhar materno activou as mais radicais medidas de protecção da psique que, no limite, procuram o não-ser, “salvando” o sujeito de uma vida mais indigna do que a morte (como nos casos de hospitalismo de Spitz). Uma vez concretizado, o buraco negro atormenta as suas vítimas, sujeitando-as ao naufrágio existencial, ao enfraquecimento do ego e ao desinvestimento do mundo objectal. O encontro

do Nada com o sem sentido resulta na negação do ser e da experiência, condenando o sujeito à descontinuidade do self, como pensamos estar brilhantemente ilustrado neste excerto de Fernando Pessoa:

“Sou os arredores de uma vila que não há. O comentário prolixo de um livro que se não escreveu. Não sou ninguém, ninguém. (...) Sou uma figura de romance por escrever, passando aérea e desfeita, sem ter sido, pelos sonhos de quem me não soube completar.”

O antídoto contra esta queda no Nada cósmico é a constituição de uma presença de fundo da identificação primária, essência da bem-aventurança da relação precoce, geradora de sentimentos de segurança, significado, valor e gratidão. Nas palavras do autor, *“Postulo, além disso, que é dever da mãe salvar o seu bebé da queda, de outro modo inevitável, no abismo do “buraco negro” saciando-o com uma enormidade de amor, protecção e significação – sob a cobertura benigna de uma folie à deux protectora”* (Grotstein, 1999, p.127).

Iremos de seguida explorar os trabalhos de Bion e Matte Blanco relativos ao processo de desenvolvimento mental sob o vértice da simbolização, por forma a, por um lado, constituirmos uma concepção sobre o devir humano nesta lógica e, por outro, aprofundarmos as fundamentações desenvolvidas por Grotstein relativas ao buraco negro na patologia limite.

1.5. Bion e o Universo em Expansão

Bion operou um verdadeiro corte epistemológico com o pensamento psicanalítico do seu tempo. Apesar das influências de Freud e Klein, o autor deixou de ver utilidade na perspectiva genético-evolutiva preconizada por ambos, em que o humano estava sujeito a percorrer várias etapas evolutivas (fase oral, anal, fálica, latência) até atingir a primazia genital – abordagem que encarava a perturbação mental como uma fixação ou regressão a determinada fase do desenvolvimento. Ao unir cognição e afecto sob a égide do pensamento,

como veremos adiante, Bion (1970/1973) postula que toda a psicopatologia remete para uma perturbação do pensamento, e que o problema psicanalítico é o do crescimento e da maturação da personalidade. Importa, portanto, observar a forma e eficácia (ou falta dela) com que o sujeito utiliza o pensamento, e se esse manuseamento dos conteúdos mentais permite uma articulação sadia e desenvolvutiva que resulte em aprendizagem com a experiência.

Os processos que visam o desenvolvimento da personalidade estão activos ao longo da vida, pelo que em qualquer altura esta pode evoluir, estagnar ou regredir (regressão do processo que leva à evolução, pela utilização de mecanismos para lidar com a realidade qualitativamente menos sofisticados dos que já haviam sido adquiridos).

Como corolário da ausência de um eixo genético-evolutivo, a vida infantil perde também o seu carácter determinante enquanto organizador e condicionador da vida adulta. Para Bion, o objecto da psicanálise é a relação intersubjectiva que se estabelece entre paciente e analista, a descoberta da(s) verdade(s) (O) que a mente do analisando tanto teme, oculta e se defende. Os conteúdos presentes no discurso do paciente são, antes de mais, reveladores de uma dinâmica entre diversos elementos do pensamento, e é esse processo que deve ser analisado e desenvolvido, por forma a que dele possa advir desenvolvimento e crescimento mentais. As histórias que o analisando conta, mais do que o seu valor intrínseco, mostram uma forma particular de sentir e perceber sob a forma de pensamento. Segundo este autor (cit. por Zimerman, 1995), mais do que tornar consciente o conflito inconsciente, o enfoque deve ser colocado no intercâmbio comunicativo entre estas duas instâncias psíquicas, e na passagem do processo primário para o processo secundário. Relativamente às perturbações do pensamento, que analisamos em seguida, Bion distinguiu estes tipos: conflitos entre a parte psicótica e a parte não-psicótica da personalidade, dificuldades no desenvolvimento dos pensamentos (independentemente do grau) e falhas ao nível do desenvolvimento do aparelho para pensar os pensamentos.

Em 1963, no livro *Elements of Psychoanalysis*, Bion sintetiza um conjunto de concepções e de situações psíquicas que podem ser observadas na situação analítica. Os elementos que consideramos mais relevantes são: relação continente-conteúdo, posição esquizo-paranóide e posição depressiva, vínculos L, H e K, dor psíquica e transformações. Procuraremos, ao longo deste capítulo explicitar e articular estes elementos, por forma a

elucidar as ideias do autor a propósito das suas principais teorias – Teoria do Pensamento, do Conhecimento, das Funções e das Transformações.

Bion (1962) articula as teorias do pensamento e do conhecimento, referindo que os pensamentos são anteriores à actividade de pensar, e que é a pressão exercida pelos “pensamentos que precisam de ser pensados” que conduz ao desenvolvimento de um aparelho para pensá-los e, assim, aceder ao conhecimento. Freud, citado por Zimerman (1995) assinala que o excesso de estímulos mentais leva à necessidade de desenvolver um aparelho psíquico que permita a elaboração dos conteúdos psíquicos, e não a sua simples evacuação. Para Freud, a formação dos pensamentos deve-se à ausência do objecto necessitado (numa situação em que não é possível compensar essa ausência através da gratificação alucinatória), seguida de frustração e internalização do objecto faltante através de representações no ego.

Ao contrário do processo primário, que remete para a satisfação imediata das necessidades ligada ao princípio do prazer, o processo secundário determina a formação do pensamento com a finalidade de adiar a descarga pulsional e de melhorar os estados de desamparo, ambos decorrentes da frustração e do contacto com o princípio da realidade. Assim, também para Bion, o pensamento (protopensamento) surge no lugar da ausência ou privação de uma necessidade, o que requer a existência de um aparelho para pensar os pensamentos que “solucione o problema” através da formação de pensamentos propriamente ditos. A capacidade para pensar surge sobre o princípio do prazer, permitindo libertar a psique de um acréscimo de estímulos. Desta forma, a formação do pensamento propriamente dito depende da operacionalidade desse “aparelho para pensar”, enquanto que o conhecimento apenas depende da existência de pensamentos. O autor propõe-nos, desta forma, um esquema evolutivo do pensamento (teoria da função alfa), que vai desde os protopensamentos (elementos beta), seguido dos pensamentos propriamente ditos (elementos alfa) e culminando na capacidade de pensar (teoria do conhecimento).

O que são os elementos beta e alfa, e como se dá a passagem de uns para outros? Os elementos- β são dados brutos dos sentidos, tanto ao nível da percepção das qualidades psíquicas elaboradas pela consciência, tanto ao nível da percepção das qualidades físicas elaboradas pelos órgãos dos sentidos. Prestam-se apenas a ser expelidos da mente via identificação projectiva, ou a ser transformados em elementos “pensáveis” através da função-

α . São, portanto, elementos estáticos e rígidos. Por sua vez, os elementos- α são constituídos por impressões visuais, auditivas e olfactivas armazenadas na memória, são plásticos, maleáveis e prestam-se a ser manuseados, transformados e utilizados pelo pensamento, após terem sido “alfabetizados” pela função- α .

A forma como esta última actua é, em grande medida, desconhecida, embora seja determinada pela interacção dinâmica entre continente e conteúdo, e pela oscilação entre a posição esquizo-paranóide e depressiva. A função- α caracteriza-se por ser um mecanismo que opera sobre os elementos- β provenientes da realidade interna e externa, desintoxicando-os e refinando-os de tal forma que possam ser assimilados pelo aparelho psíquico, onde sofrem novas e contínuas transformações em direcção a um grau sempre crescente de abstracção. Exerce a sua actividade continuamente, sob a forma de pensamentos de vigília, pensamentos oníricos e inconscientes. Esta função desenvolve-se no contacto com uma alteridade real e significativa a quem a criança está vinculada, normalmente a figura materna, que vai fornecendo elementos- α à psique nascente, ainda antes dela os poder produzir por si própria. São estes elementos que vão pressionar o desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos que, depois de interiorizado, se vai constituir como uma estrutura dentro do aparelho psíquico, permitindo que a criança se autonomize.

Compreende-se, assim, que a aquisição da capacidade para pensar só é possível à luz de uma relação na qual a criança possa desenvolver mecanismos progressivamente mais evoluídos para lidar com e compreender a realidade interna e externa. O protótipo da relação continente-conteúdo é a relação mãe-bebé. Como vimos, de acordo com o princípio do prazer de Freud (cit. por Zimmerman, 1995), a experiência de desconforto (elementos- β – protopensamentos) é vivenciada pelo bebé de forma extremamente angustiante, e na medida em que o físico e o mental ainda não estão claramente diferenciados, estas experiências emocionais e sensoriais primitivas adquirem a natureza de “coisas-em-si” (Kant).

Uma vez que o bebé é profundamente dependente, sem o apoio de um Outro que contenha e dê sentido à angústia, esta apenas pode ser projectada para dentro do corpo ou para fora no mundo externo. É imperioso que a figura de vinculação da criança acolha as suas identificações projectivas, independentemente da sua qualidade boa ou má, e tenha a capacidade de as manter na sua mente o tempo suficiente para intuir e ressentir o seu significado e, por fim, devolvê-las à criança de uma forma “purificada”. Dito de outro modo,

a rêverie materna bem sucedida subentende que a mãe esteja capacitada para fazer a identificação introjectiva das identificações projectivas da criança (elementos- β) e, através da sua própria função- α , transformá-las em elementos- α assimiláveis pela mente da criança, levando a que a sua experiência seja vivida como um fenómeno subjectivo e não apenas concreto. A identificação projectiva assume, assim, um carácter comunicativo (é, aliás, o protótipo da comunicação humana), ainda que primitivo, entre o bebé e um Outro real, sendo por esta via que a criança adquire os primeiros elementos pensáveis que, mais tarde, vão formar e constituir um aparelho para pensar os pensamentos, pela internalização da função- α materna.

Tomemos o seguinte exemplo: o bebé chora e esbraceja violentamente porque tem fome. Ele não sabe que tem fome, apenas experimenta um forte desconforto físico e psíquico, por acção do instinto de morte. A mãe dirige-se a ele, acolhe-o suavemente no seu colo e procura acalmá-lo dando-lhe o peito: “O bebé tem fome, a mãe já vai dar de comer... Não é caso para tanto alarido, a mãe está aqui”. Desta forma, a mãe não apenas intuiu correctamente a necessidade do bebé, mas também o conseguiu tranquilizar, nomeando a sua angústia e aliviando-a. Num outro caso, e perante um bebé nas mesmas condições, a mãe pode aproximar-se da criança e não entender aquilo que esta está a querer comunicar. Pode dizer algo como: “Não há paciência para esta criança, não percebo o que ela quer. Que raio se passa contigo bebé?” Neste caso, a mãe não conseguiu introjectar as identificações projectivas da criança, falhando na sua função continente e transformadora, acabando por devolver ao bebé o seu medo de morrer. Segundo Bion, citado por Symington & Symington (1999), a consequência desta falha na rêverie materna é a introjecção, por parte do bebé, e um continente poroso e/ou danificado, incapaz de conter os conteúdos da experiência. O autor sugere que quando o bebé projecta o seu medo de morte dentro do seio, deposita também o seu ódio e inveja do seio tranquilo. Este último é, então, percebido como que retirando progressiva e invejosamente o sentido do medo projectado, de tal forma que em vez de ser purificado e devolvido à criança de uma forma significativa, é, ao invés, esvaziado de sentido – devolve-se o medo de morte desprovido de sentido, experimentando-se um aumento do medo em vez de alívio, denominado pelo autor como “terror sem nome”. A dor psíquica não é sofrida (o que permitiria a organização de um pensamento para modificá-la) mas desprovida de sentido.

É evidente, em nosso entender, a importância da função alfa enquanto (trans)formadora de um espaço mental onde as impressões sensoriais possam ser transformadas em conteúdos mentais (elementos alfa) de modo a que estes possam ser agrupados e submetidos a arranjos e re-arranjos, num crescendo de capacidade simbólica e abstractiva (uma vez que estes elementos têm uma forte capacidade de integração e vinculação entre si). A proliferação de elementos- α que aderem entre si, forma uma barreira semi-permeável que demarca e permite o intercâmbio comunicativo entre consciente e inconsciente, interno e externo (barreira de contacto). A função alfa assume aqui um papel crucial, na medida em que é esta que remodela e reestrutura a barreira de contacto, permitindo a simbolização. Trata-se de uma estrutura simultaneamente permanente (existe enquanto existirem elementos- α) e transitória (já que os elementos- α se modificam permanentemente), da mesma forma que um rio que separa duas margens, rio que existe enquanto houver água, água essa que nunca é a mesma. Vemos, portanto, que existem condições para que esta barreira se mantenha, podendo ser destruída nos casos em que os elementos alfa se despojam das suas características e se convertem em elementos beta, mantendo vestígios do ego e do superego, configurando objectos bizarros (Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E., 1991).

Se, de modo inverso, os elementos beta proliferam sob a forma de uma aglomeração (já que não são susceptíveis de se integrarem e vincularem entre si), estabelece-se uma tela beta, constituída por elementos que não são passíveis de serem pensados, não permitindo a diferenciação entre as instâncias estabelecida pela barreira de contacto, nem a elaboração de sonhos. Revela-se normalmente em estados mentais confusionais com perda da realidade, pois que o destino destes elementos é serem evacuados via identificação projectiva. A tela beta apresenta-se como um estilo de falha no processo de simbolização – existe uma prevalência da posição esquizo-paranóide sobre a posição depressiva, pelo que o processo de formação de símbolos é substituído por equações simbólicas. Segundo Segal, citada por Zimerman (1995), nestes estados mentais de dispersão o símbolo fica confundido com o simbolizado, reflectindo um estado de desenvolvimento rudimentar do ego, bem como do seu modo de se relacionar com os objectos (ego e objecto actuam como se estivessem fundidos, gerando confusão). Este tipo de transtorno da capacidade de pensar, motivados por uma função alfa deteriorada ou insuficientemente desenvolvida, que fracassa na produção de elementos alfa, leva a que os sujeitos tendam para a actuação, usem um pensamento concreto

e haja uma incapacidade de sonhar ou de recordar sonhos (Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E., 1991).

Bion (op. cit.) refere ainda que podem haver situações em que existem elementos alfa disponíveis, mas a psique não tem suficiente tolerância à dor mental, o que provoca uma reversão da função- α . Daí decorre que os elementos alfa são fragmentados e projectados resultando em objectos bizarros, descritos como sendo elementos beta que guardam vestígios do ego e do superego. Estes elementos resultantes da reversão da função- α podem ser encontrados em três quadros clínicos: descarga somática (somatizações), evacuação pelos órgãos dos sentidos (alucinações) e acção (actings ou conversas sem sentido).

Ao referir a existência de uma hierarquia de pensamentos desde o nível embrionário até aos pensamentos puros, bem como uma função encarregue desse “refinamento”, podemos subentender que o que torna esse processo progressivo é o modelo continente-conteúdo em busca de uma realização, isto é, um pensador que aguarda pela oportunidade de acolher um pensamento. Bion sugere o termo “pensamento vazio” para elucidar um estado mental de espera, equivalente a uma pré-concepção que aguarda uma realização. Este último termo designa uma experiência emocional que resulta da frustração da onipotência do bebé, que o obriga a voltar-se para o mundo real em busca de uma retoma do equilíbrio perdido. Na medida em que o bebé tem uma pré-concepção inata do seio, uma realização positiva será aquela em que a criança confirma a presença do bom seio que corresponde às suas necessidades. Deste encontro entre a pré-concepção e uma realização positiva resulta uma concepção com uma qualidade sensório-perceptiva, que em correlação com outras concepções promove conceitos - o relacionamento e discriminação das suas qualidades forma a capacidade de julgar e, por fim, de raciocinar.

Contudo, se a pré-concepção encontra uma realização negativa, isto é, se o bebé não encontra um seio real e disponível, essa ausência é vivida com muito sofrimento, já que, dada a insuficiente diferenciação entre o self e os objectos, a criança sente a presença de um seio mau e ausente dentro de si. A frustração é ainda maior na medida em que fere o seu narcisismo onipotente ao revelar ao bebé que não é o provedor de todas as gratificações de que necessita, fazendo surgir o ódio e a inveja. Se a tolerância à frustração for adequada, a “coisa ausente” torna-se num elemento do pensamento e desenvolve-se um aparelho para pensá-lo (a capacidade para pensar é sincrónica ao princípio da realidade). Se o ódio

predomina, a mente vê-se impossibilitada de fazer permanecer os sentimentos dolorosos o tempo suficiente para eleger um facto seleccionado - o mau seio internalizado tem e ser expulso, levando a um desenvolvimento excessivo do uso da identificação projectiva e da onnipotência. Forma-se, portanto, um psiquismo que opera numa lógica da evacuação (para o exterior ou descarga somática), em que o bom (seio) é equivalente ao não-mau (expulsão do mau seio).

O uso excessivo da identificação projectiva, privando o sujeito do exercício da faculdade de pensar e de produzir modificações na sua realidade, aumenta ainda mais a intolerância à frustração. Fica assim claramente demonstrada a importância das realizações negativas para a formação, utilização e crescimento do pensamento, bem como a sua inevitabilidade no decorrer da experiência humana. A capacidade negativa, a saudável aptidão de sustentar o não saber e o medo do desconhecido, conjugada com uma função- α operante, permitem a integração das impressões dos sentidos com as emoções correspondentes sob a forma de um pensamento, um nome. Segundo Bion, a frustração subsequente à não da satisfação imediata das necessidades pulsionais (que decorre da passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade) só pode ser ultrapassado através da reflexão.

Bion, citado por Symington & Symington (1999), postula que o vínculo é o catalisador da experiência emocional e o promotor do desenvolvimento do pensamento. Quando duas pessoas ou duas partes da mesma pessoa (consciente e inconsciente, parte psicótica e não-psicótica da personalidade) se relacionam, o vínculo estabelecido entre elas tem sempre presente pelo menos um de três tipos de emoções básicas: Amor (*Love*), Ódio (*Hate*) e Conhecimento (*Knowledge*), assim como os seus opostos -L, -H e -K. Os vínculos são, portanto, os elos de ligação de natureza emocional entre dois elementos, são transformáveis, podem adquirir várias combinações de significados e devem ser compreendidos através do modelo continente-conteúdo. Segundo Bion, citado por Zimerman (1995), na medida em que os pensamentos são indissociados das emoções, há na mente uma função vinculadora que confere sentido e significado às experiências emocionais que surgem numa relação, que se dá pelo nome de vínculo K.

Este último é, portanto, a ligação que se estabelece entre o sujeito que procura conhecer um objecto e um objecto que se presta a ser conhecido. É através desta função que o sujeito

pode aceder à verdade sobre si próprio ou sobre os outros e tornar-se consciente da sua experiência emocional, o que lhe permite abstrair uma conceituação e formulação da mesma. Em suma, o vínculo K é um processo que advém da pulsão epistemofílica ao conhecimento das verdades, permite que se aprenda com a experiência e estimula a saudável curiosidade pela vida e pelo mundo objectal. Para o autor, o eixo central da formação do conhecimento é, como já vimos, a maior ou menor capacidade da criança para tolerar as frustrações decorrentes da privação e da ausência do objecto necessitado.

A tolerância à dor mental é, aliás, um dos elementos da psicanálise propostos por Bion, já que assume um carácter decisivo no desenvolvimento psicológico. Considerando-a uma característica intrínseca da personalidade, embora possa ser influenciada por condições ambientais, o autor determina que, face a uma situação causadora de frustração, o sujeito é forçado a tomar uma decisão: negá-la ou modificá-la. Se optar pela primeira hipótese, cria-se um vínculo -K ou não-K, em que há um evitamento da dor e das verdades intoleráveis, levando a que o ego construa falsas estruturas carregadas de onipotência e prepotência, sendo o enfoque científico substituído por um super superego onisciente e todo poderoso, havendo ainda um sobredesenvolvimento dos mecanismos defensivos ligados à negação. Em última análise, a negação contínua da frustração e da verdade conduzem a um empobrecimento da percepção da realidade, como encontramos na psicose – o ódio à frustração é estendido à realidade e ao próprio aparelho mental de que a percepção da realidade depende. Por sua vez, se a criança tem uma suficiente tolerância à frustração e uma boa capacidade para tolerar a depressão decorrente das realizações negativas, pode modificar a frustração desenvolvendo o vínculo K a aprendendo com a experiência, após internalização da função-K materna.

Os factores constitucionais e as vicissitudes da relação precoce podem constituir-se como forças que se opõem à experiência emocional, sendo representadas como o negativo dos vínculos: -L, -H e -K. Se algum destes vínculos domina no relacionamento entre sujeito e objecto, o processo de compreensão que ocorre na relação é invertido, levando à destruição do significado da experiência (Symington, J., & Symington, N. 1999). Quando a inveja é um factor predominante, como Klein assinalou a propósito dos ataques ávidos e invejosos feitos ao bom seio por parte do bebé, a interacção entre continente e conteúdo leva a que os pensamentos se esvaziem de sentido. Bion sugere três tipos de vínculo entre continente e

conteúdo: comensal, em que dois objectos compartilham um terceiro para vantagem dos três (vínculo K); simbiótico, em que continente e conteúdo dependem um do outro para vantagem mútua; parasitário, em que a relação ♀ e ♂ é mutuamente danificante e destrutiva (precursor do “terror sem nome”).

Depois desta breve exposição sobre o essencial das ideias de Bion acerca da génese do pensamento e a expansão mental, propomo-nos elucidar de forma mais detalhada a sua noção de continente-conteúdo e sua articulação com a posição esquizo-paranóide e depressiva. Bion, citado por Dias & Fleming (1998) refere que o fundamento da relação ♀ ♂ é a relação mãe-bebé. A primeira serviria de continente às identificações projectivas (conteúdos) do bebé, utilizando a sua função alfa para fornecer elementos pensáveis à criança depois desta os reintrojectar. É a identificação que o bebé faz à função continente da mãe que lhe vai permitir o desenvolvimento de um espaço mental onde os diferentes conteúdos se possam ligar, re-ligar e transformar em graus sempre crescentes de abstracção. Este continente psíquico deve possuir características como a integridade, ainda que apto para a mudança e à perda de rigidez de modo a acolher novas ideias e significações, bem como tolerância à dúvida. O aparelho para pensar é, pois, representado por ♀ ♂. Relativamente a $Ps \leftrightarrow D$, trata-se de uma flutuação entre momentos de dispersão (Ps) e de integração (D) contemporâneos a ♀ ♂, que põe em evidência os pensamentos gerados nesta última.

Da sua leitura da obra *Learning from Experience*, Dias e Fleming (1998) afirmam que o continente depende da alternância dos processos de dispersão e integração operados por $Ps \leftrightarrow D$, já que é desta que se origina o pensamento. Segundo as suas palavras, “*de uma função $Ps \leftrightarrow D$ adequada surge o delineamento do objecto total, enquanto que de ♀ ♂ depende o significado do objecto total*” (p. 15). São também enunciadas algumas das funções de $Ps \leftrightarrow D$, tais como a sua intervenção no crescimento emocional, na procura de aglutinação e coesão dos elementos beta, na geração do pensamento, no delineamento do objecto total e na organização da conjunção constante. $Ps \leftrightarrow D$ é a função vital pela qual se consegue encontrar um significado no desconhecido. Assim, desde que haja um tolerância suficientemente elevada à dor, as impressões dos sentidos (elementos beta) vão permanecer dispersas até que seja eleito um facto seleccionado que dá coerência à desordem, sendo acompanhado por um sentimento de descoberta que, por sua vez, gera uma penumbra de

associações – eis a forma como se dá a passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, bem como dos elementos beta para elementos alfa.

Enquanto os elementos beta se encontram dispersos, a mente vive um sentimento doloroso de medo do desconhecido e da fragmentação. Após a eleição do facto seleccionado e do estabelecimento de uma hipótese definitiva, organiza-se o caos e são descobertas as leis por que certos factos estão unidos. Posteriormente, os elementos alfa voltam a dispersar-se até que uma nova abstracção mais abrangente seja encontrada, num movimento perpétuo de crescimento e expansão – todo o salto qualitativo leva necessariamente à destruição da abstracção anteriormente conseguida (mudança catastrófica). Há, portanto, um movimento bidireccional, um oscilar permanente e frutuoso entre Ps e D. Para isso é necessário, por um lado, que o pensamento não perca a sua flexibilidade e plasticidade e, por outro, um elevado grau de tolerância à dor resultante do sentimento de perda e da ansiedade ao desconhecido.

É a partir da elaboração exitosa da posição depressiva que os pensamentos irão sofrer sucessivas modificações progressivas, passando pelas oníricas, as pré-concepções, as concepções, o conceito, o sistema dedutivo científico, até atingir o alto grau abstractivo do cálculo algébrico. Da mesma forma, é o êxito da posição depressiva que possibilita a formação de símbolos, os quais substituem e representam todas as perdas inevitáveis no curso do desenvolvimento. É também a formação de símbolos que permite a capacidade de generalização e abstracção, assim como a criatividade.

Bion postula que o humano nasce com uma pulsão epistemofílica que o compele a tentar descobrir e compreender a realidade que o envolve e permeia. Desejo e curiosidade que o mobilizam para uma busca activa de conhecimento acerca da realidade interna e externa. O autor convencionou chamar a realidade/verdade de “O”, denominação que condensa ideias como coisa-em-si, verdade absoluta, realidade incognoscível e ponto de origem. Como afirma em *Atenção e Interpretação* (1970/1973), “Por “O” se representa a realidade absoluta inerente a qualquer objecto; admite-se que o ser humano não o conhece; dele se sabe a respeito, sente-se-lhe e reconhece a presença, embora incognoscível” (p.40).

Propõe-nos, portanto, uma condição de se ser-no-mundo em que somos impelidos numa busca que está condenada a não ter fim, já que todas as verdades são contextuais, limitadas e mutativas. O próprio aparelho que nos permite investigar e conhecer a realidade (mente) é multidimensional e susceptível de constante expansão, pelo que o próprio conhecimento que

temos de nós mesmos é objecto de contínua actualização. A constituição de novas e progressivas aberturas a um campo infinito (universo em expansão) são uma condição para o crescimento, possibilitando a alteração de vértices, transformações e mudanças catastróficas. A curiosidade acerca da verdade e da vida mobilizam o humano numa busca de transcendência, que pode ser um ciclo altamente frutuoso desde que se tenha a capacidade de sustentar a dúvida, o desconhecido, o não saber.

Como podemos então aceder a uma aproximação de “O”? Diz o autor que de “O” emergem qualidades e características que advêm como fenómenos à personalidade humana, existindo um estado mental de receptividade e insaturação que permite acolher essas emanções e, eventualmente, descobrir um padrão e aceder a um vínculo K. De acordo com Bion, a psicopatologia está relacionada com a compulsão para evitar o contacto com a realidade e a verdade, desgastando o aparelho psíquico com mecanismos defensivos que protegem o sujeito do sofrimento. A psicanálise surge como um processo que visa investigar os processos e fenómenos mentais, levar a que o sujeito se capacite a aceitar, tolerar e transformar as verdades temidas e ocultadas, bem como ajudá-lo a tornar-se “O”, crescer e amadurecer.

Bion (cit. por Zimerman, 1995) propõe-nos uma teoria das transformações, um método de observação da prática psicanalítica e da cadeia dos enunciados trocados entre paciente e analista, de modo a melhor compreender a evolução da experiência emocional entre ambos. “Transformação”, como o próprio nome indica, designa uma mudança de forma, “formar para além de”. Tendo em conta o carácter informe, mutativo e circunstancial de “O”, diríamos ainda que uma transformação é também o processo pelo qual “O” ganha uma forma. Pensar é constante transformação. Segundo Grinberg, Sor & Bianchedi (1991), este conceito já era largamente usado dentro da psicanálise: nos sonhos, o conteúdo manifesto seria o resultado (elaboração onírica) da transformação de ideias latentes em imagens visuais; os sintomas seriam uma expressão indirecta do conflito; a transferência seria uma versão transformada de relações infantis interiorizadas.

Tal como ♀ ♂ e $Ps \leftrightarrow D$, as transformações são outro dos elementos da psicanálise, sendo portanto funções da personalidade. Em *Transformations* (1965), Bion exemplifica o processo de transformação através da seguinte imagem: um pintor observa um caminho através de um campo semeado com papoilas e pinta-o. A paisagem original seria “O” e a

representação pintada na tela seria o resultado do processo de transformação. Aquilo que na pintura permite reconhecer a paisagem original, ou seja, os elementos que tornam inalterado o aspecto da transformação, são denominados de invariantes. Assim, em qualquer transformação (T) é possível distinguir: 1) um estado inicial (“O”); 2) um processo de transformação realizado com determinada técnica e sob certas condições (T- α); 3) um produto final que é o resultado do processo (T- β). Em psicanálise é muito importante determinar o meio em que se dá a transformação, seja ele a mente, o corpo ou o mundo exterior do analisando. As invariantes dependem largamente da técnica utilizada na transformação, e do grau de deformação que esta implique.

Bion (cit. por Zimerman, 1995) distingue três grandes grupos de transformações a que um “O” pode estar sujeito: as transformações em movimento rígido, as projectivas e as transformações em alucinação. As transformações em movimento rígido são aquelas que introduzem mudanças relativamente pouco acentuadas entre o “O” inicial e o β final, encontrando-se um grande número de invariantes que permitem que o analista facilmente identifique a realidade original. São transformações operadas pela parte neurótica da personalidade, em que os mecanismos de repressão e deslocamento impedem a percepção da realidade conflitual. As transformações projectivas caracterizam-se por terem um grau maior de deformação, razão porque se descobrem poucos invariantes entre o “O” inicial e o β final. São transformações que não respeitam as noções de espaço e tempo lineares, sendo efectuadas com a intenção de impedir a percepção de uma realidade dolorosa, usando mecanismos defensivos como a dissociação, projecção e identificação projectiva. São transformações que não se prestam tão facilmente a serem interpretadas pelo analista, exigindo deste um elevado grau de abstracção. Por fim, as transformações em alucinação são aquelas que quase radicalmente impedem o reconhecimento do “O” original. Processam-se na parte psicótica da personalidade, produções do ódio à realidade psíquica, sendo portanto equações simbólicas e não símbolos. O produto final quase não possui invariantes do “O” original, já que este tipo de transformação não respeita as leis da lógica. Processam-se como consequência de uma catástrofe primitiva, quando houve uma falha na função alfa que impediu a formação de pensamentos úteis, dada a intensidade da angústia de aniquilamento e/ou a intolerância face à ausência do objecto. A inveja e avidez deste “não-objecto” aniquilam tanto o espaço-tempo psíquico como os conceitos e símbolos que poderiam

representar o objecto ausente, despojando-os da sua função representativa e potencialmente criadora. Ficam somente coisas-em-si, elementos beta, objectos bizarros e o “pavor sem nome”.

A inoperância da função alfa, ou a sua reversão, deixam o sujeito na posse de objectos bizarros, apenas susceptíveis de serem projectados e evacuados no exterior através dos órgãos sensoriais – estes últimos, em vez de cumprirem a função de receber elementos sensoriais, funcionam como órgãos excretores, evacuando imagens alucinadas no mundo externo, produzindo satisfação ou dor psíquica, mas nunca significado ou sentido. Destaca-se, pois, a ausência de um continente que permitiria conter e metabolizar as suas projecções, pelo que a linguagem, conduta e acções que caracterizam a parte psicótica da personalidade são a máxima expressão das transformações em alucinação.

Como vimos em relação aos diferentes tipos de transformações, estas parecem ser operadas por diferentes registos de funcionamento mental, o que nos leva a outro dos constructos teóricos postulados por Bion, que surge na sequência dos seus trabalhos com pacientes psicóticos.

Bion (1957) esclarece que na mente de qualquer sujeito convivem áreas de funcionamento neurótico e psicótico, e que cada uma delas opera em momentos diferentes e sobre elementos diferente. É a predominância da parte psicótica da personalidade, subjungando a parte neurótica, que determina um elevado grau de perturbação e de perda do contacto com a realidade, ainda que este último nunca seja, na sua opinião, completamente rompido. Para o autor, na base da psicose encontra-se a negação extrema da frustração, o que indica que os mecanismos de repressão e sublimação utilizados pela parte neurótica da personalidade não foram suficientemente operantes para eliminar da consciência certos aspectos conflituais da mente, entrando em acção mecanismos psicóticos como a clivagem, a identificação projectiva e o ataque aos vínculos, com a finalidade de destruir a percepção da dor mental.

O sujeito escapa à dor emocional aprisionando-se no interior de um continente extremamente rígido, num deserto de fantasmas e ausência de sentido. De que forma operam estes mecanismos? Bion (op. cit.) defende que a matriz do pensamento primitivo (algo como ideogramas, imagens mentais com alguma capacidade de se juntarem) depende do balanceamento equilibrado entre introjecção e projecção dos objectos e, posteriormente, da

percepção dos mesmos. A parte não psicótica da personalidade permite que o sujeito se aperceba que a introjecção leva à formação do pensamento inconsciente que, ligado às imagens verbais que lhe correspondem, se torna consciente.

Assim, para o autor, o pensamento verbal está intimamente ligado à tomada de consciência da realidade psíquica. A criação de símbolos e o pensamento verbal dependem da capacidade de apreender objectos totais, do abandono da posição esquizo-paranóide e da cisão que a acompanha, e da correcção das cisões e entrada na posição depressiva. Deste modo, o pensamento verbal possibilita a consciência da realidade psíquica e da depressão vinculada à perda de bons objectos, o que pode conduzir a que o sujeito procure evitar o pensamento verbal e a concomitante dor mental associada à entrada na posição depressiva. No caso de o pensamento verbal não ter sido evitado, o sujeito sente a necessidade de o destruir através do uso da identificação projectiva e dos restantes mecanismos associados à posição esquizo-paranóide (fragmentação do pensamento verbal seguida da sua expulsão da mente). Na medida em que a forma mais económica de um indivíduo se livrar da percepção da realidade é através de ataques aos elos de ligação entre as impressões sensoriais e a tomada de consciência, impõe-se a danificação do pensamento verbal. Ainda assim, Bion acredita que o problema teve início na fase esquizo-paranóide descrita por Klein, momento em que as bases do pensamento primitivo deveriam ter sido lançadas, mas não o foram graças à hipertrofia dos mecanismos ligados à clivagem e identificação projectiva.

Deste modo, torna-se claro que o pensamento psicótico será impiedoso contra os elos de ligação que permitam a consciência da realidade, já que a realidade em si não pode ser destruída. Tudo o que tenha a função de vincular objectos será alvo de ataques destrutivos, numa clara manobra anti-crescimento (-K). Numa sessão analítica, este ataque aos vínculos e evitamento das verdades penosas pode ser expresso através de manobras que deixam o analista confuso, irritado, entediado ou desvitalizando as suas interpretações – reversão da perspectiva. Em suma, não só a base do pensamento primitivo é atacada devido à substituição da projecção e introjecção pela identificação projectiva excessiva, como também se dá a destruição daquilo-que-une os próprios pensamentos, marca da excessiva destrutividade da parte psicótica da personalidade.

Este processo de fragmentação e esvaziamento do ego, pela clivagem e expulsão das suas partes para o mundo externo, leva a que haja uma divergência progressivamente maior

entre a parte neurótica e psicótica da personalidade, pelo que a única forma que o sujeito tem de se reunificar é através do mesmo mecanismo pelo qual se dividiu: através da identificação projectiva revertida. No entanto, como se desfez daquilo que permitiria uma articulação entre os elementos reapropriados, estes só podem ser comprimidos e fundidos, e não unidos e articulados. Vemos, pois, que o problema fundamental da parte psicótica da personalidade é o da reparação/destruição do ego. Não é esta a acção do buraco negro?

Em suma, enquanto a parte neurótica da personalidade utiliza mecanismos como a identificação projectiva normal (op. cit.), dissociação, repressão e discriminação entre verdadeiro e falso, a parte psicótica da personalidade emprega a identificação projectiva excessiva, a clivagem (fragmentação), a aglomeração e condensação, bem como o pensamento omnisciente, arrogante e fanático. O autor, citado por Symington & Symington (1999), refere que a parte psicótica da mente nutre um ódio radical à realidade interna e externa e receia “*uma moralidade esgotante e aniquilante, um ♀ que esmaga a vida e o vigor*” (p. 172). Um exemplo da predominância da parte psicótica da personalidade pode ser encontrado nos distúrbios esquizofrénicos, nos quais Bion (1959) acredita estarem sempre presentes as seguintes características: conflito permanente entre instintos de vida e de morte; predomínio de impulsos destrutivos; ódio à realidade interna e externa; uma relação de objecto ténue mas muito adesiva. Estes sujeitos utilizam a linguagem de forma muito particular, sendo normalmente muito compactada (pelas razões anteriormente explicadas), e podendo ser usada para três fins diferentes: como uma forma de actuação, como um método de comunicação e como uma forma de pensamento. Compete ao analista intuir o fim para que a linguagem está a ser empregue, servir de continente e tentar devolver o material da forma mais introjectável possível, por forma a impulsionar o desenvolvimento da “fala aglomerada” até que esta possa cumprir parte das funções da fala articulada – e assim permitir um relativo equilíbrio entre a realidade (interna e externa) e a personalidade psicótica. No dizer de Bion (1970/1973), “*os dispositivos psicóticos requerem o génio para manejá-los de modo adequado a que promovam crescimento ou vida*” (p. 70).

1.6. Matte Blanco e a duplicidade do Ser

Ao descrever os processos inconscientes a partir dos sonhos e do pensamento infantil, Freud observou que estes seguiam uma lógica estranha aos processos conscientes do ego, violando claramente os seus princípios. Essas operações inconscientes, às quais chamou processo primário, têm as seguintes características: deslocamento, condensação, ausência de contradição mútua entre as representações das várias pulsões, substituição da realidade externa pela realidade psíquica e ausência de tempo. Em contraste, o processo secundário (pensamento consciente) expressa-se em submissão a pressupostos como o princípio da identidade, lógica bivalente, princípio da contradição formal e da incompatibilidade e operação de subtracção (Pereira, P., 1998). Assim sendo, o pai da psicanálise postulou uma oposição absolutamente dialéctica entre estas duas formas de operar da vida mental: o inconsciente, caracterizado como um “caldeirão fervilhante” de pulsões seguindo um padrão aleatório em busca da satisfação e obedecendo ao reinado do princípio do prazer; e o processo secundário (ligação entre afecto e representação), consciente, adaptado ao princípio da realidade.

Ao estudar as características do inconsciente expressas por Freud, Matte Blanco (1975) questionou-se acerca das regras que asseguram a sua consistência, bem como das propriedades fundamentais que permitem os processos de condensação, deslocamento, projecção, entre outros. Partindo da teoria matemática dos conjuntos, propõe que no Universo só existem conjuntos cujos elementos também são conjuntos, introduzindo assim a ideia de infinito no inconsciente e, correlativamente, na psicanálise. Para o autor (op. cit), o inconsciente é constituído por conjuntos, classes e infinitas posições nas classes, e não por singularidades em si. A sustentação desta ideia acarreta consigo implicações importantes, na medida em que, segundo Grotstein (2000/2005), o infinito passa a ser “*o continente sem fronteiras da série infinita de todas as categorias*” (p.151) – com o infinito como continente, o inconsciente deixa de ser aleatório, passando a ser caótico, governando-se pelas leis do caos (nomeadamente os atractores estranhos, que conferem uma coerência oculta).

Outra das implicações desta ideia é a de que as pulsões deixam de assumir o papel de ameaça principal contra o ego, passando a ser significantes de algo mais profundo: o medo do desneutralizado, da inexplicável infinitude, da verdadeira natureza do infinito e dos seus

pavores. As pulsões não desencadeiam nem determinam o perigo, antes o medeiam e comunicam através de sinais.

Deste modo, Matte Blanco (1975) reformula o inconsciente freudiano, ao afirmar que este é a combinação da lógica convencional (*bivalente* - assimétrica) com uma outra, simétrica, e que todo o pensar é a relação dialéctica entre dois tipos de lógica, o princípio da simetria e o princípio da assimetria - designando essa associação de *bi-lógica*. Assim, a mente é vista como dinâmica e discriminadora, mantendo uma actividade classificatória a cada instante, reconhecendo e estabelecendo relações entre objectos, em que o número de combinações possíveis é potencialmente infinito.

O *princípio da simetria* (homogéneo - indivisível) está relacionado com o conceito de processo primário de Freud, com as operações inconscientes e o pensamento emocional. A experiência é organizada com base na identidade e na semelhança, tendendo a unir e fundir (união-identificação), dissolvendo as diferenças entre entidades distintas. A simetria refere-se aos conjuntos infinitos, trata qualquer relação entre objectos como se estes fossem idênticos, qualquer relação assimétrica como se fosse simétrica, tornando as partes iguais ao todo e o todo igual às partes, cujo final é a indivisibilidade absoluta (indiferenciação). Está ligado ao princípio da generalização, em que, segundo Matte Blanco (1975, 1981, 1988), o sistema inconsciente trata o individual (pessoa, objecto, conceito) como se fosse um elemento de um conjunto ou classe que contém outros membros; de seguida, trata essa classe como uma sub-classe de uma classe mais geral e esta como sub-classe de outra ainda mais geral e assim sucessivamente *ad infinitum*. Outra das características é a reversibilidade, tornando as relações entre os objectos intermutáveis. Por exemplo, se afirmarmos que o António é filho do José, de acordo com este modo de operar o José também é filho do António, bem como podem estabelecer qualquer tipo de relação sem contradição. Torna-se claro que a lógica simétrica é incompatível com os conceitos de espaço, tempo e movimento, tal como os sonhos representam de um modo indubitável.

Por sua vez, o *princípio da assimetria* (heterogéneo - dividente) corresponde à lógica aristotélica clássica, ao processo secundário de Freud, também designada como lógica bivalente. É caracterizada por abstrair generalidades em categorias específicas, classificando-as de acordo com as suas diferenças. Discrimina e organiza em classes os fenómenos observados dentro das dimensões do espaço, tempo e causalidade.

Assim, temos que o modo simétrico capta as similaridades e correspondências, em oposição ao modo assimétrico que discrimina as diferenças entre os objectos. De notar que cada tipo de lógica é representada bimodalmente, envolvendo diferentes proporções de simetria e assimetria, sendo a predominância de um dos dois princípios que diferencia o modo de operação (bi-lógica ou bivalente). Os dois princípios estão inevitavelmente unidos em inexorável oposição binária, constituindo estruturas bi-lógicas. Por exemplo, ainda que os sonhos sigam o princípio da simetria, mantêm alguma relação assimétrica, o que permite diferenciar o que se passa no sonho, nomeadamente, representando as relações temporais colocando dois pensamentos em sucessão (contiguidade no espaço não respeita a noção de temporalidade da lógica bivalente). Do mesmo modo, as associações livres de um analisando, ainda que predominantemente assimétricas, estão unidas por um elo simétrico, havendo normalmente uma conjunção constante entre a primeira associação e as restantes.

O inconsciente pode ser concebido como sendo virtualmente formado por cinco estruturas bi-lógicas estratificadas, organizações com singular combinação de simetria e assimetria num gradiente infinito. Estas camadas formam uma estratificação ascendente e descendente, em cujo topo/superfície encontramos o pensamento predominantemente assimétrico onde a distinção entre o self e os objectos está bem delimitada, e no estrato mais profundo existe a simetria total, a indiferenciação, limite matemático da indivisibilidade. Assim, enquanto que o primeiro estrato seria o mais superficial e assimétrico, os seguintes declinariam progressivamente a sua capacidade de reconhecer as diferenças à medida que a simetria aumenta, até que no quinto estrato as distinções deixam de existir por completo.

No entanto, há um número infinito de estratificações entre a indivisibilidade absoluta e a heterogeneidade da consciência. A capacidade de formar pensamentos diferenciados, distinguindo os seus elementos e formando classes equivalentes, é produto das relações estruturadas e relativamente estáveis entre os estratos bi-lógicos. Para o autor, a mente é multidimensional de n dimensões (outro derivado da introdução da ideia de infinito em psicanálise), podendo registar as diferentes qualidades dos objectos, embora só as imagine em três dimensões.

Tocamos aqui num ponto que nos parece essencial, que se prende com a relação entre a estrutura lógica do inconsciente (simétrica) e a estrutura lógica do mundo material (assimétrico). Matte Blanco (1975, 1981, 1988, 2005) fala-nos de uma função tradutora

(“*translating function*”), um processo de tradução e duplicação, que transforma aquilo que para a lógica simétrica é uma unidade indistinta, numa coexistência de opostos vigorosamente experienciados como diferentes. Face às vagas imprecisas de simetria, é posto em acção um processo de distinção, que visa discriminar e isolar os diferentes elementos presentes, dotando-os de assimetria. Deparado com a unidade imóvel do mais profundo estrato de simetria, o modo de ser assimétrico duplica esta unidade, dotando-a de características espaço-temporais. Deste modo, percebemos que o modo de ser assimétrico é o único onde podemos pensar, na medida em que reúne as condições para que a função discriminatória da mente possa operar, procurando combinações de tríades e relações entre os seus elementos. Isto porque o espaço, o tempo e o movimento são dimensões estranhas ao inconsciente profundo, onde vigora o princípio da não-contradição.

No entanto, o mesmo autor (1981) pensa que esta função falha na tradução da verdadeira natureza do inconsciente, na medida em que procura pensar e dividir uma unidade fundamental, um modo de ser essencialmente outro que não o seu. Refere que a função tradutora é mal sucedida pela própria essência da sua natureza (fazer do indivisível pensável), mas que não é um fracasso completo, na medida em que do seu esforço resulta a expansão infinita do conhecimento possível. Desta forma, o inalcançável reino da realidade homogénea torna-se o mais poderoso estímulo para a realização das potencialidades do modo heterogéneo.

Os nossos pensamentos, ideias e sentimentos sobre qualquer coisa ou relação são plurisignificantes, dependendo da profundidade do estrato em que estão a ser sentidos. Segundo Matte Blanco, citado por Grotstein (2000/2005), o inconsciente reage aos acontecimentos através da formação de conjuntos infinitos que se tornam emoções, que são o resultado subjectivo de um pensamento simétrico revelado por meio da bi-lógica. Deste modo, quanto maior o nível de simetria, mais inconsciente a experiência se revela e, de modo inverso, quanto maior o nível de assimetria, mais perto esta se encontra dos níveis da consciência. Segundo o exemplo de Matte Blanco (1988), se no estrato mais superficial pensamos na mulher amada, aumentando a simetria podemos sentir que ela não é apenas nossa mulher, mas também nossa mãe, que num estrato mais profundo representa todas as mulheres amáveis e num nível mais profundo é a Deusa. No limite, a mulher amada passa a ser nós mesmos e, na simetria absoluta, representa tudo e todas as coisas de uma forma

indistinguível. Observamos, deste modo, que quando a simetria tem lugar dentro de uma classe, as diferenças tendem a desaparecer, passando cada sub-classe a ser idêntica a toda a classe.

Quando as classes são infinitas (como os números inteiros ou os afectos), podem ocorrer fenómenos em que as classes são iguais ao todo. Esta ideia de infinito pode ser verificada nas experiências emocionais (amor, ódio, idealização, onipotência), já que todos os afectos contêm um pensamento simétrico. Um dos grande obstáculos à tomada de consciência das experiências emocionais tem a ver com o facto de não serem suficientemente assimétricas, não estando organizadas de forma a que a consciência as possa utilizar.

Os dois modos lógicos, simetria e assimetria, caracterizam igualmente os dois modos fundamentais do ser. Para Grotstein (2000/2005), qualquer experiência humana é uma produção do Infinito Geómetra, o Arquitecto do Inconsciente, presença que conhece mas é incognoscível, porque absolutamente simétrica, manuseando habilmente um compasso cujos braços são os princípios da simetria e da assimetria, fornecendo ao Sujeito Fenoménico (assimétrico) todas as possibilidades da existência referentes ao espaço-tempo contínuo-descontínuo. Esta oposição entre o *Inefável Sujeito do Inconsciente*, o Infinito Geómetra, irreduzivelmente simétrico (“O”) e o *Sujeito Fenoménico*, que apreende parcelarmente “O” através de um sistema de restrições assimétricas, designa aquilo que Matte Blanco considerou a *antinomia fundamental do ser humano* e do mundo. Esta caracteriza-se pela existência de dois modos de ser que são incompatíveis (modo de ser simétrico e modo de ser assimétrico), mas que surgem entremeados e entretecidos no mesmo sujeito, nunca se fundindo para formar um conceito unitário. Corresponde à diferença entre ser e existir (Ribeiro, L. 1993), em que o ser é pura imanência, reconhecimento da invariância de si próprio, simultaneamente inconfundível e vago, apenas se podendo manifestar na abertura ao outro, à alteridade, à enigmática diferença. Por outras palavras, o ser (simetria) manifesta-se existindo (assimetria) no mundo relacional, sendo esta a única via para termos um acesso às suas emanações. Deste modo, os distintos modos de ser produzem o pensamento simétrico e assimétrico, manifestando-se o primeiro pelo segundo, e derivando o segundo do primeiro. É deste modo que o sujeito se relaciona com os outros como um todo indivisível, unidade que se revela através da ambivalência e da divisão interna. A mesma realidade é simultaneamente tratada como sendo constituída por partes (logo divisível e heterogénea) e como uma unidade

irreduzível, o que nos recorda o diálogo entre Siddhartha e Govinda, no belo romance de Hermann Hesse (2001/1922):

“Para cada verdade, o contrário é igualmente verdade! Mais concretamente: uma verdade apenas se deixa exprimir e envolver em palavras quando é parcial. Tudo o que pode ser pensado com o pensamento ou dito em palavras é parcial, tudo é parcial, tudo é metade, a tudo falta totalidade, integridade, unidade. (...) Mas o mundo, aquilo que existe à nossa volta e dentro de nós nunca é parcial”
(p. 144-145).

O Inefável Sujeito do Inconsciente (inefável porque comporta infinitas dimensões em suas possibilidades), pura subjectividade, auto-organizado por leis estranhas ao processo secundário e, por isso, para ele incompreensíveis e aleatórias, é o hábil arquitecto da bi-lógica que produz o processo primário, o construtor dos nossos sonhos e associações, de tal modo que estas encobrem em si uma misteriosa gramática de estruturas e significados. Sujeito tão simétrico que não é mensurável ou susceptível de ser pensado, virtualmente localizado no estrato mais profundo da bi-lógica, ao contrário do self e da personalidade, cujas características podem ser descritas por serem mais dotadas de assimetria.

Aplicando as ideias de Matte Blanco ao desenvolvimento infantil, Grotstein (2000/2005) refere que este pode ser conceptualizado como um *continuum* que parte de um estado simétrico-indivisível, passando por vários estágios em que a porção crescente/ascendente de assimetria se vai tornando progressivamente conhecida. Deste modo, a simetria sustenta o narcisismo e a subjectividade, enquanto a assimetria, que descende e está contida na simetria, institui as relações objectais. Assim, a criança nasce numa condição existencial indiferenciada dos outros objectos (simetria absoluta), tendo que optar entre este estado ou a aceitação das diferenças e da separação, desigualdades presentes no princípio da realidade que afirma as acções da assimetria e da negação.

Correlativamente, o espaço psíquico vai-se desenvolvendo desde a dimensão nula (simetria absoluta, representado pelo ponto (.), espaço infinito e eterno) até à realidade tridimensional, em que os objectos internos se tornam representações do objecto, adquirindo profundidade e estatuto simbólico. Para este autor, a passagem da dimensão nula para a

primeira dimensão, representada pela linha (_____), ocorre quando a mãe acolhe as projecções da criança, transformando-as de elementos beta, “O”, infinito, numa oposição binária, ou seja, transforma a experiência de infinidade angustiante numa polaridade bom-mau, presente-ausente. Temos aqui um exemplo da acção da função tradutora e da duplicação de elementos que dela decorre. No entanto lembramos, como Ribeiro (1993), que “*o bebé é inatamente tri e mesmo tetra e n dimensional, sem o que nunca poderia ser apto à relação, ao processo introjectivo, à memória, à aprendizagem e à auto-consciência*” (p. 61), e que as organizações psíquicas uni e bidimensionais resultam de ataques destrutivos ao pensamento, ao relacional e ao processo vincutivo. Esta aparente contradição resulta da não compreensão da mente como uma estrutura bi-lógica estratificada e multidimensional, cuja infinitude e potencialidade é o que nos permite transcender.

Grotstein (2000/2005) deixa-nos um resumo das características de cada uma das dimensões do espaço psíquico:

Dimensão Nula – espaço infinito/eterno; representada pelo ponto (.); existência fetal; recém-nascido (indiferenciação self-objecto); pensamento solipsístico, concreto, sincrético, narcísico; processo primário; fusão-confusão; psicótico.

Primeira Dimensão – espaço polarizado; tempo intensamente específico; representado pela linha; criança percebe e aceita a separação; domínio polarizado da simbiose; ansiedade persecutória da posição esquizo-paranóide; medo de ter sentimentos; percepção aguda do tempo.

Segunda Dimensão – Achatamento; tempo rítmico e cíclico; representada pelo plano; diferenciação self-objecto; experiências e objectos sentidos como planos; personalidade e relacionamentos superficiais; embotamento afectivo; apatia regressiva depressiva.

Terceira dimensão – Profundidade; realidade; representada pelo espaço tridimensional – comprimento, largura e altura; posição depressiva kleiniana; objectos parciais tornam-se totais; objectos internos tornam-se representações de objectos; profundidade dos objectos; pensamento simbólico; a identificação projectiva é substituída pelo deslocamento.

Deste modo, o autor (op. cit.) propõe que a saúde mental pode ser entendida como a capacidade de aceder ao duplo registo mental e emocional, sob um ponto de vista tridimensional que facilite o acesso a múltiplas alternativas para um determinado problema. Se não existir uma solução, devemos poder fazer o luto dessa ausência. A psicopatologia pode ser entendida como um estado em que o sujeito se sente aprisionado numa armadilha concreta, por redução do espaço psíquico. A psicoterapia deve facilitar o desenvolvimento deste espaço, de modo a que a experiência emocional possa ser acomodada. Matte Blanco (1975) aponta no mesmo sentido, ao referir que o trabalho terapêutico deve levar a que o paciente se aperceba que, para lá de uma determinada manifestação (sintoma), há sempre um outro sentido que ele não apreendeu. Deve haver um trabalho de desvendamento dos sentidos e das ligações entre os elementos que pertencem à mesma classe dos sintomas visíveis.

Para que qualquer conteúdo mental seja experienciado, deve haver um espaço entre ele e o seu continente e um perímetro que os rodeia. As distâncias espaciais e temporais entre o self e os diferentes objectos são a superfície onde estes podem ser manuseados, ligados e relacionados, permitindo a expansão mental. Em analogia, podemos conceber as características espaço-temporais como o fundo que destaca uma figura, o continente que coloca a figura em primeiro plano. As características deste fundo determinam a qualidade de apreciação da figura, do mesmo modo que o espaço psíquico é o contexto e a perspectiva para os nossos pensamentos – são categorias primárias que formatam a nossa experiência (Grotstein, 1978).

Adoptando uma terminologia kleiniana, podemos afirmar que os mecanismos utilizados na posição esquizo-paranóides correspondem a um modo de processamento mental primitivo que visa, essencialmente, transformar as similaridades entre os objectos em equivalências (sob o princípio da simetria), como forma de negar a separação e os sentimentos negativos dela decorrentes, repondo assim uma simbiose perfeita. A clivagem e a identificação projectiva procuram anular os aspectos do self sentidos como emocionalmente assimétricos, preservando a igualdade à custa da diferença. Contudo, a tolerância à alteridade e à diferença aumenta à medida que a criança é capaz de sustentar a posição depressiva. Nesse momento, a criança compreende e aceita melhor a realidade da separação dos objectos, acolhendo-os como diferentes na sua diversidade (Grotstein, 2000/2005).

Com o decorrer do desenvolvimento, as camadas estratificadas das estruturas bi-lógicas vão incidindo maioritariamente em direcção à assimetria, ficando subordinadas à lógica bivalente. É o aumento da proporção do pensamento bi-lógico assimétrico que viabiliza a capacidade de utilizar este tipo de lógica, que discrimina e agrupa as diferenças, enquanto uma mais pequena proporção de lógica simétrica permite a comparação das semelhanças.

Deste modo, podemos pensar na onipotência infantil e no predomínio do princípio do prazer como correlacionados com o princípio da simetria, até que o Édipo estruturante confronte a criança com a lei paterna (a negação), obrigando-a a aceitar a sua posição externa ao casal parental, do que resulta o reconhecimento das diferenças de sexo e de gerações, em que predomina a lógica assimétrica – a criança alcança a heterogeneidade à custa do abandono da igualdade/mesmidade (simetria).

A introdução destas ideias permite uma nova leitura do funcionamento mental e da psicopatologia, à luz de conceitos como infinitude, conjuntos infinitos, simetria e assimetria. Como vimos, as entidades bi-lógicas estão sempre presentes no pensar normal, embora encobertas pela lógica assimétrica. Imaginemos duas crianças a brincar aos polícias e ladrões: uma parte da sua mente está ancorada ao real, enquanto que outra parte as permite fantasiar que disparam uma contra a outra e correm diversos perigos numa perseguição imaginada. Tal só é possível pela natureza dupla destas actividades humanas, o que permite às crianças “alucinar” os perigos sem temerem que os estão a correr de facto. Pelo contrário, nos pacientes psicóticos, a ruptura da duplicidade antinómica impede-os de jogar, pois confundem a ameaça das bisnagas de água com pistolas de verdade.

De acordo com Grotstein (2000/2005), as experiências de desorganização afectiva de pacientes borderline e psicóticos podem agora ser compreendidas de um novo modo: estes sujeitos não experimentam afectos em si, já que a quantidade de simetria que compõe essas emoções não permite que sejam designadas por um nome (falha na capacidade simbólica para significação das experiências emocionais), experienciando antes infinitos proto-afectos, o que os deixam temerosos de qualquer estímulo que possa desencadear a proliferação de infinitude. O trauma é um exemplo da predominância de relações simétricas sobre as assimétricas. Segundo o exemplo do autor (op. cit.), o evento traumático protagonizado pelo pai de um indivíduo impreparado para significar a experiência, leva a que a sua mente se retraia traumáticamente de pensar sobre o acontecimento. Contudo, a memória traumática é

“lembrada” na dimensão nula, tornando-se simétrica e lançando vagas de sem-sentido para a consciência. Pode ocorrer uma generalização, sob o princípio da simetria, em que o ódio ao pai passa a ódio aos homens, que depois se estende a toda a humanidade e, no limite, se expande a toda a realidade, incluindo o próprio. Vemos, portanto, que sob o princípio da simetria, aquele que traumatiza (o pai, um elemento de classe) se transforma numa classe inteira, que por sua vez se transforma numa sub-classe de uma outra classe e assim por diante.

O excesso de assimetria pode ser verificado na proliferação obsessiva, em que os constantes isolamentos e racionalizações constituem um modo assimétrico-dividente de lidar com a natureza simétrica e indivisível das emoções.

Outra das manifestações do medo de contacto com a infinitude e os conjuntos infinitos pode ser encontrada na regressão. Neste caso, ocorre uma implosão centrípeta que inicia um movimento de afastamento das estruturas que asseguram as fronteiras entre o self e os objectos (delimitando-os como entidades distintas), relegando o sujeito na experiência do Nada e sem-sentido, estado arcaico de indivisibilidade, constituindo-se este como o limite da força regressiva do princípio da simetria. Nesta experiência, que é a essência da confusão psicótica (ausência de espaço, tempo, distinção e separação), a acção do modo homogêneo leva a que cada pensamento seja alvo de uma implacável multiplicação de probabilidades, impossibilitando a formação de um continente que permitisse delimitar ou organizar o caos – experiência que Grotstein (1999) designa por buraco negro. Dito de outro modo, nos sujeitos com perturbações mentais primitivas, a angústia provocada pelo medo da separação e pela manifestação da assimetria, por falência introjectiva de bons objectos e de mecanismos transformativos, pode mobilizar o predomínio dos aspectos simétricos da bi-lógica, regredindo-os até à absoluta ausência de fronteiras – fusão máxima, absorção do ser no seu infinito. Pacientes mais regressivos experimentam uma pressão unificadora vinda do inconsciente profundo, deixando de haver diferenciações – apenas existe o momento, simultaneamente sempre e nunca, e o espaço, omnipresentemente inexistente. Deste modo, a tendência inconsciente para fundir a experiência é mais poderosa do que a capacidade da mente para manter a separação. Em oposição, indivíduos com medo da regressão e da dependência do outro, convocam os aspectos assimétricos da bi-lógica que visam a

divisibilidade heterogénea absoluta, estado de impossível união e radical desmembramento – fragmentação máxima (conjuntos infinitos), não reconhecimento do ser e frenética dispersão.

Constatamos, assim, que quando a antinomia fundamental se quebra e um dos modos de ser assume tiranicamente os domínios da mente, o resultado invariante é o não reconhecimento do ser: fusão e fragmentação, o duplo retrato da psicose, onde não há lugar para a alteridade e, conseqüentemente, para o próprio, já que este se define essencialmente pelos outros que o habitam. Na ausência do não-Eu, do desconhecido e Outro, o Eu deixa de existir, por impossível definição do próprio na ausência de um objecto de relação.

Para finalizar, uma palavra sobre a posição de Matte Blanco (2005) em relação ao instinto de morte. Para este autor, um instinto, na sua noção de processo que requer espaço, tempo e movimento, deve ter origem em áreas da psique que têm acesso a algum grau de assimetria. Assim, o instinto de morte exprime claramente a natureza antinómica do ser, bem como as relações entre a lógica do inconsciente e a lógica bivalente.

O autor (op. cit.) destaca quatro paradoxos no conceito freudiano de instinto de morte: 1) a vida tende a conservar-se e a vida tende a destruir-se; 2) a destrutividade está ao serviço da vida e a vida está ao serviço da destrutividade; 3) a vida revela-se pelos movimentos que a caracterizam e a vida revela-se através da extinção do movimento que a caracteriza; 4) no inconsciente, a ideia de vida equivale à ideia de morte. No fundo, todas as antinomias se resumem a esta última, sendo esta a quintessência da expressão do inconsciente e o inultrapassável contraste entre as duas lógicas do homem. Assim, quando aplicamos a lógica simétrica e lemos os seus resultados à luz da lógica bivalente, as quatro antinomias são reduzidas a uma: vida = morte.

Para Matte Blanco (op. cit.), a tendência para a morte pressupõe noções de tempo e de movimento que são alienígenas à natureza atemporal do inconsciente. Daí que defenda que, quando se fala em instinto de morte, se procura descrever assimetricamente a natureza simétrica do ser, que é percebida pela lógica bivalente como estagnação, morte e ausência de movimento. Quando o modo de ser assimétrico procura traduzir o modo de ser simétrico (em que a vida e a morte se confundem), duplica essa unidade em dois opostos, vida e morte, e introduz a ideia de movimento (a “tendência para”). Criam-se, assim, as condições para a mente poder pensar estes conceitos que, pelas suas implicações espaço-temporais, não podem pertencer ao inconsciente profundo, homogéneo e indiviso. São, portanto, a expressão

de modos mais superficiais de funcionamento, que procura traduzir os paradoxos do modo de ser simétrico, onde não existe contradição.

1.7. Sínteses e integrações

De modo a clarificarmos a nossa exposição, procuramos agora fazer uma síntese integrativa das vias percorridas ao longo do nosso trabalho, tornando mais explícitas a coerência e a convergência entre os temas abordados, bem como a sua pertinência para o estudo a que esta dissertação se propõe.

Pelas razões anteriormente explicitadas na introdução deste trabalho, a nossa proposta é o estudo da *patologia limite* à luz das *perturbações da subjectivação*. Para pensarmos este problema pareceu-nos fundamental, em primeiro lugar, aprofundarmos os nossos conhecimentos acerca desta patologia, através da familiarização com diferentes modelos psicodinâmicos para, de seguida, circunscrevermos a nossa atenção naquilo que é o problema da simbolização/significação nos borderline. Neste sentido, destacámos dois conceitos que nos parecem essenciais, a saber, o *vazio mental* e o *buraco negro*, quer do ponto de vista da sua expressão fenomenológica, quer na sua significação intra-psíquica. Abordámos cada um destes conceitos em subcapítulos separados, com o cuidado de sermos fiéis à designação que cada autor propõe, mas tendo sempre presente que não se tratavam de entidades distintas, mas sim de diferentes formas de tratar o mesmo problema – lacunas na constituição de um suporte ontológico e falhas na simbolização, devidas à insuficiente identificação à função continente e à precária instauração de um aparelho para pensar, que impedem a organização da experiência e deixam o sujeito aquém da significação e do sentido. Num segundo momento, dirigimos a nossa atenção para modelos teóricos que sustentassem uma concepção do desenvolvimento que fosse coerente com a nossa abordagem. Os pensamentos de Bion e Matte Blanco constituíram-se, por um lado, como organizadores de uma concepção sobre a natureza expansiva da mente, suas características e processos e, por outro lado, como um modelo compreensivo das vicissitudes do desenvolvimento que levam a uma atrofia, reversão e/ou destruição da actividade simbólica, condenando o sujeito ao vazio e ao buraco negro.

No que respeita ao *vazio mental*, demos especial destaque aos trabalhos de Green sobre a clínica do vazio, o trabalho do negativo e o complexo da mãe morta. No essencial, este autor (1983/1988) propõe que o momento fundamental para a formação do espaço psíquico é a alucinação negativa da mãe, o que dá lugar à constituição da estrutura enquadrante. Esta última designa uma área psíquica que torna possível a representação e a vinculação entre os elementos da experiência, formadores do pensamento. Para Green (1977, 1990), o processo de construção das fronteiras psíquicas não é bem conseguido na patologia limite, devido às vicissitudes da relação com o objecto e ao fracasso do trabalho do negativo, o que traz consigo o sentimento de ameaça identitária face à intensidade das angústias de intrusão e de separação. No mesmo sentido, de acordo com Kernberg (1975, 1995), as principais características da patologia borderline são a difusão da identidade (devido à não integração das partes do self), a utilização de mecanismos de defesa primitivos (clivagem, idealização primitiva, identificação projectiva e onipotência) e a conservação da prova da realidade. É esta falta de sentido de consolidação identitária, aliada à utilização de defesas primitivas que impedem a integração dos aspectos contraditórios do self e dos objectos, que determinam a experiência crónica de vazio nestes sujeitos.

Green (1983/1988) considera que, para o estado-limite, o outro passa a ser sentido como um objecto trauma, um elemento perturbador que desencadeia um retraimento narcísico protector que visa assegurar a unidade do Eu. Quando esta unicidade é sistematicamente posta em causa, medidas mais radicais são postas em acção, como pode ser observado no complexo da mãe morta. A perda do objecto e a incapacidade de significar, leva a um desinvestimento afectivo e representativo do objecto materno, criando buracos psíquicos devido à identificação “à sombra do objecto”. Cria-se um narcisismo destrutivo, um movimento de desligação activa entre os diferentes constituintes do Eu, uma tendência para o *Nada*, para o *Neutro*, para a *Morte*.

Também Amaral Dias (1999, 2004) nos fala do narcisismo destrutivo presente na patologia borderline. O autor fala da necessidade do bebé ser sustentado e amado pelo objecto materno, de modo a permitir a estruturação do desamparo originário. Impõe-se o desenvolvimento de uma capacidade negativa que coloque o símbolo no lugar da ausência – a capacidade de estruturar a ausência indica a capacidade de organizar o psiquismo. No entanto, as falhas no processo de simbolização impossibilitam a deformação necessária para

que os elementos perceptivos se transformem em elementos alfa que, em articulação com outros signos, formam o pensamento. A inoperância da função alfa sobrecarrega a mente com elementos beta, o que cria micro e macro lacunas na película do pensamento e leva à utilização excessiva da identificação projectiva, manobra narcísica que conduz ao desaparecimento do Outro – no seu lugar fica apenas a projecção. Quando a função de rêverie falha na introdução de diacronia na temporalidade, entra em acção a parte psicótica da personalidade, que ataca a noção de espaço-tempo pela invasão da angústia de morte (que é síncrona). As falhas na simbolização devem-se à precária identificação à função continente da mãe, constitutiva de uma espaço mental organizador de símbolos e fonte de coesão do self (identificação coesiva). Segundo o autor, “*a construção do espaço psíquico depende e organiza-se através da linguagem ou, melhor, organiza-se pelo signo e pelo símbolo que, por sua vez, estão articulados no processo da linguagem. Desta forma, a pele mental resulta do próprio processo de simbolização ou, de outra forma, para se constituir o espaço psíquico é preciso haver simbolização*” (Dias, A. 2004, p.68).

No que concerne ao *buraco negro*, Grotstein (1999) afirma que o bebé humano nasce numa posição depressiva primária, procurando organizar a sua experiência através de mecanismos esquizo-paranóides e das capacidades contentoras e sincronizadoras da mãe. Esta impotência originária remete para a natureza caótica e dispersiva do inconsciente, que põe em risco o frágil “centro gravítico” do bebé. Este último depende da função de rêverie materna para que possa constituir um continente psíquico que permita à criança ordenar e posicionar-se face ao seu universo interno. É a constituição de uma presença de fundo da identificação primária, assim como a interiorização e identificação com a função continente materna, que possibilitam o acesso à ordem simbólica e à significação da experiência emocional. O fracasso na organização destes dois constituintes condena o sujeito à experiência do buraco negro, caracterizada pelo desvanecimento das dimensões espaço-temporais, pela regressão infinita ao modo de ser simétrico, pelo desinvestimento do mundo objectal e das fronteiras do Eu, exprimindo-se como uma vivência de queda em direcção a um abismo povoado por objectos bizarros. Cria-se uma hipersensibilidade à experiência, já que o sujeito não dispõe nem de segurança ontológica, nem de capacidade para significar eficazmente os acontecimentos potencialmente traumáticos. A falência introjectiva de bons objectos apaziguadores e continentes resulta numa depressão primária, numa insuficiente

individuação e numa perturbação da auto-regulação, por impossibilidade de acesso à função simbólica.

Para este autor (1999), o buraco negro representa o significado mais profundo do instinto de morte. Deste modo, as suas manifestações constituem-se como significantes semióticos de um estado de carência e impotência internas, emitindo sinais de angústia que comunicam ao psiquismo a urgência deste se regular face à catástrofe psíquica fundamental. Esta é caracterizada por uma reversão da função alfa e por uma transformação em alucinose, que visam a reorganização do caos numa ordem aparente, mas que não passa de uma simulação sinistra da realidade, operada pela parte psicótica da mente.

Assim, destacamos várias invariantes no pensamento destes autores, tanto no que se refere à patologia limite como às questões do vazio e do buraco negro. Tanto o vazio mental como o buraco negro têm subjacentes a ideia de um fenómeno interno activo que, por um lado, dá conta da insuficiência da constituição do aparelho psíquico para organizar a experiência e, por outro lado, uma actividade destrutiva que visa a recusa da consciencialização de aspectos dolorosos através do ataque aos vínculos entre os pensamentos. Todos os autores destacam a perturbação da relação precoce como factor preponderante para o desenvolvimento de uma depressão primária; a identificação a um objecto interno frustrante e danificado; apontam para a utilização de mecanismos primitivos que impedem a integração e organização egóicas; a precária aquisição de um espaço psíquico onde os conteúdos emocionais se possam ligar e transformar, gerando pensamento e significação pessoal; relações objectais altamente confusionais devido à frágil distinção entre self e objecto (por uso excessivo de identificação projectiva). Green e Grotstein destacam o trabalho insidioso do instinto de morte, que opera no sentido do desinvestimento e da desobjectualização, força última do aparelho psíquico que tende para a anulação do ser através da extinção dos vínculos libidinais, via compulsão à repetição.

Para a compreensão da patologia limite, interessam-nos particularmente os aspectos relacionados com as vicissitudes da subjectivação e significação, já que a descrição destes elementos nos dá conta da forma única e singular como o sujeito organiza a experiência interna e externa. Neste sentido, procurámos familiarizar-nos com modelos que nos fornecessem uma concepção do devir humano sob o vértice da simbolização, isto é, formas de conceber o desenvolvimento e a expansão mentais. Como o pensamento de Grotstein tem

explícitas as ideias de Bion e Matte Blanco na sua conceptualização do fenómeno do buraco negro, procurámos aprofundar estes modelos.

Relativamente a Bion, pretendemos abordar a ideia do “universo em expansão” aplicada ao funcionamento mental, revisitando as suas teorias do pensamento, do conhecimento, das transformações e das funções. Destacámos a articulação entre identificação projectiva e função alfa; o papel da frustração enquanto elemento que impede a organização da experiência; as relações entre a função contentora do conteúdo, a simbolização e a constituição da barreira de contacto; os tipos de vínculos. Foi sublinhada a importância da função K para a vinculação dos símbolos e significação das experiências emocionais. A relação continente-conteúdo é, por sua vez, sustentada por movimentos de dispersão e de integração que permitem o delineamento de um facto seleccionado, permitindo, deste modo, o encontro de significado no desconhecido e a organização do caos através da descoberta das leis por que os objectos se regem.

Quando o aparelho para pensar os pensamentos não é bem constituído, é negada a entrada na posição depressiva, o que resulta quer na manutenção da dispersão, quer em manobras anti-crescimento (- K), tais como o ataque aos vínculos entre os pensamentos e a danificação do pensamento verbal. As transformações projectivas e as transformações em alucinação são o testemunho da inoperância e/ou reversão da função alfa, devido à sobreposição da parte psicótica da mente, que destrói, fragmenta e esvazia o ego. O conceito de transformação em alucinação vai ao encontro dos mecanismos psíquicos que estão subjacentes ao buraco negro – face a uma realização negativa, a inveja e a avidez do “não-objecto” aniquilam o espaço-tempo, despojando a psique de capacidade representativa, levando à criação de objectos bizarros e condenando o sujeito ao pavor sem nome.

Matte Blanco (1975, 1981, 1988, 2005), por sua vez, propõe que o que caracteriza os fenómenos inconscientes são a infinitude e os conjuntos infinitos. Reformula o funcionamento mental ao afirmar que todo o pensamento é a combinação de dois tipos de lógica, simétrica e assimétrica, e que o espaço psíquico é multidimensional de n dimensões. Estas ideias sugerem a natureza caótica, e não aleatória, do inconsciente, governando-se este por leis estranhas ao funcionamento consciente. Através do desenvolvimento de uma função tradutora, que dota de assimetria os conteúdos emocionais (simétricos) ao conferir-lhes características espaço-temporais, fica aberta a via para que o pensamento se possa

desenvolver. Neste sentido, segundo este autor, citado por Grotstein (2000/2005), o desenvolvimento humano pode ser concebido como um *continuum* que parte da indivisibilidade e tende para a progressiva assimetria e diferenciação. Da mesma forma, o espaço psíquico desenvolve-se a partir da dimensão nula e caminha no sentido da tridimensionalidade. As características do espaço psíquico assumem particular importância, já que determinam a qualidade das operações que nele se dão.

Se os obstáculos ao desenvolvimento impedem que a criança caminhe para a progressiva diferenciação e aceitação da alteridade, dá-se um precário desenvolvimento da função tradutora e do modo de ser assimétrico, o que leva a que as similaridades entre os objectos se transformem em equivalência (sob a acção do princípio da simetria). Na impossibilidade de designação e contenção de uma emoção devido à quantidade de simetria que a compõe, o sujeito experimenta uma proliferação de infinitude que, no limite, leva a uma implosão centrípeta para um estado arcaico de indivisibilidade. Uma vez mais, vemos que a falha na tradução da experiência emocional, falha na subjectivação, impede a formação de um continente que organize o caos, conduzindo, portanto, à vivência caótica – o buraco negro.

Os modelos teóricos de Bion e Matte Blanco oferecem-nos uma forma abrangente, para não dizer infinita, de pensar o desenvolvimento e o devir humanos, sublinhando a importância de uma função (função alfa e função tradutora) organizadora do caos infinito que é o inconsciente. A criação do espaço psíquico assume uma importância fundamental, na medida em que funciona como um continente espaço-temporal que nos permite a criação de um sistema de referências que possibilita a ordenação da aleatoriedade da experiência. A função simbólica trabalha precisamente nas fronteiras desse continente, significando o desconhecido, acomodando o desconhecido, crescendo, aprendendo e se expandindo através da descoberta da alteridade.

A falha borderline consiste, precisamente, na inoperância da função alfa nas fronteiras do espaço mental. Trata-se de uma pele psíquica muito porosa, facilmente ressentida, o que resulta, por um lado, num retraimento narcísico e, por outro, na manutenção de defesas primitivas para garantir a pseudo-organização do Eu. A sensibilidade objectal é bruta porque não foi amortecida, não houve uma passagem de beta a alfa ou, como afirma Amaral Dias (2004), não houve uma transformação do elemento psicofísico (termodinâmico) da percepção

num elemento psíquico (quântico), de modo a que possa entrar na cadeia onírica. Para este autor, *“pensar é permanentemente livrarmo-nos de uma parte incompatível que é constituída por aqueles elementos da percepção que, não sendo transformados em pensamento, são revertidos à percepção sob a forma de elementos alfa revertidos”* (Dias, 2004, p.27). Instala-se o risco de confusão com o outro através do uso excessivo da identificação projectiva, mas também o perigo de se romperem as fronteiras do Eu, o que conduz à invasão do espaço psíquico, atrofiando as suas potencialidades. O esvaziamento e a invasão são, portanto, as duas faces de um mesmo problema, manifestações de uma profunda impotência para instituir a ordenação nas experiências de viver, sentir e relacionar.

II - Formulação do Problema e Objectivos

Ao longo da nossa revisão da literatura pretendemos descrever os aspectos essenciais da patologia limite sob o vértice das *perturbações da simbolização*. Para tal, realizámos uma reflexão sobre o vazio e o buraco negro enquanto *falhas na constituição* de um lugar onde o humano possa sentir e pensar a sua existência, aquisição que pressupõe que um conjunto de processos se dêem e sejam integrados de forma bem-sucedida.

Um dos pontos que nos parece essencial na constituição do Sujeito Psicológico, prende-se com o desenvolvimento de um espaço interno onde os diversos componentes do sujeito se possam comunicar, recriar e expandir. Consideramos que um dos factores essenciais para o bom desenvolvimento mental é a *experiência do amor*, nas suas *funções de ligação, integração e consolidação*. Já Freud, citado por Chabert (1998/2000), afirmara que a experiência do ódio é anterior à do amor, daí a necessidade deste ser desenvolvido. Trata-se, portanto, de um conceito que nada tem a ver com o fazer, com o simples cuidar das necessidades físicas do bebé, mas é antes uma qualidade inerente a esse cuidar, o afecto presente nessa interacção. Aqui aproximamo-nos dos conceitos de Winnicott (1960, 1971), quando se refere à preocupação maternal primária, à qualidade do *handling* e do *holding*, e à constituição do *true self* (*Ser bebé*), este último como sendo o potencial inerente a uma experiência de continuidade de ser - a constituição de uma realidade psíquica pessoal e de um esquema corporal. Uma mãe suficientemente boa, que se relaciona com o seu bebé envolvendo-o num “banho de afecto”, sob o predomínio dos vínculos L e K, confere à criança o acesso a uma dimensão profunda de intimidade, segurança e pertença humanas. Segue-se o desenvolvimento de uma sensibilidade e de uma curiosidade pelos outros e pelo mundo, bem como o interesse por si próprio, pelo seu mundo interno e pelas suas verdades emocionais. É neste envolvimento empático, sob o vínculo L, que se dá o ser-um-com-a-mãe (“*at-one-ment*”), um diálogo emocional unificante em que o bebé, sendo um com a mãe, se consolida a si próprio, dotando-se e sendo dotado de integridade, potência e espessura fantasmática.

Pensamos que é através de repetidas experiências emocionais desta natureza, assim como da introjecção e subsequente *identificação com a função continente de uma mãe suficientemente boa*, que se criam as condições para uma *comunicação interna* entre os

diversos componentes do sujeito, agora constituídos. Cria-se uma *segurança ontológica*, uma *posição de fé*, que Bion caracteriza como um desejo sem tempo – fé de que o objecto vai regressar, o que permite *vencer o desespero*. Partindo da indiferenciação primária inicial, criam-se momentos de intensa ligação afectiva, de “*at-one-ment*”, em que a criança passa de uma *experiência infinita para uma vivência de unidade*. Fascinante e paradoxal fenómeno que, numa sequência temporal, parte do infinito, seguindo-se uma fase de sustentação da unidade que, uma vez assegurada, aceita a alteridade e a diversidade. No caso borderline, pomos a hipótese de que a passagem da experiência infinita para a experiência unitária não se tenha estabelecido de forma suficientemente sólida, o que conduz a momentos de descontinuidade ontológica que visam suprimir a consciência do desesperante sem sentido.

Na medida em que o mundo emocional é simétrico e infinito, donde inacessível à consciência (que só pode operar e pensar numa lógica espaço-temporal – assimétrica), torna-se imperioso o estabelecimento de uma *função tradutora da experiência emocional* (Matte Blanco, I., 1975, 1981). Trata-se de um desvendamento e de uma *assimetriação dos conteúdos emocionais*, dotando-os de características para que possam exercer cidadania na mente consciente, de modo a serem regulados. É um processo com várias semelhanças com o conceito bioniano de função alfa. Não havendo uma relação harmoniosa entre a lógica emocional (simétrica – indivisa) e a lógica racional (assimétrica – dividente), instala-se o risco de uma *comunicação imperfeita entre os constituintes do sujeito*. Isto por haver um deficiente balanceamento entre os dois modos de ser, simétrico e assimétrico (generalização – discriminação), ou, usando outra terminologia, uma inoperância na oscilação Ps ↔ D (dispersão - integração) sustentada pela dinâmica continente-conteúdo.

É o que parece acontecer nos sujeitos limite, já que a introjecção e identificação com objectos pouco sustentadores e continentes impedem a organização do Eu e do objecto total, o que compromete o acesso à posição depressiva kleiniana. No lugar de uma psique dotada de solo e paredes firmes, encontramos “buracos psíquicos” e desinvestimento libidinal (Green, 1983/1988, 2000); ataque aos vínculos e uma função continente danificada, que impede os movimentos de integração, (Bion, 1957, 1970/1973); o predomínio da acção do modo de ser simétrico e falhas na função tradutora (Matte Blanco, 1975, 1981, 1988, 2005); dificuldade em estruturar o psiquismo e micro e macro lacunas na película do pensamento (Dias, A., 1999, 2004); o buraco negro (Grotstein, 1990, 1999). O sujeito fica impedido de aceder à

função simbólica como forma de comunicação e auto-regulação internas, o que impede a ordenação e nomeação da experiência, experiência essa que permanece associada à desesperante e invasiva proliferação de infinitudes (sem-sentido). A assimetria dos conteúdos emocionais (função tradutora) e o balanceamento dispersão-integração ficam comprometidos, o que conduz ao predomínio da desorganização e à ameaça do Nada, impossibilitando o desenvolvimento de mecanismos defensivos mais evoluídos e adaptativos.

Ao aproximarmos-nos do pensamento de Matte Blanco e da sua antinomia fundamental do ser humano e do mundo, surge-nos uma metáfora que nos traz alguma luz sobre a nossa radical duplicidade: o ser humano enquanto uma célula, uma unidade composta por várias moléculas em relação. Nada nas moléculas em si faz antever a existência da célula (já que um simples conjunto de moléculas não dá origem à vida), na medida em que esta engloba, contém e transcende as suas constituintes. A antinomia humana é tão fundamental como a que transcorre do modelo físico: a antinomia onda/partícula.

A duplicidade antinómica assegura a convivência entre unidade e diversidade no mesmo ser, discriminando diferenças e estabelecendo semelhanças, pelo que a sua ruptura acarreta o perigo de confusão, quer pela absorção do Ser numa unidade indistinguível da dimensão nula, quer pela infinita dispersão.

Como aprofundámos no subcapítulo dedicado ao trabalho de Matte Blanco, o acesso ao núcleo mais profundo do nosso ser, à coisa-em-si, está-nos vedado, por ser absolutamente simétrico, pois toda e qualquer tentativa de o designar divide e assimetriza aquilo que pretende nomear. Daí Bion afirmar que uma transformação em “O” permite ser, mas não saber, acerca de “O”. No mesmo sentido, recordemos de cor Lacan quando este refere o Sujeito como sendo um “S” barrado (\$), na medida em que o nosso conhecimento de nós próprios passa pela imaginação e pelo significante – a palavra, que é símbolo, que foi construída por outros para outro fim que não o nosso.

As dialécticas interno-externo, sujeito-objecto, continente-conteúdo, simetria-assimetria, Ps-D, processo primário-processo secundário, vida-morte, são elementos em perpétuo balanceamento, em permanente afinidade, visando a manutenção do delicado equilíbrio da *insustentável leveza do ser*. Deparamo-nos, deste modo, com o *carácter virtual e mutativo da mente*, concebida como um *conjunto de atractores em busca de uma coerência*, procurando a constituição de narrativas que confirmam significado aos conteúdos emocionais

despertados pela experiência de existir. O Eu como uma entidade emergente de um caos interno em perpétua turbulência, atraindo as ideias associadas e repelindo as dissonantes, na procura de preservação da sua própria integridade.

Ao concebermos a mente saudável como um espaço virtual, em constante expansão e reorganização, graças à invariância de um conjunto de atratores que conferem e procuram uma coerência sempre reactualizada, pensamos que o espaço psíquico do sujeito limite não sustenta estas características. Os seus atratores devem apresentar-se fortemente ameaçados com a proximidade do novo e do disruptivo, que trazem consigo o risco de dispersão e (con) fusão. Em vez de optar por uma posição de activa receptividade, desejo de conhecer e significar, opta pelo fechamento, procurando preservar a sua precária (des)organização. Pomos a hipótese de espaços psíquicos uni e bidimensionais, pouco aptos à transformação, ligação, comunicação e simbolização. Os vínculos estabelecidos entre sujeito e objecto serão predominantemente simbióticos e parasitários. No caso destes últimos, a activação do instinto de morte leva à reversão da função alfa, que opera no sentido da deformação da mente para preencher e entupir o buraco negro desintegrador com objectos bizarros. O encontro do Nada (continente) com o sem-sentido (conteúdo) produz a vivência de caos e infinitude, a descontinuidade do ser, que é outra forma de expressar a morte da significação – o buraco negro.

O nosso objectivo é, portanto, descrever as qualidades do espaço psíquico e das operações que nele se dão nos sujeitos borderline. Mais concretamente, procuramos explicitar um conjunto de movimentos psíquicos que atestam a presença de uma entidade teórica designada por buraco negro, que foi definida e discutida ao longo do capítulo precedente. A nossa hipótese é a de que o sujeito borderline, face ao objecto-Rorschach, tenderá a sentir grandes dificuldades na organização/simbolização da sua experiência emocional, o que se repercutirá na qualidade das relações continente-conteúdo produzidas, nas propriedades do espaço psíquico, nos atributos dos conteúdos criados e nos vínculos estabelecidos entre eles. Procuramos, assim, articular a acção do buraco negro com as propriedades e características da mente (espaço psíquico) de um sujeito limite.

Tendo como base os modelos psicanalíticos que nos servirão de organizadores, procuraremos constituir um modelo de análise interpretativa da narrativa Rorschach que, por

um lado, favoreça a captação das dimensões atrás referidas e, por outro, se constitua como uma ampliação das potencialidades do instrumento.

Nos próximos capítulos visamos, em primeiro lugar, descrever a natureza qualitativa do modelo de estudo que estamos a propor. De seguida, abordaremos algumas questões essenciais sobre o método e o instrumento Rorschach. Depois, procuraremos a integração dos pressupostos teóricos acima mencionados com a metodologia Rorschach, de modo a operacionalizar as questões levantadas e, posteriormente, transpô-las para a leitura de um protocolo.

III – Metodologia

3.1. Modelo de Estudo

A escolha da metodologia a utilizar neste trabalho procurou levar em consideração a natureza do nosso objecto de estudo: a mente humana, suas características e processos. Neste sentido, optámos por uma abordagem qualitativa, inscrita numa lógica que privilegia a compreensão do Sujeito-Psicológico na sua singularidade, procurando ir além da enumeração, quantificação e comparação que subjaz aos modelos de cariz quantitativo. O fenómeno psíquico (buraco negro) que pretendemos estudar e o instrumento que utilizaremos para o identificar são, portanto, sustentados por modelos psicanalíticos que são coerentes e convergentes com essa metodologia compreensiva.

Procuramos desenvolver um tipo de estudo metodológico e conceptual, que se possa constituir como uma expansão das possibilidades interpretativas do instrumento e da técnica Rorschach. No seguimento dos trabalhos desenvolvidos por Marques (1999/2001) sobre a simbolização e a significação no Rorschach, aspiramos alargar o campo conceptual deste instrumento, transcendendo o seu alcance para lá da lógica do diagnóstico psicopatológico. Para isso, impõe-se o afinamento de um campo conceptual e a constituição de parâmetros teórico-clínicos que possam ser lidos através do método Rorschach. No nosso caso, procuramos tornar o instrumento sensível às manifestações do buraco negro (Grotstein, 1999), de maneira a melhorar a sua identificação clínica no seio da prática da avaliação psicológica. Nesse sentido, propomo-nos elaborar uma grelha de análise interpretativa da narrativa Rorschach, que permita destacar e/ou fazer emergir os elementos do discurso do sujeito que denunciem a presença do conceito teórico estabelecido.

Posteriormente, com base na grelha constituída, faremos a análise de uma narrativa Rorschach de modo a tornar saliente a dinâmica psíquica que subjaz à acção do buraco negro e configurar os elementos nela envolvidos. A articulação desses elementos poderá aumentar a nossa capacidade de compreensão tanto do fenómeno em estudo, como do sujeito em particular, assim como enriquecer o método Rorschach.

3.2. Método e instrumento Rorschach

Em 1921, Hermann Rorschach criou esta prova com a finalidade de, através do estabelecimento de uma relação entre a percepção e a personalidade normal e patológica, aceder ao diagnóstico psicológico. Por ter falecido no ano seguinte, o autor não dotou este instrumento de uma teoria ou uma grelha de análise, pelo que *“serão as sistematizações posteriores que o irão dotar de características e de fundamentos teóricos e estabilizar as metodologias”* (Marques, 1999/2001, p.153). Debruçar-nos-emos, essencialmente, sobre os contributos da escola francesa, fundamentada pelo modelo psicanalítico, que concorreram para dotar o Rorschach de um método e de uma teoria, permitindo que este hoje seja visto como um instrumento privilegiado para a avaliação e descrição do funcionamento mental.

O Rorschach é composto por dez cartões, cada um deles constituído por manchas de tinta escassamente estruturadas, mas simétricas em torno de um eixo médio vertical, diferindo ao nível cromático: cinco destas pranchas são em tons de negro e cinzento (I, IV, V, VI e VII), duas em tons de vermelho e negro (II e III) e três em tons pastel (VIII, IX e X). O material do teste apresenta-se intencionalmente ambíguo, de modo a facilitar a projecção. A falta de configuração concreta do material possibilita a elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, da sua forma de se relacionar com os objectos, da sua representação de si próprio, dos seus fantasmas e afectos. A reacção do sujeito à prova e o tipo de defesas mobilizadas em função de cada estímulo, permitem o acesso ao tipo de estrutura sobre a qual a personalidade está assente.

Os cartões são apresentados um a um ao examinado, pela respectiva ordem, dispondo o examinador de uma folha de registo adequada para apontar as respostas do sujeito. A instrução consiste em pedir ao sujeito que diga tudo aquilo em que o cartão o faz pensar e o que pode imaginar a partir dele ("O que é que isto poderia ser para si?") (op. cit., p.158), esclarecendo, se necessário, que não há tempo limite e que não existem respostas certas ou erradas. Como tal, ao receber cada cartão, o indivíduo deve pronunciar-se sobre aquilo que a mancha poderia representar, numa associação livre de ideias reveladora das suas possibilidades de relação, criação, transformação e simbolização. As próprias instruções reenviam do perceptivo para o imaginário, favorecendo as interacções entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática.

Neste sentido, e tal como exposto por Marques (1999/2001): “*O material Rorschach, dez manchas de tinta, é um elemento da realidade exterior, uma percepção, mas tem características e qualidades psíquicas, isto é, ele é um objecto que deve ser investido e identificado e depois nomeado mas como algo de outro – de mancha ele passa a imagem, de coisa ele passa a palavra, conceito e símbolo. Assim, as manchas, que não são identificados enquanto tal, são designadas a partir de significações que delas emanam*” (p.203).

O técnico deve registar todas as verbalizações do sujeito, os tempos de resposta, os comentários, os comportamentos e as manipulações do cartão. Em seguida, procede-se ao inquérito, pedindo ao sujeito que explique como, onde e porque viu determinados conteúdos e, por fim, faz-se a prova complementar de escolhas. Reunidos estes elementos, passa-se à análise do protocolo, em que as respostas registadas serão alvo de cotação, revertendo-se naquilo que irá constituir o psicograma.

Para Raush de Traubenberg (1983a), o Rorschach encontra-se sublinhado enquanto revelador das modalidades relacionais que operam entre o sujeito e o seu mundo interno e externo, podendo constituir-se como um espaço de interacções “*entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna do objecto vivenciado*” (Rausch de Traubenberg, 1983a, p. 17).

Assim sendo, Chabert (1997/2003), enfatiza o encontro entre o sujeito e o clínico, mediado por um material e uma instrução que solicitam a ligação a um objecto perceptível. Este encontro possibilita a indução de fenómenos semelhantes às noções de transferência (o sujeito dirige ao clínico as emoções suscitadas pelas manchas) e contratransferência (definida pelas expectativas do técnico que mobilizam movimentos relacionais inconscientes). A resposta Rorschach inscreve-se, deste modo, num espaço interpessoal, logo relacional. A situação e o contexto Rorschach funcionam, assim, como catalisadores de uma experiência emocional no seio de uma relação continente-conteúdo (Marques, 1994, 1996a).

De acordo com Marques (1999/2001), o Rorschach pode ser concebido como um espaço virtual, pois que infinito nos possíveis significados que solicita e oferece, exigindo ao sujeito que comunique, interprete, simbolize e crie uma imagem-conceito símbolo, revelador da forma como os objectos se podem assimilar e reunir, para depois desse contacto se poderem separar e recriar. A resposta Rorschach é, assim, fruto de uma recriação face ao confronto entre conhecido e desconhecido, entre o que é continente e o que é conteúdo. O

método Rorschach, assim designado por Marques (op. cit.), deverá transcender os parâmetros do diagnóstico diferencial, dando conta das dimensões relacionais entre sujeito e objecto.

Relativamente ao conteúdo manifesto, existem aspectos comuns aos diferentes cartões, tais como a sua constituição simétrica e a presença de elementos cromáticos e acromáticos. Estes dois aspectos evidenciam duas dimensões fundamentais do estímulo: uma dimensão estrutural (construção formal dos cartões) e uma dimensão sensorial (pela presença das cores). São estas duas dimensões que ordenam o método de análise dos protocolos, uma vez que a primeira reporta a uma perspectiva perceptiva e cognitiva, e a segunda se encontra intimamente associada à expressão dos afectos.

Deste modo, a dimensão estrutural reporta ao facto dos cartões se diferenciarem pelo seu carácter unitário, inteiro e compacto, ou pela sua obediência a uma configuração bilateral. A simetria organiza-os a todos em torno de um eixo mais ou menos evidente, sendo este claramente representado nos cartões unitários. Estes (I, IV, V, VI e IX), devido ao facto de apresentarem uma mediana manifesta, podem reflectir a imagem do corpo humano organizado simetricamente em torno de um eixo. Nos cartões de configuração bilateral (II, III, VII e VIII), a simetria é mais evidente na repetição do duplo, do igual, em espelho, podendo reflectir a representação de relações cujas qualidades e particularidades se precisarão mais tarde. É importante ter em conta o uso que o sujeito faz do carácter simétrico das manchas, e o equilíbrio do balanceamento entre os movimentos de integração (coesão) e dispersão (duplo). Assim, no Rorschach, *“a simetria, ao abrir o espaço para o múltiplo e o infinito, obriga e impõe, também, o retorno, o reencontro e a fixação no uno, no indivisível, no unido, integrado e coeso para se operar, de novo, o espaço do múltiplo, do infinito finito. Este é o universo da transformação simbólica.”* (Marques, op. cit., p.208).

No que refere ainda à estrutura formal dos cartões, estes podem também ser divididos entre abertos (II, III, VII, VIII, IX e X) e fechados (I, IV, V e VI). A partir deste critério objectivo, podem evidenciar-se as determinações perceptivas que reenviam simbolicamente para o aberto, oco e continente (I, II, VII e IX: referência feminina/materna), por oposição ao aspecto mais fechado, compacto, associado à presença de apêndices salientes (IV e VI: referência fálica) (Chabert, 1997/2003). No entanto, é importante referir que o cartão I e o IX, devido ao facto das suas características estruturais serem ambíguas, podem situar-se

simultaneamente no registo dos cartões fechados (que facilitam a abordagem global) e abertos (tendo em conta o branco central).

Na dimensão sensorial é preciso distinguir os cartões cinzento-escuros (I, IV, V, VI), os cinzentos (VII), os negro-branco-vermelhos (II, III) e os em tons pastel (VIII, IX e X). Quando tocam a sensibilidade do sujeito, os cartões cinzento-escuros ou com contraste negro-branco podem provocar manifestações de inquietação, ansiedade e angústia mais ou menos intensa, as quais podem ser explicadas pela correspondência cultural do negro à tristeza, depressão e luto.

Os cartões que integram o vermelho (II e III) são importantes pelo contraste produzido pelas cores branca, negra e vermelha que, aliado à sua organização estrutural (bilateral), podem ser sentidos de forma particularmente violenta. A presença do vermelho é determinante na solicitação de afectos brutos, ou seja, na reactivação de movimentos pulsionais sexuais e/ou agressivos. Os cartões vermelhos são indutores da representação de relações, o que nos pode dar conta da ligação, ou não, entre representação e afecto.

O cartão VII deve ser considerado à parte, pois apresenta uma organização estrutural particular. Tem uma configuração bilateral e uma construção oca/aberta, a sua tonalidade cromática é cinzento-claro esbatido, com uma grande participação do branco. Tal disposição atenua o contraste e o contorno, delimitando a mancha numa interpenetração entre o dentro e o fora.

Os cartões pastel têm em comum as tintas pálidas e filtradas, que lhes conferem um papel de indutores de afectos, diferenciando-se pela sua organização estrutural. O cartão VIII contém o choque de ser o primeiro cartão pastel; o IX, devido à mistura de cores e características estruturais ambíguas, é considerado um cartão complexo por poder dar uma impressão de interpenetração (como no cartão VII); o cartão X é o mais colorido, com características particulares que se prendem com a multiplicidade e a dispersão das cores, que torna difícil a sua classificação do ponto de vista estrutural.

Segundo Chabert (1997/2003) e Traubenberg (1970/1975, 1983b), a prova Rorschach, pela sua estrutura, permite que nos concentremos em torno de um conjunto de elementos que se referem à representação de si e à representações de relações. Esta dupla orientação permite uma análise do conteúdo latente do material assente em dois eixos fundamentais: a representação de si, que remete para a diferenciação de sujeito e objecto (cartões em que é

solicitada uma problemática de identidade) e diferenciação sexual (cartões em que é solicitada uma problemática de identificação), e a representação da relação, que permite verificar as qualidades do investimento no Outro, o registo conflitual e os níveis de desenvolvimento libidinal, sendo estes elementos usados para aceder ao diagnóstico diferencial.

No teste Rorschach, o acesso à representação de si apoia-se em diversos parâmetros, nomeadamente no que se refere à construção da imagem de si (que remete à imagem do corpo), à identidade e investimento da imagem de si, ao reconhecimento da diferença dos sexos e aos modelos de identificação.

Assim sendo, a representação que o sujeito tem do seu corpo, expressa-se preferencialmente nos cartões unitários e compactos. Os cartões I, IV, V e VI, dada a natureza da sua própria configuração, construída à volta de um eixo vertical sugestivo do esquema corporal, constituem-se como referências estáveis e unas, podendo remeter para uma projecção de uma imagem corporal íntegra, que é condição necessária aos processos de individuação e unificação da identidade.

Os cartões com configuração bilateral (II, III, VII) podem igualmente solicitar a representação do corpo, ainda que esta operação possa constituir uma tentativa de apreender uma representação de si unificante que se traduz em má qualidade formal, baseada em percepções arbitrárias. É um esforço de globalização que envia o sujeito numa procura incessante da unidade face a um estímulo que desperta a dispersão e a fragmentação, sobretudo nos cartões II e III, em que a solicitação pulsional é forte. Os cartões pastel, por seu lado, pela introdução das cores suaves e pálidas, reactivam a representação de uma imagem do corpo num meio envolvente regressivo, próximo da vivência relacional precoce, prestando-se ainda a associações que emanam preocupações hipocondríacas e/ou de angústia de fragmentação. Constata-se, deste modo, que se a diferenciação e estabilidade identitárias não estão bem constituídas, assistimos a processos que nos dão conta da preocupação essencial do sujeito face à ameaça da sua unidade/integridade.

No que concerne às dimensões da identidade e do investimento da imagem de si, estas apoiam-se na construção de um esquema corporal que pressupõe o êxito dos processos de separação, diferenciação e individuação, com reconhecimento da diferença entre sujeito e objecto. O sujeito, para além de se reconhecer como diferente do outro, deve reconhecer-se

como pertencente ao mundo humano, a par de uma clara discriminação dos reinos mineral, vegetal, animal e humano.

A problemática da não separação eu-outro e da insuficiente constituição da identidade pode ser inferida de diferentes modos. Nos cartões compactos, onde é esperada uma imagem inteira, em que a linha média serve de referência ao eixo do corpo, surgem por vezes imagens não de unidade mas de duplicação. O eixo central é, pois, vivido como uma *“linha de separação entre duas entidades que são apenas a repetição do mesmo, como se a diferenciação entre si e o outro fosse apenas o sinal de um corte interno entre duas partes não complementares, mas sim idênticas e estranhas, o que serve muitas vezes de apoio a mecanismos de clivagem”* (Chabert, C., 1997/2003, p. 79).

Os cartões bilaterais, pela sua estrutura simétrica e especular, dificultam a construção de uma imagem de si unitária e favorecem a representação da relação. No entanto, pode inferir-se uma problemática ao nível da representação de si se as relações desenvolvidas se dão não entre objectos diferentes e complementares, mas entre réplicas do mesmo, conduzindo, desta forma, a uma problemática de ordem narcísica que, embora nem sempre ponha em causa a fragilidade da identidade, tende a abolir a diferenciação entre si e o outro, originando um tipo de investimento relacional narcísico e paralisante. Importa diferenciar o mecanismo de identificação projectiva no qual é abolida a diferença entre sujeito e objecto, daquele movimento narcísico em que o objecto se apresenta anaclítico e de prolongamento. Os cartões pastel e o cartão V, especificamente, evocam uma maior intensidade na simbólica do narcisismo. Quando não existe uma problemática neste sentido, o cartão V é tratado no seu modo banal, contudo, se existirem falhas a este nível, a representação da imagem de si, pode apoiar-se de um modo depressivo, megalómano ou exibicionista. Nos cartões pastel, cujo apelo regressivo é intenso, a fragilidade identitária fica patente nas *“manifestações de sofrimento, de ordem depressiva, e as falhas narcísicas que se exprimem muitas vezes nas imagens que mostram a insuficiência do suporte objectal, que arrasta a insuficiência do investimento de si, corolário de uma vivência de insatisfação e de falta, na relação precoce com o meio”* (op. cit., p.80).

Relativamente ao reconhecimento da diferença dos sexos e aos modelos de identificação, se a estabilidade da identidade é verificada, alcança-se um nível mais evoluído - as identificações secundárias. A aquisição da identidade faz com que o sujeito tenha acesso

a modelos de identificação e que tenha a capacidade de reconhecimento da diferença entre os sexos, o que implica a integração da bissexualidade psíquica. Esta problemática é evidenciada nos cartões que revelam possuir um marcado simbolismo sexual. Podemos, assim, considerar que os cartões II, VII e IX assumem uma simbólica oca devido ao branco intermacular, o que os configura como cartões de simbologia preferencialmente materna/feminina. A dominância fálica é evocada nos cartões IV e VI, sendo caracterizados na sua valência paterna/masculina. Os cartões II, IV, VI e IX apresentam uma simbologia sexual notória, que pode mobilizar o sujeito a originar símbolos ou imagens sexuais cruas. Os cartões II e VII remetem para mecanismos de identificação a modelos sexuados, traduzidos por representações específicas e pela adopção de posições activas/passivas, que evidenciam a escolha, mais ou menos integrada, do papel sexual. O cartão III, sendo bissexuado, poderá dar lugar a identificações sólidas ou, ao invés, oscilações dolorosas.

No que diz respeito à representação da relação, esta refere-se igualmente a diversos âmbitos, nomeadamente à imago materna e às relações de objecto de amor e ódio, estando estas últimas em interdependência com a construção da imagem de si.

A imago materna é solicitada no cartão I que, por ser o primeiro, remete para a relação objectal primária. As características do estímulo (estrutura aberta na parte superior, parte central sugestionária o corpo feminino, sobressaindo o seu aspecto envolvente e compacto) favorecem o simbolismo materno. Podem, deste modo, surgir referências a uma imago pré-genital evocada na sua dimensão ameaçadora, persecutória e destrutiva, o que nos dá conta da reactivação de uma vivência inquietante com o objecto primário. Nos cartões IV e V, se evocada, a imago materna é frequentemente uma imago materna pré-genital fálica, poderosa e onipotente. O cartão VII é considerado o cartão materno por excelência, dado o seu carácter esbatido, aberto e oco, com interpenetração da figura-fundo, o que pode pôr em causa a imagem do corpo em relação a esta imago. As expressões emergentes são variadas, das mais arcaicas às mais evoluídas, de manifestações que testemunham ligações fusionais, habitualmente destrutivas, a movimentos regressivos nas suas vertentes orais e anais, dando assim conta da modalidade de relação de objecto dominante e do clima emocional a ela associado (disfórico e inquietante ou, inversamente, de calma e bem-estar). Por fim, o cartão IX, designado por cartão intra-uterino pela sua abertura central com esbatimento de limites e sobreposição de cores, apela a uma forte componente regressiva, sendo frequentes os temas

aquáticos e alimentares, apreendidos num clima emocional positivo ou negativo (de valência persecutória) (Chabert, C., 1997/2003).

Se o teste Rorschach se presta à evocação de relações, alguns cartões facilitam, mais do que outros, associações relacionais: são assim os cartões de configuração bilateral (II, III e VII), os cartões vermelhos (II, III) e os cartões pastel (VIII, IX e X). No que respeita aos cartões bilaterais, a organização em duplo, a indução de imagens de animais ou humanos face a face favorecem a expressão de relações nas suas modalidades narcísicas ou objectais, agressivas e/ou libidinais.

Os cartões vermelhos mobilizam fortes investimentos pulsionais, de valência libidinal e/ou agressiva, que nos dão conta de diferentes modalidades relacionais. Os cartões pastel suscitam a emergência de emoções, remetendo para o tipo de relação que o sujeito tem com o seu meio. São cartões facilitadores de movimentos regressivos que reactivam as manifestações mais primitivas de uma sensorialidade precoce, de uma vivência anterior à linguagem verbal, que se refere, em particular, à experiência de prazer e desprazer ligadas aos contactos iniciais (op. cit.).

* * *

Marques & Aleixo (1994) esclarecem que o Rorschach pode ser utilizado em Psicologia Clínica fora da lógica do estabelecimento de um diagnóstico psicológico, o que abre vias para o alargamento e expansão do seu uso na/para a compreensão do sujeito. Para os autores, este instrumento “*expressa e revela o espaço da mediação, ligação, transformação e recriação entre o que é interno e externo, entre o que é presente e passado e o que é presente e futuro*” (p. 461). Facilitador de um processo de ligação e transformação entre interno e externo, o Rorschach revela o percurso trilhado pelo sujeito no seu confronto com as manchas. As respostas Rorschach condensam, assim, o “*compromisso possível*”, um “*novo objecto*” dotado de características internas e externas, numa ordenação que “*contém a marca do sentido possível*” reduzida “*a uma expressão simples, mas saturada de sentido, que abre as vias, ou as fecha, para novas significações*” (op. cit., p. 462).

O processo resposta Rorschach, tal como definido por Marques (1999/2001), encontra a sua manifestação na comunicação sob a forma de uma imagem-conceito. A simbolização adquire, assim, um carácter organizador que irá permitir o acesso à actividade de pensar, actividade relacional entre interior e exterior, ente Eu e não-Eu, entre sujeito e objecto. Pensamos, assim, no Rorschach enquanto um espaço de relação entre sujeito e teste, sujeito e clínico, bem como uma interacção entre os diferentes componentes do sujeito, num jogo entre perceptivo (percebido) e projectivo (vivido).

A situação projectiva está sempre inscrita num encontro intersubjectivo, em que sujeito e psicólogo participam e determinam a dinâmica relacional em que a avaliação decorre. A instrução “o que é que isto poderia ser?”, reenvia para a possibilidade do sujeito se situar numa área transitiva, num entre-dois: entre realidade e fantasia, objectivação e subjectivação, externo e interno. Esta solicitação põe à prova os assentos narcísicos e as capacidades de transformação, significação e comunicação do sujeito face à mancha. Este encontro cria uma tensão, uma *situação catastrófica*, que obriga o sujeito a uma mudança psíquica para restaurar o equilíbrio, conseguida pela atribuição de novas significações através de novas relações continente-conteúdo (op. cit.). O sujeito experiencia, assim, uma *mudança catastrófica*: através da identificação projectiva, impregna a sua subjectividade na mancha, transforma o caos e o seu potencial infinito, e comunica, sob a forma de símbolo, um novo objecto. Objecto literalmente novo, porque construído intersubjectivamente, contendo e transcendendo os dois mundos que o criaram (interno e externo). Através da interpretação do processo-resposta Rorschach, torna-se possível analisar a forma como o sujeito usa e comunica o seu pensamento, podendo-se, deste modo, antever e compreender a essência do sujeito (Marques, 1996a).

Uma vez que considera a identificação primária e a concomitante fusão entre sujeito e objecto, a identificação projectiva parece ser o conceito mais adequado para designar o mecanismo psíquico que suporta a relação sujeito-Rorschach. Como explicita Marques, “*transformar em símbolo uma impressão sensorial percebida... [impõe] uma actividade de comunicação entre sujeito e objecto, dentro/fora, com a concomitante confusão e fusão que cederá lugar à separação e à diferenciação, com enriquecimento e crescimento*” (Marques, 1999/2001, p. 220).

Tomamos as manchas-Rorschach como um objecto no sentido psicanalítico do termo, um elemento da realidade externa que possui características e qualidades psíquicas que o tornam apto para ser investido, designado e conhecido. Se, por um lado, as manchas possuem características perceptivas precisas (estrutura simétrica, forma, cor, esbatimento), por outro lado contêm uma dimensão desestabilizadora, que remete para o desconhecido, o sem-sentido, o caos.

Esta dupla dimensão das manchas cria uma tensão entre familiar e desconhecido, entre o que é e o que poderia ser. Para que um novo objecto possa ser criado, é necessário que o sujeito se constitua como claramente diferenciado do objecto-instrumento, e que se disponha a estabelecer com ele uma relação continente-conteúdo que viabilize a transformação e superação da ambiguidade. Criar o que não é, implica aceitar perder momentaneamente aquilo que é, para depois o poder reencontrar com novas características e qualidades. Característica perceptiva do cartão e resposta/novo objecto devem, assim, conter alguma invariância, oferecida pelo equilibrado balanceamento entre objectivação e subjectivação.

A técnica Rorschach deve, então, revelar não só as dimensões psicopatológicas que inscrevem o sujeito num determinado diagnóstico nosográfico, mas também as suas possibilidades, potencialidades e, principalmente, singularidade. Devemos, então, centrar-nos nos processos que anunciam e explicitam a natureza do sujeito, e não apenas nas suas produções, de modo a criar novos sentidos e significados ao que foi dito. Pensamos que através do processo de construção/elaboração/criação de imagens, isto é, através do acesso aos elementos que o sujeito privilegia na situação de teste (funcionamento no teste), nos é revelado o modo de funcionamento mental do indivíduo. Deste modo, o Rorschach expressa não só o compromisso a que o sujeito chegou, mas as estratégias que lá conduziram, ambos, compromisso e estratégias, reveladores de *“como o sujeito utiliza aquilo que é no confronto com aquilo que sendo novo, desconhecido, implica a mobilização desse ser-essência que se recria, realiza e estabelece novas realidades”* (Marques & Aleixo, 1994b, p. 462).

IV - Procedimentos

Tendo em conta o que atrás referimos na nossa formulação do problema, impõe-se agora o estabelecimento de parâmetros de análise do processo-resposta Rorschach, que nos permitam aceder à expressão do buraco negro na patologia limite. Para isso, devemos elaborar uma metodologia que seja coerente e convergente com o nosso posicionamento teórico, abrindo vias para que o instrumento Rorschach facilite e favoreça a expressão e captação do fenómeno em estudo.

Pretendemos pensar os processos e estados psíquicos fora da lógica do diagnóstico diferencial, o que nos obriga a alargar o campo conceptual do Rorschach e a propor um modelo descritivo do funcionamento mental. Pensamos que, através deste tipo de abordagem, podemos aproximar-nos mais das características e qualidades que expressam as vicissitudes da formação do ser. Neste sentido, estabelecemos uma concepção sobre o desenvolvimento e expansão da mente humana à luz dos processos de simbolização, e propusemos os conceitos de vazio mental e buraco negro enquanto perturbações da subjectivação. Devemos, pois, conceptualizar um modelo de leitura da narrativa Rorschach que seja sensível a esta problemática mas, antes disso, devemos recapitular alguns dos elementos essenciais do problema que pretendemos estudar, a fim de articulá-los com as características da situação e do instrumento Rorschach. Para tal recapitularemos sumariamente alguns aspectos essenciais do modelo de Grotstein (1999).

Ao nascer o bebé está inscrito num ambiente intersubjectivo e relaciona-se com objectos significativos que regulam, sustêm, contêm e significam os seus estados afectivos. A qualidade deste factor interactivo/intersubjectivo é decisiva para o desenvolvimento futuro da criança: o amor, a vinculação, o *handling*, o *holding*, a *rêverie* e a identificação projectiva parental, se “suficientemente bons”, fornecem um tema de identidade e constituem a presença de fundo da identificação primária. O mesmo autor concebe este conceito como associado “à *história pessoal do indivíduo, à sua tradição cultural, à terra natal, às casas que habitou e, em geral, a todos os elementos que compreendem o “fundo” das configurações figura/fundo*” (Grotstein, 1999, p.127-128). Apresenta-se como um apoio estabilizador, uma referência e segurança internas, bem como a memória fantasiada de uma inicial fusão benigna com a mãe. A constituição da presença de fundo da identificação primária é contemporânea do

desenvolvimento da função contidora do conteúdo, fundada através da interiorização e identificação com a função continente materna.

Enquanto a presença de fundo da identificação primária permite dotar a psique de um suporte, um “chão de significação” que impede a queda no Nada (buraco negro), a função contidora refere-se “*a objectos “em frente”, objectos que são para ser procurados, usados, conhecidos*” (Grotstein, 1999, p.127). A primeira remete para a confiança e segurança ontológicas, a segunda aponta para a capacidade de assimilar e integrar o infinito desconhecido.

Retomando a concepção de Grotstein (1999) relativa à presença de fundo da identificação primária, propomos que o fundo branco presente em todos os dez cartões se pode constituir como o “fundo de significação”, a característica/qualidade que permite que os objectos se possam revelar, estabilizar e investir. A possibilidade de destacar a figura do fundo branco é um dos indicadores de uma identidade bem constituída, suficientemente bem delimitada em relação aos outros objectos. Neste ponto, aproximamo-nos do conceito de identidade proposto por Marques (1996b), termo que condensa as noções de feminino, finito e fecundo. O fundo branco, enquanto recordação não lembrada de um estado arcaico de fusão benigna com a mãe (feminino) que possibilitou a separação e a individuação (finito), permite destacar a figura, o objecto, tornando-o apto à relação, à transformação e ao crescimento (fecundo). De facto, a cor branca contém em si todas as cores, o que nos reenvia para as questões da origem e do potencial. O fundo branco pode, então, constituir-se como a base onde os objectos se podem organizar, emergir e criar. No entanto, se a presença de fundo da identificação primária apresentar lacunas, o branco pode exercer um forte poder de atracção, constituindo um movimento regressivo em direcção ao Nada, ao vazio, ao buraco negro.

Por sua vez, a figura (mancha) apresenta um carácter desconhecido e desestruturante, o que nos conduz a propor o caos como a qualidade psíquica que a define. Esta característica da mancha mobiliza o sujeito ao estabelecimento de novas relações continente-conteúdo, de modo a ordenar, integrar, significar e comunicar a sua vivência sob a forma de um símbolo, uma resposta.

Todas as manchas-Rorschach apresentam características perceptivas, estruturais e sensoriais, que devemos ter em consideração. A sua estrutura simétrica apresenta como qualidade psíquica a coesão (integração) e o duplo (dispersão), elementos fundamentais na

organização da vida mental. Segundo Marques, “*a simetria é o que ordena, dá coerência e harmonia, mas esses elementos de integração são igualmente momentos e movimentos de desestabilização, inquietude e dispersão, o que leva a que seja ainda a simetria que duplica, multiplica, para dissolver ou fazer crescer e dotar de novas significações*” (Marques, 1999/2001, p. 208). Do mesmo modo que abre o espaço para o infinito, a simetria apela ao retorno ao que é uno, constituindo-se como o movimento essencial da função alfa e da transformação simbólica (vínculo K). De modo inverso, a simetria pode remeter para a paralisante estagnação no mesmo, para a entropia da função K, para a morte da significação pela recusa do diferente.

Neste sentido, devemos ser sensíveis ao modo como o sujeito faz uso da simetria e das restantes características estruturais e sensoriais da mancha: permitem a expressão do sentimento de existir e da vivência relacional? Ou, por outro lado, são usadas para fins defensivos, quer pela anulação do relacional através do desdobramento do mesmo, quer pela procura de referência e de estabilização de um sentimento de ser ameaçado? A mesma autora defende que o “*Rorschach implica e apela ao sentimento de existir, subjectivo, delimitado e separado, sem o que não poderá haver, depois, projecção da vivência relacional, com a marca da objectualização e das relações objectais*” (op. cit., p. 208).

Vemos, pois, como a situação-Rorschach, indutora de caos e disruptividade, põe à prova a integridade da presença de fundo da identificação primária (diferenciação, estabilidade, coerência) e da função contentora do conteúdo (transformação, integração, significação). Face ao objecto-Rorschach, o sujeito que apresente lacunas na constituição destes dois organizadores psíquicos, sentirá dificuldades em diferenciar-se claramente do material e, conseqüentemente, em estabelecer relações continente-contéudo promotoras de simbolismo e crescimento. Através da identificação projectiva, o objecto será dotado de um forte poder de atracção, o que impede a diferenciação necessária para a organização de um símbolo, surgindo no seu lugar equações simbólicas e objectos bizarros. De modo inverso, o objecto pode ser mantido a uma distância de segurança, “*como se o sujeito experimentasse a necessidade de se agarrar à presença do percebido como real isento de qualquer projecção, já que não tem a mínima certeza da distinção entre fantasia e realidade que ele se empenha em manter cindidas*” (Green, 1983/1988, p. 256). Ambas as condutas revelam a dificuldade do sujeito em se situar numa área transitiva e a sua sensibilidade à perda do objecto (Chabert,

1998/200), colocando-o num dilema entre a angústia de separação e o perigo de invasão e fusão regressiva.

Pretendemos, agora, constituir um modelo de leitura do protocolo Rorschach que melhore a captação dos momentos, passagens e oscilações que denunciam a presença do buraco negro. Tais movimentos expressam a fragilidade e a hipersensibilidade narcísica do sujeito, bem como a impossibilidade momentânea de significação da experiência emocional. Face ao objecto Rorschach, sentido como traumático e desorganizador, o sujeito fica inscrito num conflito entre o poder da sua capacidade de significação, transformação e simbolização, e a potência atractora do buraco negro.

Neste sentido, iremos destacar os elementos teóricos que se afiguram como mais relevantes na nossa revisão da literatura sobre o buraco negro, e traduzi-los para a sua expressão no Rorschach. Na elaboração destes parâmetros de análise, são tidas como fundamentais as concepções estabelecidas por Marques (1999/2001) sobre a significação e simbolização no Rorschach, pois partimos do pressuposto que o buraco negro, enquanto entidade psíquica, opera no sentido inverso do trabalho de comunicação, ligação e transformação. Os conceitos de representação de si e representação das relações desenvolvidos por Chabert (1997/2003) e Traubenberg (1970/1975, 1983b) servirão, também, como matriz que suporta a nossa análise do protocolo.

1) Presença de fundo da identificação primária/ Identidade

Qualquer interpretação de uma mancha Rorschach implica dois momentos/movimentos, que só por necessidade expositiva podemos considerar como separados. O primeiro prende-se com a diferenciação figura-fundo, através da criação de um continente perceptivo que destaque parte ou a totalidade da mancha (modo de apreensão). O segundo momento remete para o estabelecimento de uma relação continente-conteúdo positiva, que possibilite a criação de um novo objecto, através da comunicação e recriação entre o mundo interno e a realidade externa. O êxito destas duas operações revela uma identidade claramente constituída, uma separação sujeito-objecto, bem como a operacionalidade de uma barreira de contacto flexível e promotora de comunicação entre o dentro e o fora. Os cartões unitários e fechados, que favorecem representação de si, apelam directamente à possibilidade de representar uma

identidade íntegra e coesa, claramente delimitada em relação aos outros objectos. A criação de respostas de boa qualidade formal (F+), íntegras, estáveis, vitalizadas, interactivas (K+, kan+), associadas a conteúdos cujo simbolismo remeta para uma imagem corporal positivamente investida e valorizada, dá conta da constituição de um espaço interno sólido, com potencialidades criadoras e criativas.

No entanto, ao não conseguir destacar a figura do fundo, e se este último se constitui como uma atracção, o sujeito pode revelar uma problemática ao nível da separação sujeito-objecto. Como propusemos, o fundo branco presente em todos os cartões deve servir para destacar e favorecer a organização e a comunicação com a mancha. Se não serve para esse propósito, devemos interrogar-nos acerca da própria fundação do sujeito. Neste sentido, as respostas que integrem o branco (G_bl, D_bl, Dd_bl) ou em que à inversão figura-fundo (Gbl, Dbl, Ddbl), podem remeter para aspectos de carência, vazio, sem-sentido, que mobilizam esforços de preenchimento da falta fundamental.

Com efeito, devemos prestar particular atenção às respostas dadas nos cartões II, VII e IX, não só pela sua configuração bilateral, logo relacional, mas principalmente pela marcada lacuna intermacular no eixo central do cartão. O branco central presente nestes cartões pode ser vivido como uma falha básica, um buraco negro interno, o que levará o sujeito a fixar-se nessa localização e a produzir associações que remetam para esse sentimento de dano e de falta. No caso do sujeito produzir respostas que integrem o branco, devemos atentar às respostas que as antecedem e precedem, de modo a verificar o modo como o sujeito se organiza ou desorganiza face à falta e à ausência.

Se concebermos a fundo branco como a presença de fundo da identificação primária, a mobilização de modos de apreensão que integrem o branco podem apontar para uma fragilidade deste constituinte psíquico que, ao apresentar lacunas, permite a instalação de um movimento implosivo (regressivo) em direcção ao Nada e ao buraco negro. Em consequência, dar-se-á uma redução da dimensionalidade do espaço psíquico (retomaremos este tema mais adiante), bem como a activação de mecanismos de defesa primitivos que levam à produção de objectos bizarros. Surgirão, assim, respostas de má qualidade formal (F-), descargas destrutivas (K ou Kan agressivas, Kob), paranóides (Kp) ou invasão do mundo interno (C, C', E, Clob). No que concerne aos conteúdos, estes tenderão a ser regressivos, danificados, esmagados, desvitalizados, parcializados ou destruídos. Muito importante será

analisar as capacidades de reorganização do sujeito, a possibilidade de realizar movimentos progredientes que permitam a restauração do equilíbrio.

Outro modo de detectar a acção do buraco negro e o seu efeito perturbador sobre os processos de significação, é através da observação de uma relação continente-conteúdo negativa, parasitária. Tendo destacado a figura do fundo, o sujeito é confrontado com a qualidade caótica da mancha e com a necessidade de significá-la. Quer seja pela porosidade, instabilidade ou pelo carácter extremamente rígido do continente, quer seja pelas características violentas do conteúdo, dá-se a impossibilidade de comunicação criativa entre interno e externo – no seu lugar surge a invasão de um pelo outro. A vivência despertada pelo contacto com a mancha, enquanto elemento beta não alfabetizado, vê inviabilizada a sua transformação em sentido, em símbolo, apenas se prestando a ser evacuada através da identificação projectiva patológica (reversão da função alfa). Usando outra terminologia, o fracasso do trabalho do negativo fica a dever-se ao facto de o objecto não se deixar apagar, conservando o seu estatuto concreto e impedindo a sua transformação em representação do objecto, o que facilitaria a sua entrada na mente e na cadeia de significantes do sujeito – no lugar da estrutura enquadrante encontramos o vazio e o Nada. O resultado será, invariavelmente, a formação de equações simbólicas, objectos bizarros (F-, K-, Kan-) ou invasão. Os modos de apreensão associados a determinantes vagos (F+, CF, EF, ClobF) acentuam, também, o carácter instável e impreciso do continente psíquico, bem como a sua dificuldade em conter e elaborar os afectos.

Infere-se, desta forma, a precária interiorização da função continente, o predomínio dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos, assim como a correlativa instabilidade identitária, sempre em risco de perda de coesão.

2) O objecto é traumático

Vimos que, para o borderline, o Outro é um objecto trauma (Green, 1983/1988), perturbador do seu frágil equilíbrio narcísico. A porosidade da sua pele psíquica faz com que o sujeito seja hipersensível à experiência, pois não dispõe de uma função alfa suficientemente operante na sua função de transformar as vivências emocionais em significação pessoal (falha na constituição de um espaço interno que permita o mapeamento da experiência emocional)

(Grotstein, 1999). O fechamento, o retraimento narcísico e o distanciamento face ao objecto são corolários do receio de que a relação com o objecto resulte ora em esvaziamento (perda), ora em invasão.

De que forma podemos observar esta dinâmica através do Rorschach? Os primeiros índices podem ser dados através de manifestações mais ou menos evidentes de ansiedade face à situação de teste. A excessiva manipulação do cartão, as verbalizações de desconforto, de crítica de si e da situação, os pedidos de apoio ao clínico, o aumento ou diminuição bruscos do tempo de latência anunciam, desde logo, a inquietação face ao novo e ao disruptivo.

Os modos de apreensão mobilizados no contacto com a mancha podem também reflectir esta procura de distanciamento. O número elevado de respostas G pode indiciar uma procura de não implicação subjectiva, uma submissão passiva e conformista à realidade externa, no limite da clivagem interno-externo (difícil balanceamento entre objectivação e subjectivação) A insistência nos contornos, a tentativa de apreensão global, normalmente associada a um determinante formal, pode indiciar uma procura de continente e o reforço das fronteiras face à ameaça de confusão sujeito-objecto. Esta tentativa de manter o objecto à distância é, simultaneamente, uma forma de o poder controlar e usar sem correr o risco de desorganização. O baixo número de respostas D pode indiciar uma ausência de curiosidade e um enfraquecimento do desejo de conhecer. No entanto, a elevação das respostas D pode testemunhar a dificuldade de integração dos vários componentes da mancha (principalmente nos cartões compactos, em que o apelo à representação de si é forte), bem como o esforço de captar e fixar os objectos, sempre em risco de desaparecer.

Contudo, quando estes esforços para manter o objecto à distância não são operantes, quando as solicitações latentes reactivam uma problemática importante para sujeito, ou quando determinadas características da mancha despertam uma sensibilidade particular (vermelho, negro, branco, pastel, estrutura aberta ou fechada), outras lógicas, mais projectivas, entram em acção. Podem, então, surgir respostas de fraca qualidade formal (F-, K-, Kan-), fortes descargas pulsionais (Kob), sentimentos de perigo e ameaça (Clob), invasão emocional (C, C', E) assim como respostas cinestésicas (K, Kan). Estas últimas podem encenar, por um lado, um relacional agressivo/destrutivo ou, por outro lado, a procura de suporte (personagens juntas, coladas, siamesas, apoiadas). Não se esperam, pois, actividades associativas ricas, figuras íntegras e sexuadas, tomadas de posição identificatória claras, mas

antes uma perda de distância provocada pela não elaboração dos conteúdos psíquicos (K de convenção ou K-). Estes movimentos são claramente favorecidos nos cartões II e III, pela sua configuração bilateral e pela presença do vermelho, que remete para as dimensões pulsionais tão difíceis de conter no sujeito limite.

Pelo seu forte apelo regressivo, pela interpenetração das cores e por remeter para a possibilidade de estabelecer trocas afectivas com o mundo externo, os cartões pastel podem tornar-se particularmente difíceis de elaborar para estes sujeitos. Pode ocorrer uma sideração do processo associativo, a impossibilidade de constituir um continente que estabilize o percepto, podendo levar a respostas impressionistas, sem determinante formal (C, C'), o que dá conta da invasão do mundo interno e da incapacidade de transformação e simbolização.

A dificuldade em fazer face ao infinito e aos caos induzido pela ambiguidade das manchas, testemunho da intolerância à frustração, à não-coisa e à perda do objecto, conduz ao estabelecimento de relações continente-conteúdo simbióticas e parasitárias, que atacam e despojam a mente e a matriz do pensamento, preenchendo-as com objectos bizarros. Com efeito, nestes casos não é promovida a comunicação sujeito-objecto, dentro-fora, com a correlativa formação de verdadeiros símbolos, enriquecedores do mundo interno. Pelo contrário, o uso excessivo da identificação projectiva patológica acarreta o risco de esvaziamento, o que acentua a fragilidade narcísica e apaga o desejo do Outro, conduzindo aos caminhos inversos aos de Eros: a desertificação do mundo interno, a atracção pelo *Zero*, pelo *Nada*, o percurso nunca alcançado em direcção à morte psíquica.

3) Fracasso na capacidade de continuar a ser / Despersonalização e desrealização

Marques (1999/2001), citando Bion, refere que “*a experiência de continuidade se funda na invariância quer do objecto, quer da qualidade das ligações com ele estabelecidas*” (p. 205). Neste sentido, devemos atentar à constância, ou não, dos tipos de vínculos que o sujeito mobiliza no seu relacionamento com o objecto-Rorschach. Um dos modos de observar esta dinâmica é através da análise das respostas que o sujeito oferece no mesmo cartão e, principalmente, na mesma localização desse cartão. O fracasso na capacidade de continuar a ser verifica-se, assim, quando sobre a mesma localização são colocados objectos incompatíveis e/ou se estabelecem vínculos antagónicos (L e H, por exemplo). Assiste-se,

neste caso, a uma reversão do sentido e um ataque aos vínculos, que testemunham a descontinuidade da experiência emocional e as rupturas do processo associativo.

Outra forma de captar esta dimensão é através da análise do tipo de relação continente-conteúdo desenvolvida. No caso desta ser negativa, devido ao predomínio dos mecanismos de dispersão sobre os de integração e à relação parasitária entre os diferentes conteúdos mentais, o resultado poderá ser a constituição de localizações arbitrárias (Dd, Ddbl, Dd_bl), o fracasso da qualidade formal (F-, K-, Kan-) e a produção de objectos bizarros (despersonalização e desrealização). A descontinuidade do ser estará também subjacente nos momentos de perda do objecto e de invasão emocional não alfabetizada (C, C'), ou ainda nas descargas pulsionais destrutivas (Kob associado a conteúdos de explosão, desmoronamento, aniquilação ou fragmentação).

Se concebermos a sintaxe como o continente dos conteúdos verbais, as perturbações sintáxicas poderão dar conta de falhas na secundarização do pensamento e da correlativa dificuldade na constituição de um continente, devido ao impacto da vivência emocional despertada pelas manchas-Rorschach. Esta ocorrência aponta para uma emergência em processo primário (Shentoub, V., 1990/1999) que pode comprometer a relação com o real. Finalmente, a raridade/ausência de conteúdos ou de cinestésias humanas (H, K) pode remeter para a dificuldade do sujeito em se representar e identificar com a imagem humana. O fraco sentimento de pertença à espécie humana remete para a fragilidade da diferenciação e estabilização identitárias, assim como a profunda dificuldade no contacto relacional, podendo indiciar uma retirada do mundo humano em direcção ao Nada.

4) Predomínio do modo de ser simétrico sobre o assimétrico

Como temos vindo a assinalar, Matte Blanco (1975, 1981, 1988) defende que o que caracteriza a vida emocional são a infinitude e os conjuntos infinitos (simetria), sendo necessário que a função tradutora dote os conteúdos emocionais de assimetria, de modo a que estes possam ser tornados conscientes, pensados e elaborados. Transpondo esta concepção para o processo-resposta Rorschach, devemos conceber formas de observar o balanceamento entre simetria e assimetria desenvolvido para fazer face ao conteúdo emocional despertado pela mancha.

Uma das formas de verificar a assimetria do conteúdo emocional será através da análise do tipo de sucessão dos modos de apreensão no mesmo cartão. Se o sujeito fornecer várias respostas, do geral para o particular (G, D, Dd), se oferecer conteúdos ricos e diversificados, inferimos não só o desejo de conhecer o objecto (vínculo K), mas também a possibilidade de aprofundar e designar a sua experiência emocional. Pelo contrário, se há um predomínio de respostas globais e os conteúdos são pobres e repetitivos, assinala-se a dificuldade em investir na investigação e na nomeação das emoções e dos objectos.

Devemos prestar particular atenção aos conteúdos das respostas fornecidas pelo sujeito. Com efeito, devemos destacar se estes dão conta de classes/conjuntos (“aves” e “países”, por exemplo) ou de singularidades (“águia” e “Portugal”, por exemplo), sendo estas últimas mais dotadas de assimetria e constitutivas de um continente com fronteiras mais claramente delimitadas. Ao longo da sequência de respostas a cada cartão, é importante observar se o movimento parte, ou não, da simetria para a assimetria, assim como é relevante destacar a diversidade e os elos de ligação entre as classes a que os conteúdos pertencem. O predomínio das classes sobre as singularidades e a repetição de conteúdos pertencentes às mesmas classes ao longo do protocolo apontam para um predomínio da simetria sobre a assimetria, bem como para a correlativa dificuldade de designação da experiência emocional.

De suma importância será analisar a sequência das respostas nos cartões compactos, aqueles que favorecem uma apreensão global. Se o sujeito fornece no mesmo cartão mais do que uma resposta que engloba a totalidade da mancha, devemos investigar a natureza e as características dos conteúdos produzidos. A acção do princípio da simetria far-se-á notar se houver uma sobreposição ou um “arrastamento” das características do conteúdo da primeira para a segunda resposta. Mais dramáticas serão as respostas em que há confusão de reinos, confusão sujeito-objecto, dentro-fora, continente-conteúdo (G sincréticos, contaminados, confabulados), que para além de declararem uma profunda confusão emocional, denunciam uma clara problemática identitária.

Devemos igualmente atender ao tipo de verbalização do sujeito e se há oscilações da mesma ao longo do protocolo. A modificação abrupta do modo de expressão através da diminuição da verbalização, pode apontar para uma perturbação do processo associativo devido à dificuldade de significação dos conteúdos emocionais. A recusa constitui-se, neste

sentido, como a impossibilidade absoluta de comunicação, simbolização e designação, já que a acção da simetria provoca o bloqueio e a paragem do processo associativo.

5) Redução da dimensionalidade do espaço psíquico

Pensamos que pela da análise dos conteúdos das respostas-Rorschach poderemos inferir a dimensionalidade do espaço psíquico que a produziu, através do estabelecimento de um sistema de equivalências entre a dimensionalidade do conteúdo e a do espaço mental. Assim, impõe-se a determinação dos critérios que utilizaremos para classificar a dimensionalidade das respostas.

Unidimensionalidade – Serão assim classificadas as respostas que apresentem uma ausência de continente (C, C', E, Clob); as abstracções; os conteúdos mortos, destruídos, fragmentados ou qualquer outra forma que atinja a sua integridade (conteúdos explosão, por exemplo); as respostas que apresentem inadequação formal (F-).

Bidimensionalidade – Esta classificação é atribuída a respostas que desinem conteúdos planos e/ou sem espessura fantasmática, o que dá conta da dificuldade em destacar qualidades simbólicas e emocionais no objecto, impedindo a constituição de figuras íntegras e estáveis (F-, F+).

Tridimensionalidade – A resposta com esta característica deve designar objectos que têm atributos e interacções, inscrevendo-se na lógica da intersubjectividade (K+, Kan+). Também serão assim consideradas as respostas que apresentem profundidade e/ou conteúdos ricos e simbólicos (objecto total, representação do objecto, posição depressiva kleiniana).

6) Procura de estabilização identitária/Procura de continente

Com este parâmetro pretendemos destacar as passagens que se constituem como tentativas de recomposição face ao impacto emocional despertado pelas manchas. Estes movimentos assinalam os esforços adaptativos que visam, por um lado, estabilizar e

reorganizar a turbulência interna e, por outro, possibilitar a continuidade da comunicação com as manchas. Assim, tratam-se, sobretudo, de momentos em que a mancha (o objecto) é utilizada para assegurar a coerência do sujeito.

Podemos observar esta dinâmica de diversas maneiras, nomeadamente através do tipo de abordagem da mancha. As referências ao conteúdo manifesto (características estruturais e sensoriais), as banalidades (Ban), as tentativas de apreensão global associadas a determinantes formais (G F+) e/ou a elevação do G% dão conta de uma atitude passiva e conformista, da tentativa de não implicação subjectiva e, principalmente, da procura de um continente que assegure a delimitação das fronteiras entre o dentro e o fora. Do mesmo modo, o aumento das respostas com predominância formal (F% elevado) aponta para uma dependência do concreto e para um reforço dos contornos do objecto através da defesa pela realidade. As referências ao carácter simétrico das manchas têm igualmente o valor de estabilizar o percepto e promover a coesão interna do sujeito, favorecendo uma separação entre um e outro que possibilite a comunicação. Outra estratégia que visa o reforço identitário é a criação de imagens fixadas no eixo central do cartão (incluindo a base). A referência a conteúdos sólidos e resistentes tem o valor de assegurar a coesão do Eu. No entanto, devemos prestar uma cuidadosa atenção aos conteúdos que são colocados nesta localização, na medida em que a criação de objectos frágeis, abertos, ocos ou danificados remetem para o possível risco de invasão ou desagregação identitária.

A análise das cinestésias pode também oferecer indícios dessa procura de estabilização, nomeadamente através de temas de suporte ou anáclise (personagens juntas, presas, agarradas, pegadas, coladas, siamesas, em espelho). O investimento nos limites pode também ser observado nas respostas segunda pele (roupa, peles, tapetes, capas) e na constituição de objectos duros e opacos (máscaras, couraças). Pode também ocorrer uma procura de distanciamento entre o Eu e o objecto-mancha (que pode ser observado na sequência de respostas, como por exemplo “um insecto”, “o planeta Terra visto do espaço”), que visa, simultaneamente, fomentar a separação sujeito-objecto e promover a constituição de um continente. A manipulação do cartão, o aumento do tempo de latência, os silêncios, os movimentos de ampliação ou restrição do campo perceptivo que reenviam para uma procura de continente, o aumento das respostas de grande ou pequeno detalhe associadas a

determinantes formais (D, Dd F+ ou F+-), os comentários e as perguntas dirigidas ao examinador podem igualmente constituir-se como tentativas de recomposição.

Constituídos estes parâmetros de análise, procederemos de seguida à análise do protocolo Rorschach de um sujeito limite, procurando não só destacar as dimensões aqui estabelecidas, mas principalmente evidenciar a dinâmica psíquica que temos vindo a conceptualizar como sendo a actividade do buraco negro.

V - Apresentação do sujeito

O João, de 52 anos, é seguido no CAT das Taipas deste 1999 devido ao abuso de substâncias ilícitas. Iniciou os consumos de haxixe, cocaína e heroína durante a adolescência, nunca conseguindo abandoná-los completamente (teve períodos de abstinência de um ano no máximo). O seu pedido inicial consistia na paragem dos consumos e de apoio para encontrar emprego. Ao longo de nove anos teve três psicólogos e vários psiquiatras, mas nunca conseguiu organizar um projecto terapêutico consistente. Queixa-se de ser “*instável*” e “*revoltado*”, e de ter períodos em que se sente “*deprimido*”, “*cansado*” e “*vazio*”. Já teve duas descompensações psicóticas, tratadas em ambulatório.

O João é o mais novo de uma fratria de dois irmãos. Refere não gostar do irmão mais velho porque “*ele se acha superior*”, razão porque não se relacionam há alguns anos. O sujeito sempre viveu com os pais, nunca tendo manifestado vontade de sair de casa. Teve apenas uma relação amorosa, que mantém há vários anos, ainda que com várias interrupções, mas que é descrita pelo terapeuta do João como sendo muito conflituosa, oscilando entre a idealização e a hostilidade (episódios de agressão física de parte a parte). A sua mãe faleceu recentemente, o que o deixou “*desesperado, apesar de saber que ela já estava muito doente*”. Vive actualmente com o pai, matemático reformado, e passa a maior parte do tempo em casa. Refere não ter profissão, tendo apenas trabalhado ocasionalmente na construção civil.

Poucos meses após o falecimento da mãe do João, o seu terapeuta faz um pedido de avaliação psicológica no sentido de, por um lado, investigar défices de memória (o sujeito refere ter muitas “*brancas*” e não lembrar largos períodos do seu passado) e, por outro, clarificar o diagnóstico estrutural. A avaliação foi iniciada por uma psicóloga, mas o João não compareceu à última sessão, razão porque a conclusão da avaliação teve de ser adiada. Só seis meses depois foi possível finalizar o exame psicológico, que consistia apenas na aplicação do Rorschach. Como a psicóloga já não se encontrava em funções no CAT, ficou a nosso cargo a recolha do protocolo.

O João tem uma estatura média, é muito magro, tem o rosto envelhecido e com traços muito marcados. Contou que se sentia “*em baixo, sem vontade de sair de casa*”, e que só o faz porque tem que tomar metadona. Manteve uma postura desinteressada ao longo de toda a

sessão, revelando dificuldade em estabelecer contacto visual, embora não demonstrasse qualquer manifestação de ansiedade.

Na medida em que o nosso objectivo é o estudo de uma narrativa Rorschach segundo os procedimentos anteriormente estabelecidos, e não um estudo de caso, omitimos deliberadamente outras informações sobre o João.

VI - Análise do Protocolo

Cartão I

A entrada na situação desconhecida e disruptiva é vivida com alguma apreensão, o que pode ser depreendido pelo facto de o João apresentar o tempo de latência mais longo de todo o protocolo. Após esse período surge a primeira resposta - *“uma ave... a aterrar, ou seja, a poisar num sítio qualquer plano”* – reveladora da capacidade de diferenciação figura-fundo e do estabelecimento de uma relação continente-conteúdo geradora de sentido. A imagem produzida apreende a totalidade da mancha, é formalmente adequada (busca de um continente delimitador) ainda que um tanto indefinida (*“ave”*) e há atribuição de movimento. No entanto, uma leitura atenta permite verificar que o sujeito procura, isso sim, retirar o movimento do objecto (*“a aterrar... a poisar”*), o que nos leva a colocar a hipótese de um objecto interno instável e pouco permanente. É, então, ensaiado um movimento de captação e adesão ao objecto, interpretação que é reforçada quando o sujeito acentua que a ave se está a fixar *“num sítio qualquer plano”*. As palavras *“qualquer”* e *“plano”* referem-se, neste sentido, à necessidade urgente de assegurar a estabilização do objecto, de modo a permitir uma certa segurança interna. As referências ao carácter simétrico da mancha e dos humanos, assim como a pergunta dirigida ao examinador, podem ser entendidas enquanto uma procura de confirmação e apaziguamento no mundo externo para colmatar o sentimento de insegurança. Há, de facto, um movimento de afastamento do objecto mencionado e um forte apego ao manifesto, numa atitude de extrema vigilância e de defesa pela realidade que visa assegurar a distinção entre realidade e fantasia, sujeito e objecto (*“é quase uma simetria, exacta, exacta, exacta, 99%”*).

Uma vez fixado, o objecto é dotado de potência (*“asas exageradas”, “patas da frente”*) e torna-se ameaçador, razão porque é desvitalizado e desqualificado (*“não é um desenho real, é um bocado desfigurado”*). Há uma redução da dimensionalidade do espaço psíquico, que é observada pela passagem de um objecto tridimensional para bidimensional, tal como o *“sítio qualquer plano”* inicialmente anunciado. Vemos que a exploração do objecto o vai transformando e deformando, o que exprime a profunda dificuldade do sujeito ao nível da integração de uma representação corporal íntegra e coesa. O ataque aos vínculos do pensamento verbal é também notório na perturbação da sintaxe e na atribuição de

características bizarras ao objecto (“*não são as patas, são o leme*”). Fica claramente saliente a forma como o objecto, inicialmente investido, vai ficando desprovido de significado e coerência, devido à acção dos mecanismos dispersivos e de desinvestimento, representantes do buraco negro.

Na segunda resposta, com a devida precaução verbal (“*parece um pouco com um morcego*”), o sujeito acede à banalidade através de um movimento adaptativo. Observamos, no entanto, que através da identificação projectiva há um “arrastamento” das características do objecto dado na resposta anterior. De facto, no inquérito o sujeito refere que “*a ave é o morcego*”, o que nos dá conta da não elaboração da perda do objecto anterior, atribuindo as suas características ao “novo” objecto. Esta condensação leva à confusão de reinos (mamíferos-aves), e atesta a porosidade dos limites do Eu, que conduz a zonas de indiferenciação sujeito-objecto nas áreas em que a identificação projectiva tem lugar. Na passagem da primeira para a segunda resposta, assistimos a uma tentativa de assimetriação (da classe das aves para a singularidade morcego) dos conteúdos emocionais, mas as vagas de infinitude do modo de ser simétrico levam à inoperância da função tradutora. O precário balanceamento entre simetria e assimetria conduz a um movimento circular e esgotante, em que avançar é voltar ao mesmo lugar.

Em síntese, as respostas a este cartão anunciam as características frágeis e permeáveis da função continente, o estabelecimento de vínculos simbióticos com um objecto instável, bem como a correlativa dificuldade dos processos de simbolização para fazer face a um movimento interno de retirada da significação do Eu e dos objectos (expressão do instinto de morte?).

Cartão II

Após um curto tempo de latência, o João faz referência ao carácter simétrico do cartão, procurando, através do objecto externo, estabilizar a turbulência provocada pelo impacto da mancha. Esta desorganização é, desde logo, inferida pela perturbação sintáctica na sua alusão à simetria (“*Traçando uma linha perpendicular ao meio, é uma simetria em relação ao outro*”). As características do cartão, nomeadamente a sua configuração bilateral, o branco central e o vermelho, parecem provocar um forte sentimento de falta e de dano, o que

impossibilita a diferenciação figura-fundo, sujeito-objecto, e origina um movimento compensatório para colmatar a lacuna. É evocada a potência do “*jacto*” (que no inquérito passa a “*nave*” com “*bico*”) para preencher o “buraco negro” central, mas tudo à volta se desvanece face à sua força implosiva (“*o resto é gases*”). A porosidade da presença de fundo da identificação primária permite a libertação de vagas de infinitude, o que conduz à fragilização dos processos de integração e significação.

Na resposta seguinte, a reversão da função alfa leva à evacuação de um objecto bizarro. O sujeito tenta constituir um continente para organizar toda a mancha através de uma apreensão em G, mas o domínio dos mecanismos dispersivos e o poder de atracção do branco resultam na indiferenciação figura-fundo, na redução do espaço psíquico, bem como numa imagem de fraca qualidade formal. É clara a clivagem em relação à resposta anterior, assim como a relação parasitária entre os diferentes elementos – o objecto grande e forte (“*jacto*”) destrói (“*teve um desastre*”) o objecto pequeno, fraco e parcial (“*bico de uma ave*”). A dimensão do dano é assinalável, já que a acção do vínculo H ataca e despoja o sentido e a integridade do objecto (“*teve um desastre, aleijou-se e as asas estão completamente partidas*” [...] “*vermelho que é sangue, simboliza o aleijado*”).

Na terceira resposta (“*dois ursos a lutarem*”) assistimos a um movimento progrediente, através de uma secundarização do pensamento que permite a encenação de um relacional agressivo, deslocado para uma luta animal. Mas a agressividade face ao objecto (oral agressiva – “*boca aberta*”) conduz ao risco de con(fusão) e indiferenciação (ou será que o ódio é expressão do esforço de separação?), já que os ursos têm o “*focinho pegado*”. Assistimos, pois, a uma relação continente-conteúdo simbiótica, a uma estagnação do vínculo K, mas que ainda assim se constitui como um momento de recomposição em relação às respostas anteriores. A representação do Outro é possível, ainda que num clima paradoxal de anáclise e destruição, o que atesta a dificuldade do sujeito em actuar num espaço transitivo, bem como a precariedade das funções integrativas.

É interessante destacar que o sujeito organiza as três respostas a partir do Dd central, dando-lhe diferentes sentidos: como elemento de potência que visa a recusa da falta fundamental (“*bico da nave*”); como parte vital do objecto destruído, numa associação por consonância fonética com a resposta anterior (“*bico da ave*”); ponto de indiferenciação entre sujeito e objecto (“*focinho pegado*”). Esta sequência ilustra claramente a hipersensibilidade

ao material, os percalços dos processos de comunicação e significação (forte destrói fraco), e o compromisso possível (forte danificado em anáclise). A indiferenciação figura-fundo das duas primeiras respostas deu lugar à separação possível, a um aumento da dimensionalidade do espaço psíquico e à produção de um assímbolo (Dias, 2004), expressão crua do seu dilema existencial. As lacunas da presença de fundo da identificação primária perturbam a acção das funções alfa e continente, do que resultam as rupturas e as descontinuidades dos processos de significação (produção de objectos bizarros, fracasso na capacidade de continuar a ser). Mas revela que também é possível constituir alguma recomposição e reorganização através da adesão ao Outro.

Cartão III

Depois da habitual referência à simetria, característica da realidade objectiva que tem uma função estabilizadora e organizadora, o João faz a diferenciação figura-fundo e evoca uma representação relacional tridimensional (“*dois galos a tirar satisfações um ao outro*”). A imagem é formalmente adequada, mas o seu valor simbólico é claramente destrutivo: a luta de galos apela a um relacional hostil, um combate que termina com a morte do outro, em que um destrói o outro. A violência desta vivência emocional, possivelmente despertada pelo carácter bilateral do cartão e pela presença do vermelho, conduz à desvitalização da imagem (“*é um desenho figurativo*”). A não integração dos conteúdos emocionais agressivos (“*bico*” – referência oral agressiva) fica patente nos isolamentos do vermelho (“*crista está fora da cabeça*”, “*os dois corações até saltaram derivado da situação*”), o que nos dá conta, por um lado, das lacunas na constituição de uma representação corporal íntegra (confusão dentro-fora, dispersão dos elementos constituintes, ausência de corpo no inquérito) e, por outro, da desorganização provocada pelo impacto do relacional. Houve, assim, uma redução do espaço psíquico (bidimensional), bem como uma inoperância da função alfa na organização de uma representação coesa e dinâmica.

Na resposta seguinte, o sujeito restringe o campo perceptivo e procura explorar os detalhes não abordados na resposta anterior. O clima de desvitalização mantém-se, é imposto um distanciamento em relação ao objecto, bem como há a procura de uma referência estabilizadora (“*o nosso planeta*”) através da intelectualização e da constituição de um

continente. No entanto, partindo de uma imagem formalmente adequada (*“Itália”*), ao tentar articular os diferentes elementos da mancha acaba por produzir um objecto bizarro (justaposição de detalhes). O impacto da resposta anterior levou à reversão da função alfa, que operou uma compactação e condensação do objecto, provocando um sentimento de estranheza em relação às características por ele assumidas (*“distorcido”, “está maior, não está na proporção”, “deslocada, está mirrada”*). Vemos, portanto, que apesar da tentativa de estabelecimento de um continente, as suas fronteiras permaneceram fluidas e instáveis, perturbadas pela violência dos conteúdos emocionais não transformados/significados. A não elaboração do fantasma de destruição evocado na primeira resposta, conduziu a um movimento regrediente, à evacuação de um objecto bizarro na resposta seguinte.

No inquérito de limites assistimos à profunda dificuldade do João em constituir e integrar uma representação do humano. Para além da restrição do campo perceptivo que anula o relacional, o sujeito organiza a percepção a partir de um detalhe inibitório, produzindo uma imagem parcial, deformada, assexuada e atingida na sua integridade (*“cabeça, pescoço exagerado, tronco... um braço com a mão metida para dentro, aqui não vou dizer corcunda mas com um braço assim torcido. É só meio corpo”*). A explicitação dos detalhes sem a enunciação do objecto descrito, releva o seu carácter instável, transformacional e em risco de desaparecer, interpretação que é confirmada pela resposta adicional *“a cara de uma pessoa”*. Porque no inquérito de limites a figura *“não tem parte de baixo”*, não tem o suporte ontológico da presença de fundo da identificação primária, o branco exerce o seu poder de atracção, criando um movimento regressivo em direcção ao Nada, ao vazio. E é aí, num Ddbl insólito adjacente à *“cabeça”* da figura deformada, que o sujeito procura recuperar os traços do objecto parcial, a mais precoce representação do humano, apegando-se às características que permitem a sensorialidade (*“nariz, olhos, boca aberta”*). Persiste, pois, o que é de mais sensorial, já que o contacto, a contenção, o *handling* e o *holding* não foram *“suficientemente bons”* para assegurar a sustentação e a significação da continuidade do ser.

Cartão IV

Após um ligeiro aumento do tempo de latência e da referência estabilizadora à simetria, o sujeito procura apreender a totalidade da mancha através da constituição de um continente e do reforço dos limites (“*um tapete de pele de urso*”). Há um reconhecimento do simbólico latente do cartão, através da designação de animais potentes (“*urso*”, “*leão*”) e agressivos, mas esta potência tem de ser anulada, sendo transformada em passividade com requintes de sadismo (“*aberto*”, “*está morto*”). Retirando a vida, a espessura e a dimensionalidade ao objecto, talvez assim este possa servir de segunda pele, de reforço a uma barreira de contacto porosa e inoperante. No entanto, não tendo encontrado um continente que o elaborasse e significasse, o afecto depressivo - despertado pelo negro e revelado pela referência à morte – teve que ser negado, clivado e evacuado pela identificação projectiva patológica. A segunda resposta (“*caraças de Carnaval*”) traduz a defesa maníaca que recusa a dor, ao mesmo tempo que introduz um elemento de disfarce e reforço de protecção. Mantém-se o clima de desvitalização e de falta de dimensionalidade, mas o bloqueio dos processos de significação resulta em ruptura do contacto com a realidade.

Na terceira resposta assiste-se a uma tentativa de recomposição através do recurso a defesas rígidas (isolamento e intelectualização). Introduzindo um impressionante distanciamento em relação ao objecto, o sujeito procura constituir um continente e assegurar os limites (“*continente, continente africano*”). Mas o desespero por encontrar o conhecido resulta numa localização arbitrária, bem como em fraca qualidade formal (“*Portugal... vamos chamar-lhe uma caricatura de Portugal*”). A distância introduzida na passagem da “*máscara*” para o “*continente africano*” foi demasiada, tornando-se inutilizável porque o objecto se perde (“*uma sombra*”). O objecto vai diminuindo até que resta apenas o negativo do negativo, com agravamento da dor. Apesar da tentativa de constituição de um continente que contivesse a totalidade da mancha, o sujeito não conseguiu fixar e organizar o objecto, restando apenas os seus contornos, “*sombra de árvore*” que ameaça abater-se sobre o Eu.

Ficam patentes as fragilidades da função contentora do conteúdo e a acção dos mecanismos de desinvestimento, que anunciam o risco de perda do objecto e fazem vislumbrar o território da miséria melancólica – o império do buraco negro.

Cartão V

A entrada neste cartão fica marcada pela angústia importada do cartão anterior. Quase de imediato surge a resposta “*um vampiro*”, que é rapidamente denegada e, no inquérito, “desrealizada” (“*é animação, não é real*”). Constituída a diferenciação figura-fundo, o sujeito estabelece uma relação continente-conteúdo negativa que resulta numa equação simbólica, num mau objecto. De seguida procura recuperar através de um movimento adaptativo que, simultaneamente, permite o acesso à banalidade (“*um morcego*”) e oferece uma referência mais viva e realista. No entanto, a tentativa de assimetriação do conteúdo emocional da primeira para a segunda resposta, levou também a um aumento da simetria: na mesma localização, os dois objectos são dotados de inúmeras características comuns, associadas a um simbólico oral, agressivo, depressivo e/ou persecutório. Não elaborada a perda do primeiro objecto, o segundo objecto é investido dos mesmos atributos através da identificação projectiva. A “*forma exacta*” do “*morcego*” constituiu-se como o continente possível, ainda que rigidificado e empobrecido. A referência à simetria procura estabilizar e fixar a imagem.

Ambas as respostas são uma representação directa de si e do duplo-registo do seu funcionamento: um lado destrutivo e parasita que é a negação da dimensão sobrenatural da dor (“*vampiro*” – buraco negro), e um outro lado necessitado, exposto e vulnerável (“*um morcego completamente aberto*”). E é este último que prevalece na derradeira expressão – “*Estou com pouca imaginação*”.

Cartão VI

Após um aumento do tempo de latência, o sujeito centra-se no D central superior e evoca uma imagem de potência (“*um foguetão a partir para a lua*”). Esta associação pode ser vista como tendo implícito um simbolismo sexual (foguetão masculino e lua feminina), mas também uma forte dimensão destrutiva, já que a “*explosão*” da resposta seguinte sugere uma relação continente-conteúdo parasitária, em que o conteúdo “*foguetão*” destrói o continente “*lua*”. A difícil integração e elaboração dos impulsos sexuais e agressivos parecem apontar, pois, para a fragilidade a função continente e para a densidade beta da ideia do sexual. Na passagem da primeira para a segunda resposta, assistimos a uma redução da

dimensionalidade do espaço psíquico (de tri para unidimensional), devido à descarga pulsional resultante da impossibilidade de significação.

Na terceira resposta (“*um riacho, um rio*”), antecedida pela referência estabilizadora à simetria, o João procura o reforço identitário focando a percepção no eixo central do cartão. Apesar da tentativa de aumentar o objecto, que de “*riacho*” passa a “*rio*”, os seus limites permanecem fluidos e instáveis. A indiferenciação figura-fundo e a inclusão do branco no eixo central do cartão apontam para uma dimensão carencial, uma falta interna, uma lacuna na presença de fundo da identificação primária que exerce uma influência nefasta. De facto, tal como é explicitado no inquérito, “*as margens estão quase a juntar-se*”, o que pode significar o risco de esmagamento e de desaparecimento do Eu. O eixo central é vivido como uma linha de união (“*rio*”) e de separação (“*margens*”), não se constituindo tanto como um elemento de reforço, mas sim como um movimento de contracção e fechamento do Eu.

Segue-se uma tentativa de recomposição, ainda no eixo central (Dd), através da encenação de uma representação relacional agressiva prontamente denegada. A oscilação entre duas interpretações tem o valor de retirar a dimensão de perigo que a “*águia*” podia conter. Mas os “*papagaios*”, aqueles que repetem indefinidamente palavras sem sentido, não conseguiram permanecer, sobrepondo-se as “*duas águias*” no inquérito. Nota-se, também, a acção do princípio da simetria através da generalização e da equivalência entre relação e agressão (“*Quando dois animais estão frente a frente é para lutar*”). No entanto, apesar do perigo, a relação narcísica é o apoio indispensável, embora com grandes custos. No inquérito o objecto fica parcial: sem bico, asas ou patas, as águias ficam imobilizadas, podendo então permanecer “*frente a frente*” com menor inquietação. O Outro é fundamental mas temido e, porque correlativo de si, sempre insuficiente e faltante. A estagnação do vínculo K tem aqui a sua expressão.

De destacar que o sujeito não conseguiu constituir um continente que englobasse a totalidade da mancha, pois a violência dos conteúdos emocionais despertados não encontrou uma função alfa operante e transformadora. A solução foi o movimento progressivo de restrição do campo perceptivo e a centração no eixo do cartão, culminando na procura de suporte através da relação especular, onde a ameaça de dano retira o sentido do objecto, parcializando, imobilizando e destituindo os seus atributos e interacções.

Cartão VII

O João inicia a abordagem ao cartão com um comentário revelador – *“Não sei por que é que me está a dar para a geometria, não, geografia”*. De facto, ambas as disciplinas têm surgido recorrentemente nos conteúdos das suas respostas, numa espécie de compulsão à repetição que procura localizar, estabilizar e promover a coerência possível do sujeito face às manchas. Associadas normalmente a mecanismos rígidos (isolamento, intelectualização), as referências à simetria e os conteúdos geográficos procuram, essencialmente, a captação e a fixação do objecto, bem como tornar a mancha num objecto conhecido.

Procurando restringir o campo perceptivo e anular o relacional, o João imprime uma distância em relação à mancha e procura encontrar um continente organizador. Mas uma vez mais a distância foi demasiada, já que não conseguiu integrar os diferentes conteúdos de uma forma coerente (*“Portugal, Espanha, França” [...] “mas estão separados”*). A imagem tem fraca qualidade formal e reduzida dimensionalidade, testemunhos de uma relação continente-conteúdo negativa e do fracasso dos processos de significação. A reversão da função alfa leva a que, na resposta seguinte, seja evacuado um objecto bizarro (*“uma cloaca”*). Saliente-se que este conteúdo não alfabetizado é colocado na base do cartão (eixo central inferior), o que pode dar conta da porosidade da presença de fundo da identificação primária.

Esta interpretação é reforçada quando, na resposta seguinte, depois da referência à simetria, o sujeito se fixa no Dbl central e faz uma inversão figura-fundo. O conteúdo regressivo *“lagoa”* foi o continente possível de constituir, embora os seus contornos sejam frágeis e indefinidos. A angústia face ao Nada conduz à procura de reforço identitário através da resposta *“rocha”*, que no inquérito surge no plural. Organiza, assim, um continente extremamente rígido (embora com limites *“irregulares”*) que é colocado na base do cartão (D inferior), de forma a evitar o risco de desagregação. Mas no inquérito o João refere que *“as rochas... estão sempre a ser mudadas pelo vento, pela erosão, a areia também bate lá”*, o que dá conta da brutalidade do contacto objectal, assim como da sua profunda vulnerabilidade e hipersensibilidade. As vagas de sem sentido que perpassam a presença de fundo da identificação primária (*“água”* da *“lagoa”*) ameaçam a continuidade do ser, porque a água mole em pedra dura tanto bate até que fura (*“o vento leva a água e ela bate nas pedras e parte as rochas”*).

Salientamos a predominância dos mecanismos dispersivos que, através de sucessivas clivagens (grande-pequeno, mole-duro), impedem os momentos de integração e reunião. Observa-se que a barreira de contacto está em dificuldades face à invasão da experiência emocional não transformada, tornando-se ora excessivamente rígida e compactadora, ora absolutamente volátil. Finalmente, sobressai um clima de desvitalização ao longo de todo o cartão (cujo simbólico latente apela ao materno), o que sugere a fraca interiorização e/ou o desinvestimento da identificação à função continente materna/objecto primário.

Cartão VIII

Fazendo imediatamente referência ao carácter simétrico da mancha, o sujeito procura estabilizar e regular o impacto emocional despertado pela introdução dos tons pastel. Destaca a figura do fundo, estabelece uma relação continente-conteúdo adaptativa e acede à banalidade, ainda que os contornos do objecto sejam ambíguos (“*um animal*”). O relacional é evitado, já que o João se assegura que cada objecto fica “*de cada um dos lados*”. Através do isolamento pretende fixar os objectos que estão a “*subir*” e que, no inquerito, não têm corpo (“*o focinho, olho, patas, cabeça e rabo*” – temática anal).

O João faz referência ao conteúdo manifesto (“*muita cor*”) e afasta o cartão, procurando não só aumentar a distância entre sujeito e objecto-Rorschach, mas também constituir um continente que significasse a totalidade da mancha. Mas a magnitude da experiência emocional impossibilitou a acção da função tradutora, que não conseguiu dotar o objecto de assimetria e de características espaço-temporais. O predomínio do modo de ser simétrico é corolário da invasão de emoções não transformadas, que resultam numa abstracção (“*vida*”) e numa ausência de continente. Afirmando que a cor “*simboliza a vida, dá ideias, dá pensamento*”, procura negar a sideração do processo associativo, a morte da significação decorrente da inoperacionalidade da função alfa. O ataque aos vínculos do pensamento verbal vai conduzir a que o sujeito passe a dar apenas um substantivo por resposta a partir daqui. A introdução dos tons pastel revelou, uma vez mais, as rupturas do processo associativo, o predomínio da dispersão sobre a integração, bem como o esvaziamento da dimensionalidade do espaço psíquico.

Cartão IX

Depois de fazer a habitual referência à estabilizadora simetria das manchas, assistimos uma vez mais à introdução de distância face ao objecto. A resposta “*países*” assinala a busca de um continente delimitador (“*Europa*”), mas a instabilidade das suas fronteiras impede a designação do conteúdo (“*vejo vários países*”). O isolamento e a intelectualização tentam impedir sem êxito o movimento regressivo que se instala a seguir. Percorrendo o cartão de cima para baixo, as respostas são organizadas a partir das cores, na medida em que estas últimas remetem para a realidade. Na segunda resposta o sujeito não consegue estabelecer a diferenciação figura-fundo, pelo que o conteúdo regressivo “*água*” não encontrou um continente contentor. Talvez por isso, e tendo em conta a solicitação simbólica do cartão, o sujeito se refira à dimensão vital do objecto para a sobrevivência do próprio (“*a água é uma coisa que para mim tem muita importância, é algo que eu não esqueço, é o mais importante da vida*”).

Na terceira resposta observamos uma mudança na localização, novamente organizada a partir da cor (“*fogo*”), mas mantém-se a impossibilidade de constituir um continente com limites estáveis e sólidos. A clivagem em relação à resposta anterior é evidente, bem como a relação parasitária entre os diferentes conteúdos. Entra em acção o buraco negro, que destrói os vínculos e reverte o(s) sentido(s) do pensamento: não só o “*fogo*” evapora a “*água*” como a “*água*” apaga o “*fogo*” - este último alastra até cima, destruindo a representação que restava dos “*países*”. Este clima de incoerência, ainda que inconsciente, é ressentido pelo João – “*Não me sai nada de jeito*”.

Neste cartão observamos a sensibilidade directa ao material, a falha radical da função continente, a anulação da dimensionalidade do espaço psíquico, bem como os movimentos de desligação e de desinvestimento do objecto, que assinalam a precariedade dos limites do Eu e acentuam o risco de perda de coesão identitária.

Cartão X

Depois de fazer referência à simetria e à cor, o João acede à banalidade isolando os D laterais azuis. Os “*caranguejos*” têm o valor de reforço dos limites (são animais com couraça) e, ao mesmo tempo, constituem uma tentativa de fixar um ponto de referência para fazer face

ao brutal distanciamento que vai ser introduzido na resposta seguinte. Passando do infinitamente pequeno (“*caranguejos*”) para o infinitamente grande (“*planetas*”), o sujeito procurou constituir um continente que integrasse a dispersão dos elementos da mancha. Mas a acção do princípio da simetria impede a diferenciação dos diferentes elementos da mancha, sendo estes últimos tratados como iguais (generalização).

Assiste-se, depois, a uma tentativa de aproximação e unificação do objecto, através de uma sucessão de respostas globais que visam conter a dispersão. No entanto, o fracasso é absoluto, na medida em que o predomínio dos mecanismos dispersivos impede a constituição de objectos vivos, estáveis e claramente delimitados (“*países*”). Sendo sempre a cor a organizar a percepção, o sujeito vai designando diferentes objectos nas mesmas localizações, o que acentua a sua mutabilidade e o risco de perda. Segue-se o retraimento com elevado dano corporal (“*os nossos órgãos quando estão bons funcionam de uma maneira, quando estão maus estão de outra maneira, diferem na cor e no aspecto*”), mantendo-se a impossibilidade de integração, comunicação e significação. A acção do buraco negro conduz a que os iniciais “*planetas*”, que depois foram “*países*” e “*órgãos*”, vão reduzindo até desaparecer (“*música*”).

A última resposta é organizada a partir de uma imagem formalmente adequada no eixo do cartão (“*auscultadores*”), mas todo o resto da mancha assume características fluidas e sensoriais (“*música e efeitos de luzes... várias formas e cores, movimentos*”). A hipersensibilidade à experiência da aleatoriedade fica manifesta nesta imagem de fusão e interpenetração, em que cada som produz um padrão caótico no ecrã do “*computador*”. O apego a estes elementos sensoriais aponta para uma busca de apaziguamento no meio externo, já que a auto-regulação simbólica é claramente ineficaz face à invasão emocional. As respostas a este cartão dão conta de um espaço psíquico uni e bidimensional, da falta de distância útil entre sujeito e objecto, da porosidade da barreira de contacto e da acção implacável dos mecanismos dispersivos e de desinvestimento, que despojam o sentido e a coerência do Eu e dos objectos.

Como que num movimento em espiral descendente, o João termina o protocolo tal como começou: a “*ave a aterrar num sítio qualquer plano*” é, agora, a imagem irreconhecível no ecrã plano do computador, ave cuja representação já foi destituída de sentido, aspirada pelo buraco negro, restando apenas o seu vislumbre e o seu canto (“*música*”), o “qualquer

coisa” de sensorial que permite preservar o contacto com o real – o reflexo desapassionado de Narciso nas águas turvas do rio. Encontramos, agora, um sentido possível para o facto de o sujeito fazer referência à simetria das manchas em todos os cartões, que se prende com a necessidade vital de colocar a realidade a duas dimensões, para assim a poder captar e fixar, já que é difícil constituir a lógica da temporalidade, da diacronia e da intersubjectividade (tridimensionalidade). As tentativas de assimetria dos conteúdos emocionais conduziram igualmente ao aumento da simetria, o que levou à confusão e inclusão de classes (cartão I), à sobreposição do princípio do não-contradição (cartões IX e X), ao predomínio dos mecanismos de dispersão sobre os de integração – a perda progressiva de significação.

Finalmente, ao longo do protocolo destacamos a presença do princípio do duplo-registo aplicado ao instinto de morte (Grotstein, 1999): o seu aspecto comunicativo que opera enquanto significante semiótico, e que oculta o pedido de socorro de um estado interno de desamparo, impotência e insignificância (as referências à simetria, os conteúdos geográficos, os conteúdos de anáclise, as tentativas de captação e fixação dos objectos, o reforço dos limites do continente, o apego ao material e ao sensorial); a sua dimensão destrutiva e entrópica, representada pelo buraco negro, que conduz ao esvaziamento e ao fracasso da capacidade de continuar a ser (a invasão emocional, a ausência de cinestésias ou conteúdos humanos íntegros, a perda do objecto, a reversão da função alfa, as falhas de adequação formal, os vínculos parasitários, as ausências de continente, a produção de objectos bizarros e anulação da dimensionalidade do espaço psíquico). Parece-nos que os mecanismos de defesa (nomeadamente os rígidos) se vão desgastando ao longo do protocolo, e que na fase de inquérito a acção do buraco negro é bastante mais saliente e avassaladora, destituindo o sentido das produções que, na aplicação espontânea, continham um valor mais adaptativo.

VII - Discussão dos resultados

Tendo em conta o protocolo analisado, devemos agora discutir os seus aspectos mais salientes de acordo com os parâmetros estabelecidos aquando dos procedimentos. Relativamente à integridade da presença de fundo da identificação primária, constatamos que essa se encontra fortemente ameaçada, tanto pela pressão das vagas de sem sentido não transformado pela função alfa, como pelos percalços da relação com o objecto.

Em primeiro lugar, devemos observar as respostas aos cartões que apelam directamente à representação de si. Nos cartões I e V assistimos a um movimento semelhante, em que são dadas duas respostas em G de boa qualidade formal, embora a segunda resposta seja dotada dos mesmos atributos que a primeira. Ainda que haja um movimento adaptativo que permite o acesso à banalidade, a perda do primeiro objecto não foi elaborada, e a identificação projectiva investe o segundo objecto com características associadas a um simbólico oral, agressivo e/ou depressivo (“*morcego*”), o que denuncia desde logo uma perturbação dos limites do Eu. No cartão IV esta problemática é exacerbada, o que é observável através das duas respostas que visam o reforço da protecção (“*tapete de pele de urso*”, “*caraças de Carnaval*”), seguidas de uma procura de distância entre sujeito e objecto que culmina com a perda deste último (“*uma sombra*”). Fica patente a dificuldade ao nível da captação e do manuseamento do objecto, que se apresenta frágil e em risco de desaparecer, arrastando consigo a perda do Eu. Este tema está também presente no cartão VI, já que o sujeito não consegue organizar uma resposta que integre a totalidade da mancha: depois de estabelecer um vínculo parasitário entre as partes superior e inferior da mancha (“*um foguetão a partir para a lua*”, “*uma explosão*”), o João fixa-se no eixo central e reafirma o perigo de desaparecimento (“*um riacho, um rio... as margens estão quase a juntar-se*”), mas consegue recompor-se recorrendo a uma relação narcísica. As respostas aos cartões unitários dão conta de uma procura de continente e de delimitação entre sujeito e objecto ($\uparrow G\% = 46,9\%$), mas revelam uma identidade ameaçada, uma imagem corporal pouco coesa e negativamente investida, bem como a fraca constituição de um espaço interno com potencialidades criativas e transformadoras.

Devemos agora prestar atenção à forma como o João reage ao branco presente nos cartões. De facto, o sujeito apresenta uma sensibilidade particular a esta cor (são cinco as

respostas que integram o branco e/ou fazem inversão figura-fundo ao longo do protocolo), nomeadamente nos cartões que apresentam uma marcada lacuna intermacular no eixo central do cartão (cartões II, VII e IX). Assim, no cartão II, a primeira resposta procura colmatar a lacuna central, preenchendo-a com um objecto duro e potente (“*um jacto*”), o que conduz à pulverização do resto da imagem (“*gases*”). As emanações do sentimento de dano e destruição resultam numa segunda resposta em G, mas de fraca qualidade formal e sem que se constitua uma diferenciação figura-fundo. O objecto parcial “*bico da ave*” que “*teve um desastre*” e tem as “*asas completamente partidas*” é, portanto, um objecto bizarro e sem sentido, que emergiu da turbulência para se constituir como insubstância e entupir a força aspiradora do buraco negro. Na terceira resposta assistimos a um movimento progrediente que permite alguma recomposição através da relação anaclítica. As três apreensões globais neste cartão (duas com integração do branco) parecem apontar para a reactivação de fantasmas ligados a uma problemática pré-genital, associada a uma relação precoce vivida como simbiótica e/ou destrutiva.

No cartão VII, depois de duas respostas de fraca qualidade formal (e de colocar o elemento beta “*cloaca*” na base do cartão) o sujeito opera uma inversão figura-fundo e destaca o conteúdo regressivo “*lagoa*”, cujos limites são fluidos e instáveis, donde insuficientemente seguros. Daí que, na resposta seguinte, a “*rocha*” venha tentar assegurar a solidez, embora sem sucesso, na medida em que prevalece o movimento desagregador (“*estão sempre a ser mudadas pelo vento, pela erosão... O vento leva a água e ela bate nas pedras e parte as rochas*”).

No cartão IX mantém-se a dificuldade em conferir limites estáveis e precisos aos objectos, sendo a resposta “*água*” um exemplo paradigmático. Uma vez mais o sujeito não consegue fazer a distinção figura-fundo, nem tão-pouco promover alguma reorganização face à falta de estruturação do material. Pelo contrário, assistimos à acção dos mecanismos de clivagem e de ataque aos vínculos que vêm acentuar a incoerência e a dispersão (“*água*”, “*fogo*”, “*não me sai nada de jeito*”). Salientamos que as respostas nestes três cartões se inscrevem num registo arcaico, o que dá conta da força da ressonância do simbólico latente das manchas (materno pré-genital) e da incapacidade da mente do sujeito para as organizar e significar.

Ao concebermos o fundo branco dos cartões como a presença de fundo da identificação primária, constatamos que esta não se constitui como uma referência estabilizadora e organizadora. Para além do facto de o João criar três imagens que não operam uma diferenciação figura-fundo (respostas 4, 17, 26), e que expressam a dificuldade em constituir-se como claramente separado do material, observamos que o branco exerce um forte poder de atracção e introduz um importante movimento desorganizador. A cor branca reactiva o sentimento de falta e impotência, o que resulta ora em descargas destrutivas (cartão II – “*jacto*”, ave mutilada), ora na ausência de contenção formal associada a conteúdos regressivos (cartão VI – “*rio*”; cartão VII – “*lagoa*”; cartão IX – “*água*”). Ambos os movimentos são consequência da acção regressiva do buraco negro e do princípio da simetria que, por um lado, tendem a fundir elementos distintos e a impossibilitar a formação de um continente (repare-se como a sequência “*rio*”, “*lagoa*” e “*água*” obedece a esta lógica) e, por outro lado, através da voracidade e da inveja, tendem a compactar, condensar e fragmentar os objectos (salientam-se as seis respostas Kob ao longo do protocolo).

Ao nível da sua expressão no Rorschach, o poder de atracção do branco, do Nada e do buraco negro ficam patentes na dificuldade de manutenção de imagens tridimensionais, na constituição de objectos bizarros (F-), nas descargas pulsionais intensas que resultam na danificação dos conteúdos (Kob, F-), na invasão emocional (C, C’), no estabelecimento de vínculos parasitários entre os objectos e, principalmente, num movimento avassalador que se instala como uma contracorrente, e que visa destituir de significado os sentidos que foram sendo possíveis de comunicar ao longo da aplicação do protocolo.

Todos estes elementos sugerem uma fraca interiorização e identificação à função continente materna, bem como a precária constituição de um espaço psíquico que permitisse a comunicação, transformação e significação das experiências emocionais. Observamos um claro predomínio dos mecanismos de dispersão sobre os de integração, o que dificulta a organização de um continente. A barreira de contacto oscila entre a extrema rigidez e a completa permeabilidade, o que faz com que os conteúdos sejam sentidos de forma violenta, levando à “explosão” do continente e/ou ao aumento da identificação projectiva patológica.

O protocolo analisado mostra claramente que, para o João, o objecto é traumático, porque o inscreve num conflito insolúvel entre angústia de intrusão e de separação. É bastante evidente a sua dificuldade em manter uma distância útil entre sujeito e objecto,

oscilando entre a máxima extensão que conduz à perda (cartão IV – “*uma sombra*”; cartão VIII – “*vida*”; cartão X – “*música*”) e o embate violento (Kob, Kan associadas a conteúdos agressivos). A procura de distanciamento é observável através de movimentos de redução ($\downarrow D\% = 37,5\%$) e ampliação ($\uparrow G\% = 46,9\%$) do campo perceptivo, na manipulação dos cartões, na insistência nos contornos e na procura de fronteiras (seis conteúdos Geografia ao longo do protocolo).

Nos cartões que apelam à representação das relações, o sujeito revela que o Outro é sempre um perigo, como aliás sintetiza num comentário no cartão VI (“*Quando dois animais estão frente a frente é para lutar*”). No cartão II, e na sequência de um movimento progrediente, é encenada a representação de uma luta animal, mas os “*dois ursos*” estão unidos pelo ódio, já que têm “*o focinho pegado um ao outro*”. Será que a sustentação do “*dois*” só é possível pelo vínculo H? Também no cartão III os “*dois galos*” estão “*a tirar satisfações um ao outro*”, o que seguidamente conduz à desvitalização e desagregação da imagem. O mesmo se passa no cartão VI (ainda que este cartão seja compacto), quando as iniciais “*duas águias ou dois papagaios a lutarem*” são, depois, colocadas “*frente a frente*” e parcializados (“*só mais a cabeça e o tronco*”). No cartão VII o relacional é evitado e no VIII cada “*animal*” é isolado. Parece, pois, que enquanto a agressividade é afirmada os objectos permanecem mais íntegros e diferenciados, sobrepondo-se depois uma corrente que anula não só o conflito mas também o sentido e a coerência dos objectos.

A hipersensibilidade ao contacto objectal pode ser notada através da análise dos determinantes, onde se destacam as seis respostas Kob (descargas pulsionais violentas) e as três respostas C (invasão e impossível contenção emocionais). É de destacar a forma como o João abordou os tons pastel, já que a oscilação entre respostas C e Kob pode apontar para a possibilidade de passagem ao acto com o exterior. Mas qualquer ataque será também um pedido de socorro, já que a falta de amortecedores/significadores internos faz com que qualquer toque seja sentido como uma colisão, o que acentua a dor e a fragilidade. Talvez por isso o João não consiga dar outra representação relacional que não a agressiva, porque a vida se confundiu com um combate que sabe não poder vencer, o que lhe agrava a solidão e o desespero. A última resposta do protocolo ilustra claramente a sua susceptibilidade à experiência da aleatoriedade e a forma sensorial (beta) como esta é vivida (“*música... efeitos de luzes... várias formas e cores, movimentos*”). É este excesso de elementos sensoriais não

transformados que se torna intolerável para a mente e conduz à expulsão via identificação projectiva, levando à avaliação irrealista dos outros (transformados em agressores), assim como ao esvaziamento e empobrecimento psíquicos.

No que diz respeito ao fracasso na capacidade de continuar a ser, este está subjacente ao que já foi mencionado relativamente ao tipo de vínculos estabelecidos nas relações continente-conteúdo. Os vínculos parasitários que conduziram à reversão da função alfa nos cartões II, III, IV, VI, VII e IX, o movimento de retirada de sentido que é claramente saliente na fase de inquérito (e que se constitui como a expressão da actividade do instinto de morte), assim como os momentos de perda do objecto, são as manifestações mais evidentes das rupturas e descontinuidades que perturbam a narrativa existencial do João. De facto, as perturbações sintáxicas presentes nos cartões I e II testemunham precisamente que há momentos em que o processo primário invade e desorganiza o processo secundário, impedindo a continuidade dos processos de significação.

No entanto, o aspecto que melhor clarifica a dificuldade em sustentar a continuidade do ser é o baixo valor do índice F+% (50%). Estas falhas perceptivas, não compensadas pelo F+% alargado (61,4%), sublinham o desinvestimento que o sujeito faz da realidade, bem como a inoperância dos seus mecanismos defensivos para organizar a experiência emocional. Refira-se que, por vezes, estas falhas na qualidade formal se inscrevem numa procura de orientação, como quando o sujeito recorre a localizações arbitrárias para ajustar a mancha a um objecto conhecido (cartão III – “*o nosso planeta ao nível da Itália, Europa e África*”; cartão IV – “*Portugal... vamos chamar uma caricatura de Portugal*”; cartão VII – “*Portugal, Espanha, França*”).

Outro factor que contribui para o preocupante valor do F+%, prende-se com a dificuldade em atribuir limites sólidos e estáveis aos objectos, o que é correlativo da precariedade dos limites do Eu (cinco respostas F+-, três respostas C, uma C'F). Ainda que o valor do F+% alargado seja relativamente superior ao F+%, o que poderia sugerir que outros factores ajudam a sustentar a adequação do sujeito à realidade, vemos que é através do estabelecimento de relações agressivas e narcísicas, deslocadas para conteúdos animais (quatro respostas Kan), que essa ligação se mantém. O Outro é, portanto, o apoio indispensável, ainda que seja sempre sentido como perigoso e frustrante.

Finalmente, destacamos a ausência de conteúdos humanos inteiros e realistas (apenas um (H) ao longo da aplicação espontânea), bem como de cinestésias humanas (K). A resposta “*vampiro*” no cartão V é talvez o melhor exemplo da transformação maligna que o João está a sofrer, e que decorre da sua identificação ao buraco negro – a venda da alma às forças das trevas (Grotstein, 1999), a perda dos vínculos empáticos com a representação e o sentido de pertença da espécie humana, em troca de uma existência revertida e parasita na sombra do mundo relacional. A recusa da dor sem nome fomenta a expansão desta dimensão do seu funcionamento, o que vai fragilizando ainda mais o seu lado carenciado, que se vê obrigado a renunciar progressivamente às suas necessidades humanas e a instituir uma lógica de sobrevivência psíquica que, paradoxalmente, pode conduzir à extinção pessoal. Tal pode ser observado no inquérito dos limites do cartão III, quando o João revela a sua dificuldade em constituir uma imagem humana íntegra e coesa: não só anula o relacional, como deforma e parcializa a figura assexuada, para de seguida a perder e encontrar “*a cara de uma pessoa*” num Ddbl insólito. É, assim, no culminar de um movimento regressivo até à presença de fundo da identificação primária, que o sujeito recupera a mais precoce representação do humano, mas a fragilidade deste constituinte psíquico coloca em causa a manutenção do investimento no objecto parcial, comprometendo a sustentação da continuidade do ser.

Relativamente ao predomínio do modo de ser simétrico sobre o assimétrico, tal pode ser evidenciado na dificuldade do João em conter, elaborar e significar a sua experiência emocional. A acção da função tradutora não se apresenta muito operante no seu propósito de dotar os conteúdos mentais de características que permitam a sua diferenciação e organização. Esta dinâmica pode ser observada em várias passagens em que as tentativas de assimetria resultam em confusão. Logo no primeiro cartão, depois de ver “*uma ave*” (classe), na mesma localização o sujeito vê “*um morcego*” (singularidade), mas a desordem instala-se quando se estabelece a equivalência entre os dois elementos (“*a ave é o morcego, claro!*”). A assimetria deu igualmente lugar ao aumento da simetria, levando à confusão de classes/reinos (aves – mamíferos) e à desorganização do pensamento (vejam-se as deformações que “*o morcego*” sofre no inquérito).

No cartão IV, na sequência de um movimento defensivo de restrição do campo perceptivo, o sujeito oferece a resposta “*continente africano*”, vindo de seguida “*Portugal*” numa área mais pequena pertencente à mesma localização. A passagem da classe continentes

para a singularidade “*Portugal*” resultou em desadequação formal e em desqualificação do objecto (“*uma caricatura de Portugal*”). No cartão V, como atrás mencionámos, a tentativa de assimetria da experiência emocional resultou em duas respostas com vários atributos comuns. No cartão VIII a abstracção “*vida*” revela a impossível contenção e designação da vivência despertada pelos tons pastel. No cartão IX a sobreposição do princípio da simetria (ausência de contradição) fica explícita na sequência “*países*”-“*água*”-“*fogo*”, uma vez que estes elementos se anulam mutuamente. Finalmente, no cartão X, a sequência de quatro respostas globais (“*planetas*”, “*países*”, “*órgãos*” e “*música*”) que visa conter a dispersão da mancha constitui-se como um poderoso movimento de aproximação ao objecto (assimetria), mas culmina na indiferenciação (simetria).

As dificuldades na diferenciação figura-fundo podem também ser entendidas enquanto uma perturbação da capacidade de estabelecer distinções entre o Eu e os objectos, devido à acção generalizadora do princípio da simetria. Este último pode agora ser relacionado com o movimento desagregador que temos vindo a referenciar, que reverte e/ou retira o significado e coerência das produções do João. O que entendemos como perda de sentido é, então, um aumento da simetria que, por um lado, elimina as características diferenciadoras dos objectos, o espaço e o tempo e, por outro, generaliza as semelhanças. Esta força unificadora é superior à capacidade da mente para manter as diferenciações e as características dos objectos, o que leva a que estes últimos se vão indiferenciando, interpenetrando e fundindo (cartão X – “*música*”). O pensamento é alvo de uma multiplicação de probabilidades que impede a organização de um continente (Grotstein, 2000/2005), instituindo um movimento circular e acentuando a dispersão, o que pode ser observado na prova de escolhas negativas – (cartões VIII e IX) “*Porque são uma miniatura deste (cartão X), prefiro ou os cinzentos ou este (X), esta etapa não interessa. Embora haja um caminho, claro, mas o fim é que interessa. O caminho existe porque é assim, é necessário... Vamos de um sítio para outro mas o que interessa é lá chegar, excepto quando vamos passear e queremos aproveitar o caminho. Mas se queremos chegar a um lado, o caminho não interessa, principalmente quando temos pressa.*” É notória a forma como o João vai perdendo o fio à questão levantada (quais os cartões que menos gostou e porquê) e o modo como o seu pensamento de vai duplicando e desviando do tema inicial.

É também devido à acção do princípio da simetria que se dá a redução da dimensionalidade do espaço psíquico, quando a acção da função tradutora falha na dotação de características espaço-temporais aos objectos. As falhas formais (F-), a invasão emocional (C', C) e algumas respostas Kob dão conta de um espaço psíquico unidimensional, resultado dos ataques destrutivos ao processo vincutivo e ao relacional. As representações tridimensionais são escassas, e quando surgem são rapidamente reduzidas na sua dimensionalidade (cartão I – “*uma ave a aterrar*”, “*isto é um desenho, não é real*”; cartão III – “*dois galos a tirar satisfações um ao outro*”, “*é um desenho figurativo*”). Predominam as respostas que dão conta de um espaço psíquico bidimensional, onde os objectos se apresentam instáveis (seis conteúdos Geografia, cinco determinantes F+-, conteúdos regressivos) e se procuram fixar recorrendo a uma característica da realidade perceptiva – a simetria das manchas.

As referências à simetria são, de facto, uma das formas que o sujeito utiliza na procura de estabilização identitária. A presença de seis banalidades permite afirmar que a manutenção do contacto com a realidade e a participação no pensamento colectivo permanecem estabelecidas, embora com rupturas. São também usadas estratégias de redução e ampliação do campo perceptivo para promover a coerência possível, assim como a fixação de objectos no eixo central e/ou na base do cartão (cartões II, VI e VII). As temáticas anaclíticas e narcísicas (cartão II – “*focinho pegado*”; cartão VI – “*frente a frente*”), os conteúdos geográficos e as respostas associadas a conteúdos de reforço de protecção (“*pele de animal*”, “*carasças de Carnaval*”, “*caranguejos*”) procuram assegurar os limites do Eu e dos objectos. São igualmente invocadas as defesas rígidas, nomeadamente a denegação, o isolamento e a intelectualização, de modo a promover a captação e fixação dos objectos, embora raras vezes tenham um valor de desimpedimento. Este funcionamento predominantemente bidimensional parece ser o registo mais adaptativo do João, uma vez que permite a adesão à realidade e confere alguma ordenação à sua experiência.

Agora que discutimos os parâmetros estabelecidos nos procedimentos, o que nos permitiu constituir vértices de observação do processo-resposta Rorschach que fossem sensíveis ao fenómeno em estudo, impõe-se que este último seja agora reunificado através da articulação dos diferentes elementos destacados. De facto, o nosso propósito foi de captação e descrição do fenómeno buraco negro, tendo para isso utilizado a metodologia Rorschach.

Vimos na revisão da literatura que este conceito comporta várias dimensões, e que a acção do buraco negro pode ser inferida pela actividade de um conjunto de processos psíquicos. Tentámos, então, destacar esses processos, o que obrigou a uma virtual divisão do fenómeno aquando dos procedimentos, mas com a finalidade de potenciar a sua emersão. Como verificámos na discussão dos resultados, as diferentes dimensões destacadas (presença de fundo, objecto traumático, descontinuidade do ser, predomínio da simetria, redução dimensional) acabaram por se mostrar inter-relacionadas e convergentes.

Assim, a precária constituição da presença de fundo da identificação primária dificulta a organização dos processos de significação, o que problematiza a relação com os objectos (sentidos como traumáticos). Como a continuidade da existência se funda neste permanente relacionamento entre sujeito e objectos, nos momentos em que esta relação é particularmente violenta, ocorre como que um curto-circuito (Winnicott, D., 1974) que provoca a ruptura da continuidade do ser. A incapacidade de significação fica a dever-se à inoperância das funções alfa e tradutora, na sua função de transformar a magnitude da experiência emocional em sentido pessoal. O excesso de simetria condensa os conteúdos mentais e reduz a dimensionalidade do espaço psíquico, impossibilitando a representação simbólica e a formação do pensamento. Uma vez que a dor do contacto objectal não pode ser designada, porque não tem nome, impõe-se então que a própria dor seja desprovida de sentido. Parece ser esse o movimento essencial que caracteriza o efeito aspirador do buraco negro, em que a parte psicótica da personalidade ataca os vínculos entre os pensamentos, anulando o espaço, o tempo e as separações. O movimento do instinto de morte instala-se então como uma corrente desagregadora e anti-crescimento (-K), que opera no sentido inverso dos processos de simbolização e significação. A compulsão à repetição e o desinvestimento suportam este movimento circular de retirada de sentido, que pode ser visto como uma espiral descendente em direcção ao indivisível.

Como observámos na análise do protocolo, o João apresenta um duplo funcionamento, operado pelo desmentido: um deles esforça-se por se adaptar de forma adesiva e conformista à realidade, fixando-a a duas dimensões; o outro ataca e parasita a mente e a matriz do pensamento, numa lógica de recusa do sentido e da dor. Esta dinâmica afecta a constituição de uma temporalidade psíquica, uma vez que os momentos de perda das coordenadas do espaço mental acarretam consigo a anulação do tempo. A obliteração do tempo (acção do

princípio da simetria) é, portanto, uma forma de confundir os elos de ligação entre os objectos e os pensamentos, retirando o sentido e rompendo a continuidade do ser. Instala-se, assim, aquilo que Grotstein (2000/2005) designa como o tempo rítmico e cíclico (depressivo), corolário da planura simbólica do espaço psíquico.

Depois de analisarmos o protocolo Rorschach do João segundo os procedimentos previamente estabelecidos, quisemos apresentar os nossos resultados e interrogações ao terapeuta do João, assim como saber acerca do seu estado actual. O terapeuta do João confirmou que o sujeito se queixa que a sua vida “*anda às voltas e volta sempre ao mesmo*”, revelando dificuldade quer em constituir uma história de vida pessoal (não recorda largos anos de vida depois da adolescência e apresenta algumas confusões entre passado e futuro), quer em organizar o seu tempo no dia-a-dia (está desempregado há vários anos, vive com o pai muito doente e passa a maior parte do tempo em casa, embora saia todos os dias para a toma de metadona no CAT das Taipas). Poderemos dizer que a dificuldade em organizar o seu tempo e as lacunas mnésicas (buracos psíquicos?) estão associadas, como sugere Laub (2003), ao trabalho do instinto de morte?

O João ocupa os seus dias junto ao computador, a ouvir música, navegar na Internet, jogar ou ver filmes. Mas, ciclicamente, volta a consumir cocaína e a apresentar-se mais desorganizado e deprimido. Está com vários problemas somáticos nos rins, fígado e intestinos (tem HIV+ e hepatite C), mas recusa-se a seguir as indicações médicas. Refere que é médico de si próprio, e que ultimamente tem vindo a fotografar as suas fezes, para as ir comparando e ir tendo uma ideia da sua evolução. Acha que desta forma fica a saber acerca do progresso do seu estado de saúde. Vemos que, também na sua relação com o meio, o sujeito expressa a necessidade de fixar a realidade a duas dimensões, para a partir daí procurar constituir uma continuidade. A confusão entre o dentro e o fora é também evidente neste exemplo. Os consumos regulares de cocaína podem ser lidos tanto como uma procura de excitação do mundo interno, como uma busca de um ritmo e de uma temporalidade (consumo-euforia-ressaca-procura-consumo...), ambos através da “ajuda” de um objecto externo aniquilante (cocaína).

A incapacidade do João em configurar um desejo, um sonho, um projecto e um sentido para a sua vida é bastante alarmante, muito por causa do labor silencioso e silenciador do instinto de morte, que visa neutralizar o Eu e os objectos através do desinvestimento libidinal

e representacional. Trata-se de um movimento activo (-K) que anula as relações espaciais, temporais e simbólicas entre o Eu e os objectos, distorcendo e esvaziando o seu significado. Em vez de sentido pessoal, encontramos “coisas em si” e sem sentido, que apenas se prestam a ser evacuados através do agir e da identificação projectiva, ou descarregados no soma. Entre a projecção e o retraimento o sujeito vai-se exaurindo, perdendo os laços libidinais com os objectos internos e externos, procurando o isolamento, a brancura e a planura psíquicas – o zero no lugar de “O”.

VIII - Conclusão

A motivação que impulsionou a realização desta dissertação nasceu do nosso desejo de compreender um fenómeno que observámos aquando do nosso estágio curricular no CAT das Taipas: sujeitos que se referiam a um profundo vazio interno, ao sem sentido das suas vidas, que apresentavam uma manifesta dificuldade em designar e pensar as suas emoções e, principalmente, que outorgavam a sua liberdade de ser a um objecto externo (com valor transitivo e/ou aniquilante?) que passava a comandar e parasitar as suas existências. Questionámo-nos sobre os mecanismos internos que estariam a determinar estas manifestações fenomenológicas, e encontrámos alguma compreensão nos modelos psicanalíticos em que se inscrevem os conceitos de vazio, buraco negro e instinto de morte. De seguida, procurámos articular estes conceitos com a patologia limite, que foi por nós pensada à luz das perturbações da subjectivação. Para isso, sentimos necessidade de nos familiarizarmos com teorias que sustentassem uma concepção do desenvolvimento e do devir humanos pela via da simbolização e significação. A descoberta dos modelos de Bion e Matte Blanco permitiu, por um lado, alargarmos a nossa compreensão dos processos psíquicos subjacentes ao desenvolvimento normativo e à expansão mental e, por outro, enquadrarmos a patologia borderline enquanto defeito na capacidade simbólica e de auto-regulação somato-psíquica.

Uma vez estabilizados os modelos teóricos em que inscrevemos a patologia limite e os conceitos desenvolvidos, enfrentámos o segundo desafio do nosso trabalho: constituir uma grelha de análise interpretativa da narrativa Rorschach que possibilitasse a identificação dos movimentos psíquicos que atestam a acção do buraco negro. Para isso, impôs-se um duplo trabalho: em primeiro lugar, dotar o instrumento de uma fundamentação teórica que fosse coerente e convergente com os modelos por nós anteriormente estabelecidos, o que foi possível a partir dos trabalhos de Marques (1999/2001) sobre a simbolização e significação no Rorschach; em segundo lugar, destacar os pressupostos teóricos que dão conta do trabalho do buraco negro e traduzi-los para a sua expressão no Rorschach. Nesse sentido, realçámos a precariedade da presença de fundo da identificação primária, a relação traumática com o objecto, as descontinuidades do ser, o predomínio da simetria sobre a assimetria e a redução da dimensionalidade do espaço psíquico como vértices de observação que poderiam assinalar

a presença do buraco negro, por oposição aos movimentos de procura de estabilização identitária que visariam contrariar a sua acção.

De seguida, analisámos e discutimos um protocolo Rorschach segundo os procedimentos desenvolvidos, tornando salientes as características singulares que as dimensões destacadas assumiram num caso particular (a fraca constituição da presença de fundo da identificação primária e da função continente; as vicissitudes da relação com os objectos, entre a perda e a intrusão, passando pela anáclise e pelo desdobramento; as rupturas na continuidade do ser; os efeitos nefastos do excesso de simetria e de dispersão na organização e significação das vivências emocionais; o predomínio de espaços mentais uni e bidimensionais e suas consequências ao nível da temporalidade psíquica). Ficou também patente o labor taciturno do instinto de morte em direcção ao buraco negro, operando numa lógica de destruição do sentido e da coerência do Eu e dos objectos. A compulsão à repetição e o desinvestimento servem de motor a este movimento desagregador e nadificante, que se constitui como a defesa máxima do aparelho psíquico para fazer face à impotência e ao sem sentido do viver. Finalmente, reflectimos acerca dos elementos recolhidos e procurámos reorganizá-los de modo a sintetizarmos as características do funcionamento mental do sujeito à luz do fenómeno em estudo.

* * *

Agora que chegamos à recta final deste trabalho, oferece-nos reflectir sobre o nosso ponto de partida e o nosso percurso. Ao lermos os parágrafos precedentes, relembramos os desafios que nos foram sendo colocados durante a realização desta tese. Entre desejos onnipotentes e a dor da renúncia, o nosso caminho foi tudo menos linear. Pensar o humano e a mente é tarefa fascinante e sedutora mas, como nos ensinam Bion e Matte Blanco, o pensamento é desadequado para saber acerca do ser. É por esse ser-essência ser tão secreto, único e especial que desejamos que ele possa “ser sido” e partilhado por cada um de nós. Por isso, tentámos constituir um método, suportado pelos modelos psicanalíticos, que permita identificar as tendências psíquicas que operam no sentido de despojar a vitalidade e a força de viver do suporte ontológico do humano. Tarefa insana, talvez, mas uma tentativa, um interesse genuíno, no limite das nossas capacidades actuais.

O desenvolvimento do nosso percurso não foi tão organizado como se poderia supor a partir da leitura dos três parágrafos que iniciam esta conclusão. A assimilação e acomodação de conceitos para nós novos e complexos, exigiu um tempo que não nos era possível prever. O nosso empenhamento na compreensão do fenómeno buraco negro conduziu-nos muitas vezes à dispersão e à frustração, mas foi igualmente a partir daí que alguma coerência começou a emergir, tornando-se mais clara a distinção entre o que era essencial e acessório. Foi a partir deste critério pessoal que se constituíram os procedimentos de análise da narrativa Rorschach. Pensamos que estes nos ajudaram a identificar o objectivo a que nos propusemos, e isso é tanto mais verdade que só depois de estabelecida a grelha de análise conseguimos captar o buraco negro no protocolo analisado, ainda que já o tivéssemos na nossa posse há vários meses. Admitimos que os parâmetros de análise propostos possam ter uma forte componente idiossincrática, e que o que nos ajudou a nós pode não facilitar a observação de um outro investigador. Mas também acreditamos que a análise de um protocolo Rorschach exige um conhecimento, um treino, um rigor e uma sensibilidade ao que está a ser dito e a que é que isso remete, que qualquer grelha, por si só, será sempre insuficiente. A “lente” que construímos para observar a acção do buraco negro permitiu-nos ver o que procurávamos, e esperamos que possa servir a outros colegas se se provar que possui algum valor. Porém, essa lente não substitui o olhar atento e informado do observador.

Dissemos que encontrámos o que procurávamos, o que não é bem verdade. Para sermos rigorosos, sabíamos o que procurávamos mas não o que íamos encontrar, e o que descobrimos surpreendeu-nos e inquietou-nos. A lógica desesperada de manutenção do Eu e do real em que o João está inscrito, fez-nos deparar com “lugares psíquicos” desconhecidos e, se calhar, não conhecíveis, talvez porque nem se possam constituir como lugares dada a ausência/infinita extensão de espaço e tempo. O movimento de desligação activa e de retirada de sentido, operando como uma contracorrente que se opõe ao trabalho (fragilizado) de simbolização e significação, coloca o João num sério risco de perda de coesão. E é com este assunto que terminaremos a nossa exposição.

A ser verdade o que os modelos teóricos sustentam sobre a articulação entre instinto de morte e buraco negro (mesmo que as suas designações se alterem), definidos como esse movimento de retirada em relação à inexistência que está presente em alguns quadros psicopatológicos, que postura podemos/devemos assumir enquanto clínicos? Em nosso

entender, impõe-se uma profunda reflexão sobre estes conceitos e suas manifestações clínicas. Independentemente da controvérsia em redor da existência ou não do instinto de morte como uma corrente inata, se pode ou não ser considerado um instinto, se deve ou não ter outro nome, parece-nos fundamental que se atente àquilo que o conceito designa. Se a actividade –K que destacámos na análise do protocolo do João estiver correctamente observada, e se a isso podemos designar de instinto de morte ou buraco negro, deve ser sobre *essa acção* que devemos concentrar a nossa atenção e pensar nas suas implicações. Pensamos que seria importante dar uma maior visibilidade e um maior valor a este movimento que aspira ao inumano, dotando-o de um importante estatuto de desorganizador psíquico. O investimento e a investigação em novas formas de identificação clínica deste fenómeno são áreas largamente por explorar. Também a reflexão e a pesquisa sobre formas eficazes de intervenção terapêutica para esta problemática seriam muito importantes, ainda que já se encontre alguma literatura sobre o assunto.

Da nossa parte, ficou a aspiração de irmos a desenvolver futuras investigações sobre o fenómeno buraco negro, designadamente através do alargamento do estudo a outras organizações patológicas. Na literatura consultada não vimos referências à presença do trabalho do buraco negro nas patologias neuróticas, o que não invalida um trabalho de exploração que incida sobre protocolos pertencentes a sujeitos com este registo de funcionamento. Já as perturbações psicóticas estão largamente documentadas como sendo (também) resultado do labor do instinto de morte, o que se constitui como um novo campo de investigação. A revisão e a constituição de novas grelhas de análise poderia igualmente enriquecer e contribuir para a expansão do instrumento Rorschach e para a compreensão da problemática em questão. Por fim, ficam-nos algumas interrogações: ainda que as manifestações do buraco negro sejam sempre observadas num indivíduo particular - logo, do mesmo modo que não há dois protocolos iguais, também a expressão do fenómeno assume características singulares – que invariâncias poderemos encontrar dentro de cada organização patológica? Poderemos encontrar alguma linha de desenvolvimento da acção desorganizadora do buraco negro, de modo a permitir avaliar o grau de gravidade/risco de uma manifestação particular?

Paradoxalmente, concluímos este trabalho com mais interrogações do que aquelas com que o começámos. O aprofundamento deste tema permitiu uma expansão significativa da

nossa capacidade de pensar segundo os modelos teóricos explorados e, em particular, desenvolveu a nossa sensibilidade e capacidade de dar sentido aos protocolos Rorschach dos seres humanos que em nós confiam para os ajudar a aliviar, compreender e ultrapassar o seu sofrimento. Este instrumento revelou-se um poderoso aliado na nossa busca do *“conhecimento das características da realidade psíquica, das propriedades e qualidades da mente, das relações que o sujeito estabelece com os objectos e do impacto e ressonância que os objectos têm para o sujeito”* (Marques, 1999/2001, p. 195). Na análise do protocolo do João, pensamos que nos foi possível destacar as qualidades e as necessidades da sua mente, salientando-se as carências do seu espaço psíquico que impedem a organização e significação da experiência, a introdução da temporalidade e perpetuam a negatividade, o sem sentido e o desinvestimento. O espaço mental assumiu-se, para nós, como o veículo da existência que, suportado pelo fundo de bondade da identificação primária, permite a representação interna das qualidades e características da realidade interna-externa (talvez seja essa a única realidade que existe para cada um de nós – a realidade/relação entre externo e interno, objectivação e subjectivação, percebido e vivido). A nossa harmonização com o real pode, assim, ser conseguida através da constituição de um espaço psíquico tridimensional que possa conter, traduzir e dotar de significação pessoal a experiência multidimensional que é sentir e existir no mundo relacional. A qualidade do nosso espaço mental determina a forma como sentimos e percebemos o mundo, uma vez que, como já dizia São Tomás de Aquino, *“o que é recebido é recebido de acordo com a natureza do recipiente”*.

Referências bibliográficas

- Biezman, C. (1966). *Livret de cotation des formes dans le Rorschach*. Paris : Centre de Psychologie Appliquée.
- Bion, W. R. (1957). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *International Journal of Psycho-Analysis*, 38, 266-275.
- Bion, W. R. (1959). Attacks on linking. *International Journal of Psycho-Analysis*, 40, 308-315.
- Bion, W. R. (1962). Theory of thinking. *International Journal of Psycho-Analysis*, 43, 306-310.
- Bion, W. R. (1963). *Elements of Psychoanalysis*. London: W. Heinemann.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations. Change from Learning to Growth*. London: W. Heinemann.
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1970)
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1998)
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1997)

- Chessick, R. (1995). Nothingness, meaninglessness, chaos, and the “black hole” revisited. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 23, 581-601.
- Damásio, A. (1999). *O Sentimento de si – O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Dias, C. A., & Fleming, M. (1998). *Psicanálise em tempo de mudança: contribuições teóricas a partir de Bion*. Lisboa: Afrontamento.
- Dias, C. A. (1999). *O Negativo ou o retorno a Freud*. Lisboa: Fim de Século.
- Dias, C. A. (2004). *Costurando as linhas da psicopatologia Borderland (estados-limite)*. Lisboa: Climepsi.
- Eshel, O. (1998). “Black holes”, deadness and existing analytically. *International Journal of Psycho-Analysis*, 79, 1115-1130.
- Fabião, C. (2007). *Narcisismo, Defesas Primitivas e Separação*. Lisboa: Climepsi.
- Fairbairn, R. (2000). O recalçamento e a reaparição dos objectos maus (com especial referência às “neuroses de guerra”). In A. Bacelar (Ed.) *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (pp. 83-110). Lisboa: Vega Editora. (Obra original publicada em 1943)
- Ferro, A. (1993). Mundos posibles y capacidades negativas del analista en su trabajo. *Anuário Ibérico de Psicoanálisis*, 3, 141-151.
- Fleming, M. (2005). Dor mental e toxicodependência. *Toxicodependências*, 11 (1), 3-13.

- Freud, S. (2001). Para além do princípio do prazer. In F. Lyon de Castro (Ed.), *Textos essenciais de Psicanálise* (Vol. I, pp. 227-278). Mem Martins: Europa-América. (Obra original publicada em 1920)
- Gonçalves M. F. (1993). Vacío y angustia de separación en la relación transferencial/contratransferencial. *Anuário Ibérico de Psicoanálisis*, 3, 121-129.
- Green, A. (1973). On negative capability. *International Journal of Psycho-Analysis*, 54, 115-119.
- Green, A. (1981). Negation and contradiction. In Grotstein, J. (Ed.), *Do I dare disturb the Universe? – A memorial to W. R. Bion* (pp. 317-440). Londres: Karnac.
- Green, A. (1982). La double limite. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 25, 267-283.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta. (Obra original publicada em 1983)
- Green, A. (1990). *On private madness*. Madison: International Universities Press.
- Green, A. (2000). A mente primordial e o trabalho do negativo. *Livro Anual de Psicanálise*, 14, 133-148.
- Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. (1991). *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Madrid: Tecnipublicaciones.
- Grotstein, J. (1978). Inner space: Its dimensions and its coordinates. *International Journal of Psycho-Analysis*, 59, 55-61.

- Grotstein, J. (1981). Who is the dreamer who dreams the dream and who is the dreamer who understands it?. In Grotstein, J. (Ed.), *Do I dare disturb the Universe? – A memorial to W. R. Bion* (pp. 357-417). Londres: Karnac.
- Grotstein, J. (1990). The “black hole” as the basic psychotic experience: some newer psychoanalytic and neuroscience perspectives on psychosis. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 18, 29-46.
- Grotstein, J. (1999). *O buraco negro*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Grotstein, J. (2005). *Quem é o sonhador que sonha o sonho? – Um estudo de presenças psíquicas*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 2000)
- Hesse, H. (2001). *Siddhartha – Um poema indiano*. (6ª ed). Lisboa: Editorial Notícias.(Obra original publicada em 1922)
- Joseph, B. (1981). Toward the understanding of psychic pain. In Grotstein, J. (Ed.), *Do I dare disturb the Universe? – A memorial to W. R. Bion* (pp. 93-102). Londres: Karnac.
- Kernberg, O. (1975). *Borderline conditions and pathological narcissism*. New York: Aronson.
- Kernberg, O. (1995). *Transtornos graves de personalidade – Estratégias terapêuticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laub, D. (2003). Thanatos and massive psychic trauma: The impact of the death instinct on knowing, remembering and forgetting. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 51, 433-463.
- Lipovetsky, G. (1996). *A era do vazio: Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água.

- López-Peñalver (1993, Março). *El vacío mental*. Comunicação apresentada na Conferência “Vacío, dolor mental y creatividad”, Madrid.
- Marques, M. E. (1994). Do desejo de saber ao saber do desejo: Contributos para a caracterização da situação projectiva. *Análise Psicológica*, 12 (4), 431-439.
- Marques, M. E. (1996a). Comunicação, interpretação e simbolização no Rorschach. *Análise Psicológica*, 14 (1), 39-44.
- Marques, M. E. (1996b). Feminino, fecundo e finito. *Análise Psicológica*, 14 (1), 45-52.
- Marques, M. E. (2001). A Psicologia Clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica (2^a ed.). Lisboa: Climepsi.
- Marques, M. E., & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica*, 12 (4), 459-462.
- Matte Blanco, I. (1975). *The unconscious as infinite sets: An essay in bi-logic*. London: Duckworth.
- Matte Blanco, I. (1981). Reflecting with Bion. In Grotstein, J. (Ed.), *Do I Dare Disturb the Universe? – A memorial to W. R. Bion* (pp. 489-528). Londres, Karnac.
- Matte Blanco, I. (1988). *Thinking, feeling and being*. Londres, Routledge.
- Matte Blanco, I. (2005). The four antinomies of the death instinct. *International Journal of Psycho-Analysis*, 86, 1463-1476. (Obra original publicada em 1973)
- Mitrani, J. (1995). Toward an understanding of unmentalized experience. *Psychoanalytic Quarterly*, 64, 68-122.

- Olievenstein, C. (1990). *Clínica do toxicómano: A falta da falta*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pereira, P. (1998). *O Espaço e o tempo: Intraligações*. Lisboa: Fim de Século.
- Pinheiro, C. (2005). *Criações sobre Leonardo da Vinci*. Lisboa: Climepsi.
- Rausch de Traubenberg, N. (1975). *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Cultrix. (Obra original publicada em 1970)
- Rausch de Traubenberg, N. (1983a). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach: O Rorschach espaço de interacções. *Análise Psicológica*, 4 (1), 17-22.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983b). Representação de si e relação do objecto. Grelha de representação de si: Análise comparada dos resultados de adolescentes doentes psíquicos e somáticos. *Análise Psicológica*, 4 (1), 31-40.
- Ribeiro, L. (1993). *O Bafo: ensaios sobre a duplicidade de Φ , o humano e técnica terapêutica*. Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica. Lisboa: ISPA.
- Ribeiro, L. (1992, Dezembro). *Abertura*. Comunicação apresentada no Colóquio “Caos & Meta-Psicologia”, Lisboa (reimpressão em C. Amaral Dias, L. Ribeiro e Núcleo de Investigação Universitária da AEISPA (Eds.), *Caos & Meta-Psicologia* (pp.17-20). Lisboa: Fenda, 1994).
- Shentoub, V. (1999). *Manual de utilização do TAT*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1990)

Singer, M. (1977a). The experience of emptiness in narcissistic and borderline states: I. Deficiency and ego defect versus dynamic-defensive models. *International Review of Psycho-Analysis*, 4, 459-469.

Singer, M. (1977b). The experience of emptiness in narcissistic and borderline states: II. The struggle for a sense of self and the potential for suicide. *International Review of Psycho-Analysis*, 4, 471-479.

Symington, J., & Symington, N. (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi.

Winnicott, D. (1960). The theory of the parent-infant relationship. *International Journal of Psycho-Analysis*, 41, 585-595.

Winnicott, D. (1971). *Playing and reality*. London: Routledge.

Winnicott, D. (1974). Fear of breakdown. *International Review of Psycho-Analysis*, 1, 103-108.

Zimerman, D. (1995). *Bion: Da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Anexos

Anexo A

Protocolo Rorschach do João (53 anos)

<p>I – 14’’</p> <p>1 – Uma ave... a aterrar, ou seja, a poisar num sítio qualquer plano. Há uma simetria, pondo um eixo exactamente ao meio. Quantas coisas quer que eu diga? É quase uma simetria, exacta, exacta, exacta, é quase simetria, 99%.</p> <p>2 – Também se parece um pouco com um morcego. É isto.</p> <p style="text-align: right;">57’’</p>	<p>Ave a aterrar, as asas um bocado exageradas, aqui as patas da frente. Isto é um desenho, não é real, é um bocado desfigurado. A forma das asas para dar uma simetria, porque nós também somos uma simetria, iguais de um lado e do outro. Tem as patas de trás juntas aqui, não são as patas, são o leme. O movimento é por este picotado e pelas pintinhas.</p> <p>A ave é o morcego, claro!</p>	<p>G Kan A</p> <p>Obs. Simet.</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>II – 3’’</p> <p>Traçando uma recta perpendicular ao meio, é uma simetria em relação ao outro.</p> <p>3 – Tem um jacto no meio, por exemplo, o resto é gases.</p> <p>4 – Pode ser também... o bico de uma ave, só que teve um desastre, aleijou-se e as asas estão completamente partidas.</p> <p>5 – E também podem ser 2 ursos a lutarem. E chega!</p>	<p>Aqui (D central sup) o bico da nave, aqui a nave (Dbl) e o resto, o preto e o vermelho, são os gases.</p> <p>O bico aqui (D central sup), a cabeça (Dbl), as asas aqui (D lat), e teve um desastre por causa do vermelho que é sangue, simboliza o aleijado.</p> <p>A cabeça, a boca aberta e o focinho pegado um ao outro. O resto é o corpo. Até tem as 2</p>	<p>Obs. Simet.</p> <p>Dbl/G Kob Obj</p> <p>G_bl F- A</p> <p>G Kan A Ban</p>

1'02''	patas. O vermelho simboliza a luta. Têm forma de ursos.	
<p>III – 8''</p> <p>É tudo simétrico traçando uma linha perpendicular ao meio.</p> <p>6 – Dois galos a tirar satisfações um ao outro.</p> <p>7 – Por outro lado, pode ser o nosso planeta ao nível da Itália, Europa e África, mas distorcido. E chega!</p> <p>51''</p>	<p>Cabeça, bico, aqui é a crista. Como é um desenho e não é real, como é que se diz, é um desenho figurativo. Aqui a crista (D lat vermelho) está fora da cabeça, os dois corações (D central vermelho) até saltaram derivado da situação.</p> <p>A bota da Itália, mas lá está, assim como a crista está fora, também a Itália está maior, não está na proporção da Europa, que é aqui. A África está aqui, mas deslocada, está mirrada, está só figurativa.</p> <p>I. L. – É possível. Cabeça, pescoço exagerado, tronco... depois aqui... um braço com a mão metida para dentro, aqui não vou dizer corcunda mas com um braço assim torcido. É só meio corpo, não há parte de baixo.</p> <p>D F- Hd</p> <p>R. A. – Ou então está aqui a cara de uma pessoa, com o nariz, olhos, boca aberta. Ddbl F- Hd</p>	<p>Obs. Simet.</p> <p>D Kan A</p> <p>D F- Geog</p>

<p>IV – 10’’</p> <p>Continuam as simetrias...</p> <p>8 – Um tapete de pele de urso, aberto. Não estou com muita imaginação.</p> <p>9 – Vejo caraças de Carnaval, ou não, não forçosamente de Carnaval.</p> <p>10 – Continente, continente africano, por exemplo.</p> <p>11 – Portugal também.</p> <p>12 – E para terminar uma sombra, pode ser uma sombra.</p> <p style="text-align: right;">1’13’’</p>	<p>Tapetes para se pôr em casa com a pele de um animal. Ia dizer leão mas parece mais um urso, forma de urso. Ele não está vivo, está morto e deu-me a ideia de tapetes.</p> <p>O todo parece uma caraça de Carnaval.</p> <p>Forma do continente africano, mas mais minguado.</p> <p>Eu disse Portugal? Pode estar aqui, um bocado em caricatura, vamos chamar uma caricatura de Portugal.</p> <p>A sombra tem a ver com a cor, sombra de árvore, por exemplo.</p>	<p>Obs. Simet.</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>G F- Obj</p> <p>D F+ Geog</p> <p>Dd F- Geog</p> <p>G C’ Sombra</p>
<p>V – 2’’</p> <p>13 – Bem aqui... aqui é um vampiro, não, qual vampiro!</p> <p>14 – É um morcego completamente aberto.</p> <p>É uma simetria, traçando uma linha perpendicular ao meio. Estou com pouca imaginação...</p> <p style="text-align: right;">43’’</p>	<p>Vampiros é animação, não é real.</p> <p>O morcego tem a fora exacta.</p>	<p>G FClob (H)</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>Obs. Simet.</p> <p>Crítica de si</p>

<p>VI – 11''</p> <p>15 – Um foguetão a partir para a lua, não, a partir, normalmente a partir para a lua.</p> <p>16 – Aqui, uma explosão. Mais uma simetria...</p> <p>17 – Um riacho, um rio.</p> <p>18 – Duas águias ou dois papagaios a lutarem, não, frente a frente. Quando dois animais estão frente a frente é para lutar.</p> <p style="text-align: right;">51''</p>	<p>O foguetão (D sup), aqui a propulsão.</p> <p>Isto é a explosão, fumo e gases.</p> <p>O rio (Ddbl central) aqui, as margens (D negro central) estão quase a juntar-se.</p> <p>Duas águias, só mais a cabeça e o tronco, está bem definido.</p>	<p>D Kob Obj</p> <p>D Kob Explosão Obs. Simet.</p> <p>D_bl Kob Nat D Kan A</p>
<p>VII – 8''</p> <p>Não sei por que é que me está a dar para a geometria, não, geografia.</p> <p>19 – Portugal, Espanha e França.</p> <p>20 – Uma cloaca.</p> <p>Mais uma simetria, traçando uma recta perpendicular ao meio.</p> <p>21 – Uma lagoa.</p> <p>22 – Uma rocha.</p>	<p>A forma dos países, mas estão separados.</p> <p>A cloaca é o sexo de um réptil, de um animal, acho que é réptil, nem sei bem porque é que me veio isso à cabeça.</p> <p>Por causa do branco.</p> <p>As rochas são por causa da cor e... sabe que as rochas têm formas irregulares, mas também há umas redondinhas. Elas estão sempre a ser mudadas pelo vento, pela erosão, a areia também bate lá. O vento leva a água e ela bate nas</p>	<p>D F- Geog Dd F- Sex Obs. Simet.</p> <p>Dbl C'F Nat D F+- Nat</p>

1'17''	pedras e parte as rochas.	
<p>VIII – imed.</p> <p>Mais uma simetria, da mesma maneira que tenho referido nas outras vezes.</p> <p>23 – De cada um dos lados um animal a subir.</p> <p>Muita cor... (afasta o cartão)</p> <p>24 - Vida</p> <p>55''</p>	<p>O focinho, olho, patas, cabeça e rabo.</p> <p>Vida tem a ver com a cor, simboliza a vida, dá ideias, dá pensamento.</p>	<p>Obs. Simet.</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>Obs. Cor</p> <p>G C Abstracção</p>
<p>IX – 4''</p> <p>Mais uma simetria... Eu digo isto porque é uma coisa que realça bastante, traçando a tal recta ao meio.</p> <p>Cor...</p> <p>25 – Países.</p> <p>26 – Água.</p> <p>27 – Fogo.</p> <p>Não me sai nada de jeito.</p> <p>1'01''</p>	<p>Países no geral, aqui no laranja vejo vários países, principalmente da Europa.</p> <p>A água é por causa da cor (D verde e Dbl). A água é uma coisa que para mim tem muita importância, é algo que eu não esqueço, é a coisa mais importante da vida.</p> <p>Fogo nesta parte de baixo (D rosa), dá ideia de chamas. E no laranja também!</p>	<p>Obs. Simet.</p> <p>Obs. Cor.</p> <p>D F+- Geog</p> <p>D C Elem</p> <p>D Kob Elem</p> <p>Crítica de si</p>
X – 6''	D azul	Obs. Simet.

<p>28 – Caranguejos</p> <p>29 – Planetas</p> <p>30 – Países</p> <p>31 – Órgãos</p> <p>32 – Música</p> <p>E chega!</p> <p>43''</p>	<p>Os planetas é tudo, derivado da cor e das formas.</p> <p>Os países é pelas mesmas razões, é tudo, pelas cores. Porque tá a ver, este foi o último cartão e foi o que abriu mais em relação aos outros, abriu com cor e vida. Daí essa coisa toda de países, planetas...</p> <p>Órgãos no geral, até porque também tem a ver com os nossos órgãos, quando estão bons são de uma maneira, se estão maus estão de outra maneira, diferem na cor e no aspecto.</p> <p>A música surgiu porque olhei para aqui (D central) e vi uns auscultadores e depois pensei também no computador, na música e naqueles efeitos de luzes. Aqui no meio estão os auscultadores e a música, ao tocar, dá várias formas e cores, movimentos.</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>G F+- Planetas</p> <p>G F+- Geog</p> <p>G F+- Anat</p> <p>G Kob Música</p>
---	---	---

Prova de escolhas

Positivo – X – Lá está, por ter começado no cinzento, embora eu goste de cinzento, até gosto de me vestir de cinzento, mas a vida não é em cinzento. A vida tem cor e movimento, e este desenho exprime isso.

Negativo – VIII e IX - Porque são uma miniatura deste (X), prefiro ou os cinzentos ou este (X), esta etapa não me interessa. Embora haja um caminho, claro, mas o fim é que interessa. O caminho existe porque é assim, é necessário... Vamos de um sítio para outro mas o que interessa é lá chegar, excepto quando vamos passear e queremos aproveitar o caminho. Mas se queremos chegar a um lado, o caminho não interessa, principalmente quando temos pressa.

Psicograma

R = 32	G - 15		F+ 6	A - 10	F% - 53,1
T. T. - 9'33''	(1 - G_bl)	ΣF 17	F- 6	H - 0	F+% - 50
T.R. - 57''	(1 - Dbl/G)		F+- 5	(H) - 1	Fa% - 68,8
T. L. M. - 7''	G% - 46,9				F+%a - 61,4
		K - 0		Geog - 6	
	D - 12	Kan - 4		Nat - 3	A% - 31,3
	D% - 37,5	Kob - 6		Obj - 3	H% - 0
				Elem - 2	(H)% - 3,1
	Dbl - 3	C - 3		Sombra - 1	
	(2 - D_bl)	CF - 1		Explosão - 1	Ban - 6
	Dbl% - 9,4			Sex - 1	
		F Clob - 1		Abstracção -	
				1	
	Dd - 2			Planetas - 1	
	Dd% - 6,2			Anat - 1	
				Música - 1	
TRI - 0K : 5,5	ΣC				
F. Comp - 10	$\Sigma k : 0$	ΣE		Choque - V	
RC% - 31				Obs. Cor - VIII, IX	
				Crítica de si - V, IX	
Prova de escolhas:				Obs. Simetria - I, II, III, IV,	
Positiva - X				V, VI, VII, VIII, IX, X	
Negativa - VIII, IX					